



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

LUÍS ANTÓNIO SILVA FERNANDES

Agostinho, Pastor e Pregador

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Isidro Pereira Lamelas

Lisboa
2022

Em memória do Meu Pai João Fernandes:

“A boa educação é a chave que abre todas as portas”.

A minha Mãe Domingas, aos meus irmãos e sobrinhos.

Aos seminários por onde passei, colegas e Formadores,

Ao meu orientador Isidro Lamelas.

Ao meu bispo, Cardeal Arlindo Furtado.

Resumo

A nossa dissertação pretende abordar Agostinho na sua atividade mais persistente e quase quotidiana: «a pregação». O pastor de Hipona, ao longo dos anos da sua vida de presbítero e bispo, foi e é um modelo de pregador. Propomo-nos verificar porquê e como, focando-nos na leitura dos seus “Sermões ao Povo”.

A partir da leitura mais atenta de alguns Sermões e de outros textos de Agostinho, desenvolveremos o nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, falaremos da vida do Santo de Hipona, destacando o processo da sua conversão e os principais confrontos com pelagianos, maniqueus e donatismo; a sua ação pastoral na Igreja local, africana e universal, o papel do bispo ou do pastor; o lugar da Sagrada Escritura na forma como ele assumiu e percebeu os seus encargos episcopais. No segundo capítulo falaremos dos *sermões* enquanto tais. Onde a Sagrada Escritura ocupa um lugar central, particularmente no contexto da liturgia. Daremos especial atenção aos sábios conselhos propostos aos pastores, nas suas tarefas da pregação, a partir de sua obra *De doctrina christiana*, com o intuito de ensinar, convencer e converter. Por último, o nosso terceiro, falaremos de Agostinho como modelo de pastor, prestando atenção ao seu agir pastoral no dia-dia, na pregação, na liturgia e no cuidado aos mais necessitados.

Palavras-chaves: Agostinho; Pregação, Sermões; Pastor; Servo; Pastoral; Igreja; Liturgia.

Abstract

This dissertation intends to approach Augustine in his most persistent, all but daily activity: preaching. The pastor of Hippona, throughout his life as both priest and bishop, was and remains a model preacher. Within this dissertation, I propose to verify why and how, while focusing on the reading of his "Sermons to the People".

Based on a more attentive reading of a selection of Augustine's sermons and other texts, I develop this work over three chapters. In the first, I cover the life of the Saint of Hippona, highlighting the process of his conversion and main confrontations with Pelagians, Manichaeans, and Donatism. In addition, I speak of his pastoral action in the local, African, and universal Church, specifically in role of bishop or pastor. Chapter 1 concludes with a discussion of the place of the Sacred Scripture as Augustine assumed and perceived his episcopal duties. The second chapter focuses on sermons as such, where the Sacred Scripture occupies a central place, particularly in the context of the liturgy. Here, I pay special attention to the wise counsels proposed to pastors in their preaching tasks, beginning with Augustine's work *De doctrina christiana*, with the intention of teaching, convincing, and converting. Finally, the third chapter discusses Augustine as a model pastor, focusing on his pastoral actions in day-to-day life, his preaching activities, in the liturgy, and in caring for the needy.

Key words: Augustine; Preaching, Sermons; Pastor; Servant; Pastoral; Church; Liturgy.

Siglas e abreviaturas

a) Agostinianas

C. Don = *Contra Donatistas*

C. ep. Man. = *Contra epistulam Manichaei quam vocant fundamenti*

C. Faust = *Contra Faustum Manichaeum*

C. Jul = *Contra Julianum*

C. Jul.imp. = *Contra Julianum opus imperfectum*

C. Litt. Pet = *Contra litteras Petiliani*

Cat.rud. = *De catechizandis rudibus*

Civ. = *Dei De civitate Dei*

Conf. = *Confessiones*

Cresc. = *Ad Cresconium grammaticum partis Donati*

Doc. Chr. = *De doctrina christiana*

En. Ps. = *Enarrationes in Psalmos*

Ep. = (*epp*) *Epistulae*.

Ep. Jo. = *In epistulam Johannis ad Parthos tractatus*

F.et op. = *De fide et operibus*

Gr.et lib.arb. = *De gratia et libero arbitrio*

Gr.et pecc.or. = *De gratia Christi et de peccato originali*

Jo.ev.tr. = *In Johannis evangelium tractatus*

Mor. = *De moribus ecclesiae catholicae et de moribus Manichaeorum*

Nat et gr. = *De natura et gratia*

Nupt.et conc. = *De nuptiis et concupiscentia*

Op. mon. = *De opere monachorum*

Ord. = *De Ordine*

Pecc. mer. = *De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum*

Praed. sanct. = *De praedestinatione sanctorum*

S. = *Sermones*

Sol. = *Soliloquia*

Trin. = *De Trinitate*

Vera rel. = *De vera religione*

b) Outras fontes

AAS = *Acta Apostolica Sedis*

BA = *Bibliothèque Augustinienne*

BAC = *Biblioteca de Autores Cristianos*

CCL = *Corpus Christianorum Latinorum*

CNE = *Città Nuova Editrice*

CSEL = *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*

Dir. = *Director, dirigido*

Ed. = *Edição ou editor*

GUEL = *Sermones G. Morin Guelferbytani*

NBA = *Nouva Biblioteca Agostiniana*

OSA = *Obras de San Agustin*

PL = *Patrologiae cursus completus, series latina*

PH = *Coleção Philokalia*

SC = *Sources Chrétiennes*

Ss. = *Seguintes*

T = *Tomo*

Trad. = *Tradução*

WIL = *Sermones A. Wilmart*

Vol. = *Volume*

Introdução

Desde os primeiros séculos, a Igreja seguiu a experiência de Jesus que escolheu os apóstolos para estarem com Ele e serem enviados em missões. Ciente de que a fé “nasce da escuta” (Rm 10,17), a Igreja nunca descurou a pregação como dimensão principal da sua missão. Sabendo como esta tarefa se reveste de particulares dificuldades em nossos dias, quisemos revisitar uma das maiores referências da história do cristianismo, para nele encontrarmos algumas orientações para nosso tempo.

Neste sentido, a nossa dissertação pretende estudar Santo Agostinho, na sua faceta talvez menos abordada, de Pastor e pregador, dimensão e tarefa a que dedicava a maior parte do tempo após a ordenação presbiteral. O pastor de Hipona através da pregação respondia diariamente a vários questões, necessidades e incumbências do seu povo. Hoje mais do que nunca os pastores são homens de palavras. Agostinho ao longo dos anos foi e é um modelo de pregador nas suas varias etapas, desde da sua preparação, começando pela oração, um conhecedor das ovelhas confiadas, a forma de expor, o seu conteúdo e com o objetivo que a palavra toque e ressoe nos corações dos seus ouvintes. O pastor das almas continua a ser mestre e referencia para quem peregrina no espaço e no tempo.

A ideia do nosso trabalho começou, primeiramente, pela noção da relevância que os autores patrísticos, e especialmente Santo Agostinho, conservam na história e tradição da Igreja. Por outro lado, o facto de me encontrar na iminência de iniciar o estágio pastoral, levou-me a interessar-me especialmente pela vertente pastoral que, se Deus quiser, irá também ocupar uma boa parte da minha vida.

Para realizarmos os objetivos do nosso trabalho, vamos dividi-lo em três momentos ou capítulos. No primeiro capítulo faremos uma aproximação de Agostinho, enquanto pastor de Hipona fazendo uma síntese biográfica, apresentando o seu trajeto de vida desde da sua conversão até ter sido chamado a pastorear a Igreja de Hipona. Agostinho enquanto pastor empreendeu uma imensíssima atividade pastoral. Esta escreveu-se no contexto de sucessivas acesas controvérsias: com o donatismo, o maniqueísmo, com o pelagianismo, etc. Em todas estas querelas, guiou-se sempre pelo princípio da caridade e procurou acima de tudo a unidade da Igreja promovendo amizades, trocando cartas e mantendo contactos com as comunidades de aquém e além

mar. Daremos atenção à figura e papel do bispo na sociedade do século IV e V, bem como à centralidade da Sagrada Escritura na vida e missão pastoral de Agostinho.

No segundo capítulo falaremos dos *Sermões* enquanto tais. Sabendo que a pregação acontece na maior parte das vezes ao ritmo das celebrações litúrgicas, onde a Sagrada Escritura ocupa um lugar central, particularmente na celebração da eucaristia. Nisto, Agostinho pede-nos uma coerência entre o que é celebrado e o que é vivido. A relação entre a liturgia e a vida, entre a missa do altar e a missa da vida. Para isso, o pregador deve servir-se da arte e técnica retórica ensinada nas escolas, mas convertida à oratória cristã, nomeadamente, como ensina na sua obra *De doctrina christiana*. Nesta obra o nosso pregador coloca os melhores méritos da velhinha retórica ao serviço da palavra, de que ele próprio é um servo a tempo inteiro. Servo de Cristo e da Igreja. Esta obra serve de conclusão do nosso capítulo, dando sábios conselhos aos pastores, nas suas tarefas da pregação, com o intuito de ensinar, convencer e converter.

Por último, no terceiro capítulo estudaremos Agostinho como modelo de pastor, prestando atenção ao seu agir pastoral no dia-dia, na pregação, na liturgia e no cuidado aos mais necessitados. A partir do modelo Cristo, o Bom Pastor que todos devem seguir, a sua ação pastoral tem como fio condutor o amor e a gratuidade, pelo qual os homens são movidos a conhecer e a amar a Deus. O pastor deve ser o homem da caridade, da humildade, da pobreza¹ e da oração. Guardar e vigiar é o ofício e o dever do pastor como sentinela e dispensador da graça de Deus, que se resume em ser *Mestre e Pai* do povo. É na Sagrada Escritura que ele encontra os motivos e as forças para anunciar Cristo, porque ela contém o tesouro da Palavra de Deus. Daremos, por isso, atenção ao uso que o Santo de Hipona faz da Escritura no seu dia-dia pastoral.

Ao longo dos séculos o nosso pastor foi tido como um modelo, pelos escritos que deixou e pelos estudos que se fizeram das suas obras e do seu pensamento. Um homem que nos fala a partir de uma voz silenciosa, através dos seus escritos. Nisto são lançadas três perguntas para compreender a sua atualidade. Porque continuamos a interessar-nos pelo seu pensamento? O que é que o seu estudo tem a dizer-nos e qual será o seu contributo para as gerações vindouras?

Quanto à metodologia do nosso trabalho, importa referir que seguimos e procuraremos o mais possível acompanhar o Pregador de Hipona quando nos fala pelas

¹ Pobreza como uma opção evangélica.

suas próprias palavras. Servimo-nos, em primeiro lugar, dos *sermões* e de outras obras do nosso autor. Sem escondermos algumas dificuldades com o latim antigo, servimo-nos das traduções em língua moderna sempre que estas nos estiverem acessíveis.

Capítulo I

Agostinho, pastor de Hipona

O trajeto da conversão de Agostinho é sobejamente conhecido. Da profícua pena do próprio Santo africano chegou-nos a obra-prima e referência maior da literatura cristã, as *Confissões*. Modelo de narrativa autobiográfica (com amplo alcance no pensamento posterior até à idade contemporânea, como atesta, por exemplo, a obra de Paul Ricoeur²), as *Confissões* espelham, sobretudo, a inquietude existencial de um homem determinado na procura de si e de Deus, em quem descobriu o único Bem capaz de preencher o seu vazio existencial. Todo o percurso de Agostinho até chegar à conversão é motivado pela busca e amor à verdade. A sua conversão marca, não apenas o começo de uma vida nova, mas inaugura também uma nova era da palavra interiormente gerada e exteriormente comunicada.

A experiência íntima de Deus, intensificada desde Cassiciaco, tende desde então, a tornar-se experiência partilhada e *confessada* na tríplice dimensão: *confessio fidei*, *confessio laudis e confessio peccati*.

Uma vez eleito pastor (391, presbítero; 395, bispo), estas três dimensões farão parte do seu pastoreio que consistiu num zeloso serviço da Palavra.

1.1 - Síntese biográfica

Agostinho nasceu na África magrebina, na cidade de Tagaste. Filho de mãe cristã e pai pagão. Teve desde muito cedo acesso a uma esmerada formação intelectual, onde se sublinha o estudo de gramática e de retórica, este último realizado em Cartago, capital da África romana. *Rhetor* de exceção, deu início a uma promissora carreira profissional, que o levou a assumir a função de professor de Retórica, primeiro em Cartago, depois em Roma e, finalmente, na corte imperial de Milão. Foi precisamente na urbe mediolanense que Agostinho encontrou o seu preceptor e diretor espiritual, Ambrósio³ de Milão. Conta que frequentava regularmente a catedral da cidade para ouvir os sermões de Ambrósio⁴. Foi assim, que por detrás da brilhante oratória do bispo milanês, o filho de Mónica foi despertando para redescoberta da palavra de Deus.

² Cf. Isabelle Bochet, *Augustin dans la pensée de Paul Ricoeur* (Paris: Editions des Facultés Jesuites, 2004).

³ Agostinho, *Confissões* 5, 13 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 139.

⁴ Agostinho, *Confissões* 6, 3-4 (NBA, 1) 149-151.

Ainda em África, após a leitura do *Hortensius* de Cícero, já tinha percebido que mais importante que bem falar é bem pensar e buscar a verdade ou sabedoria, da qual depende a felicidade (*beata vita*). Em Itália, afastou-se definitivamente do maniqueísmo e reaproximou-se da fé católica que sua mãe sempre lhe tentou incutir. Em Ambrósio encontrou a mediação providencial que o reconciliou com a Igreja e o preparou e conduziu ao catecumenato e aos sacramentos de iniciação cristã⁵.

A partir deste momento, não se preocupou em constituir família, nem com as honras mundanas e riquezas, pensando em servir a Deus com todo seu coração e conforme a fé da Igreja e os seus melhores modelos (Mónica, Antão, Ambrósio...). Depois de ter recebido a grande graça do batismo, regressou a África juntamente com os seus companheiros. Vendeu tudo o que tinha e constituiu, com um grupo de amigos, uma comunidade monástica, onde pensava passar o resto da vida dedicando-se à oração, ao estudo e à meditação da palavra de Deus. Devido ao empenho, ao talento e ao amor que colocava em tudo o que fazia, a sua fama depressa se espalhou. Era conhecido sobretudo, pela forma diligente e cuidada como formava bons cristãos, temerosos a Deus⁶.

Aos 35 anos deslocou-se a Hipona, com o intuito de aí estabelecer um mosteiro com os seus Irmãos, *servus Dei*. Não tinha no seu horizonte vir a ser sacerdote, e menos ainda Bispo. Tinha apenas o desejo ardente de se abandonar nas mãos de Deus, vivendo «longe das tendas dos pecadores e optando por habitar, com a graça de Deus, na casa do Senhor para sempre»⁷.

Valério presidia à cátedra da Igreja católica de Hipona. Num domingo, tendo presente as necessidades pastorais da sua Igreja, dirigiu-se aos fiéis, falando-lhes da sua intenção de escolher um candidato idóneo ao presbiterado⁸. Nessa altura, Agostinho estava presente no meio da assembleia. Surpreendido pelos que o rodeavam, foi conduzido até à Cátedra onde o Bispo Valério se encontrava. Neste momento particular, Agostinho, dada a sua formação e eloquência, a sua vida ascética e o seu amor pela *casa do Pai*, detinha uma sã autoridade no seio da comunidade cristã de Hipona. Foi assim

⁵ Cf. Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 342-423. Para biografias mais recentes, veja-se, F. Van Der Meer, (*San Agustín, Pastor de Almas*), Serge Lancel, *Saint Augustin*, Paris, Fayard, 1999; Peter Brown, *Augustine of Hippo. A Biography*, Berkley/Los Angeles, University of California Press, 2000; Gerald Bonner, *Saint Augustine of Hippo. Life and Controversies*, Norwich, Canterbury University Press; and Henry Chadwick, *Augustine of Hippo. A Life*, Oxford, Oxford University Press.

⁶ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 2-3 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 345-347.

⁷ Agostinho, *Sermão* 355, 2 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 246.

⁸ Possídio, *Vida de S. Agostinho*, 4 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 3473; Cf. F. Van Der Meer, *San Agustín, Pastor de Almas* (Barcelona: Editorial Herder, 1965), 26.

apresentado com um clamor unânime de todos os fiéis diante de Valério. O Bispo de Hipona já era um homem de idade avançada. De origem grega, o seu domínio do latim era diminuto, bem como a sua compreensão do dialeto púnico do povo do campo da sua diocese⁹. Por estes motivos, manifestou o desejo de ter o apoio de um presbítero, que possuísse o dom da palavra e que fosse erudito e entendido na língua latina.

Valério, mais tarde, e recordando este momento da sua vida, comentou que Deus, naquele dia, tinha escutado a sua oração e realizado o seu maior anseio.

A resistência de Agostinho, banhado em lágrimas, de nada lhe valeu. Comenta mais tarde, que a sua reação chegou a ser mal interpretada, pois pensaram que Agostinho aspirava a algo maior. Mas também foram muitos os que o tentaram consolar, dizendo-lhe que o sacerdócio era uma missão pequena para ele, mas que em breve, o iriam eleger Bispo.

Finalmente recebeu de Valério a imposição das mãos¹⁰. Foi a segunda reviravolta que teve lugar na sua vida, pela graça de Deus¹¹. Após a ordenação, estabeleceu-se no mosteiro junto da Catedral, onde vivia com os seus companheiros, “servos de Deus”, segundo a regra estabelecida pelos Apóstolos.

A primeira atividade que Valério pediu a Agostinho, foi que dirigisse um sermão ao povo, na Igreja maior de Hipona. Por norma, o sermão fazia parte do múnus episcopal. Daí este pedido ter suscitado reações da parte de alguns bispos. No entanto, outros passaram, desde então, a seguir o seu exemplo. Valério fez este pedido ao jovem retor pela sua mestria na exposição da doutrina. Por coincidência ou não, o Papa Celestino I, pouco depois deste facto, proibiu o episcopado de Itália de delegar a um presbítero o ministério da pregação¹².

Entretanto, Agostinho pediu tempo e condições para estudar a Sagrada Escritura; o que lhe foi concedido. Antes, já tinha escrito a obra «*Sobre a verdadeira religião*», onde expunha de forma clara e concisa a essência do cristianismo, usando magistralmente a arte da retórica. Seria a primeira de muitas obras, onde procuraria conduzir as almas dos fiéis à salvação.

⁹ Cf. Peter Brown, *Biografía de Augustín de Hipona* (Madrid: Revista de Occidente, S. A. 1969) 180.

¹⁰ Possídio, *Vida de S. Agostinho*, 4 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 347; Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 26.

¹¹ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 28.

¹² Possídio, *Vida de S. Agostinho*, 5 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 349; Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 28-29.

Os seus sermões eram escutados e admirados pelos fiéis de Hipona. Muitos deles não ficaram escritos. Um dos primeiros a ficar registado no pergaminho foi o referente ao texto bíblico Mt 5, 1-12, conhecido como o “sermão da montanha”.

A frequente exposição pública fez com que a fama do novo presbítero fosse aumentando de dia para dia¹³. Encarava tudo o que fazia como parte do dever de apascentar o rebanho do Senhor e, como tal, fazia-o com todo o coração, com toda a alma e com todas as suas forças. Por isso, depressa suscitou o apreço e admiração de muitos. Assim, nem o Bispo Valério, nem o povo de Hipona, pensavam “abrir mão” de tamanho tesouro. Para assegurar a presença dele em Hipona, Valério, temendo que um outro bispo o consagrasse, escreveu secretamente ao bispo Aurélio de Cartago, narrando a sua intenção de consagra-lo como Bispo. O primaz de Cartago, percebendo a intenção do seu irmão no episcopado, deu o seu consentimento por escrito. Aproveitando a visita do primaz de Numídia, Bispo de Calama, Megálio, à Sé de Hipona, Valério deu a conhecer a todo o clero e ao povo de Deus a sua intenção de nomear um adjunto para a Igreja de Hipona. Os fiéis rejubilaram com a notícia.

Surpreendido com tamanha novidade, o visado resistiu, a princípio, argumentando que não se poderia avançar com a ordenação, em virtude do atual Bispo de Hipona, Valério, estar em plenas funções. Não obstante a sua resistência, foi-lhe mostrado que esta era uma prática comum em ultramar e em outras partes de África. Infelizmente, nem Valério nem Agostinho, sabiam que esta prática tinha caído em desuso e que chegara, inclusive, a ser proibida pelo cânone 8 do Concílio de Niceia¹⁴. Todos concordaram com a ordenação, com a exceção de Megálio, bispo primado de Numídia. Megálio, contaminado por alguns comentários pejorativos em relação a Agostinho, opôs-se à ordenação, alegando diversos problemas na sua conduta. Materializou a sua oposição, escrevendo uma carta maligna¹⁵ ao Sínodo, denunciando a conduta de Agostinho. As acusações apoiavam-se no facto de ele ter tido uma mulher e de ter sido adúltero. Após diversas diligências da comissão sinodal, provou-se a inocência de Agostinho. O próprio

¹³ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 29-31.

¹⁴ Possídio, *Vida de S. Agostinho*, 8 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 353.

¹⁵ Carta que foi copiada pelos seus inimigos, que nos confrontos apresentavam como uma das suas más condutas. Pela morte de Megálio, Agostinho escreveu uma carta vinte quatro dias depois do seu sepultamento, afirmando ser um amigo íntimo, mas não esqueceu de chamar atenção do perigo da ira, pois, a sua memória fez-lhe recordar o mal-estar, que chegou a causar. Agostinho, *Ep. Ep.* 38, 2 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 296.

bispo Megálio, reconhecendo que tinha concebido um juízo falso, formulou um pedido de desculpas¹⁶. Entre maio de 395 e agosto de 396 é sagrado bispo coadjutor de Valério.

No ano 396, morreu o *senex* Valério. Com a morte deste, o bispo Agostinho, com 42 anos, ocupou a cátedra de Hipona. Fê-lo com puro sentido de obediência à Igreja, que tanto amava. Assim, por amor e sentido de missão, abraçou com total diligência o seu novo ministério, entregando-se à cura das almas, que lhe tinham sido confiadas. Revestido da armadura de Deus, pela palavra e pela oração, Agostinho luta sem descanso contra os inimigos que assolavam o seu povo e que se opunham à glória e triunfo de Cristo. Enquanto pastor, não queria ser muito mais que isto: «Sou cristão convosco, e bispo para vós»¹⁷. Nunca entendeu o ministério como uma honra, mas sempre como uma forma de servir, procurando imitar em tudo o seu Mestre Jesus.

A missão de Agostinho teve lugar, sobretudo em Hipona¹⁸. Todavia, e em virtude de diversas solicitações, criou outrossim, uma relação forte com Cartago, onde recordava amiúde os seus dias de estudante e onde pregou os seus mais importantes sermões¹⁹. Mas o seu coração estava em Hipona. Revela-o numa carta dirigida a um jovem sacerdote, onde diz que só saiu de Hipona por motivos estritamente eclesiais e com mandato e permissão do Bispo para onde se deslocava. Tinha conhecimento que os seus fiéis apreciavam muito a sua presença e como tal, não gostavam que o seu bispo se ausentasse durante muito tempo²⁰. Por isso, e pelo apreço que tinha por Hipona, ausentava-se o menos possível da sua terra²¹.

Tinha muita dificuldade em viajar por mar. Todavia, com o aumento dos sínodos e porque fazia parte das comissões eclesiásticas, teve de viajar diversas vezes. Ainda que com dificuldade, fazia-o com gosto, pois tratava-se de refutar publicamente, os erros e as

¹⁶ Agostinho, *Cresc.* 3, 80, CSEL 52, 484-485; 4, 65, CSEL 52, 563.

¹⁷ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 8 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 353; Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 31-33.

¹⁸ Uma diocese não muito extensa, mas importante, porque tinha um porto, o que permitia comunicar com muitas outras cidades mais importantes da época. A sua organização administrativa encontrava-se diferenciada em três grupos sociais bem diferentes: os funcionários da cidade; os comerciantes e os marinheiros da costa; e os camponeses no interior da zona rural. Aí, falavam-se três línguas: no interior e no campo falava-se o Púnico; os funcionários falavam o Latim; e os comerciantes utilizavam o Grego. No âmbito religioso existia um pluralismo religioso, desde ateus, pagãos, até judeus e maniqueus; entre os cristãos havia várias heresias. Teodoro C. Madrid, «El ministerio pastoral según San Agustín», em *Revista Agustiniana* 122, Vol XL (1999): 654-655.

¹⁹ Pelo menos temos 60 sermões proferidos em Cartago, dos quais 34 são sobre os Salmos. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 37.

²⁰ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 35-38.

²¹ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 35. Não empreendeu grandes viagens, pois não gostava de sair do continente. Foi Alípio quem viajou para Roma e para Palestina para saudar Jerónimo em nome de Agostinho, isto no ano 419. No ano 420, Alípio foi a Roma entregar pessoalmente ao Papa Bonifácio a obra *Contra as cartas dos Pelagianos*.

heresias que começavam a proliferar entre o povo. Não poderia permitir isso, de tal forma, que sempre que era convidado, pregava com entusiasmo. Na sua pregação²² por um lado, apresentava de forma clara e lógica a verdadeira doutrina e, por outro lado, colocava a descoberto as falácias que circulavam em diversos âmbitos e comunidades da Igreja. Movia-o o cuidado dos fiéis e o crescimento da Igreja de Deus. Dia e noite, entregava-se a este labor de anunciar Cristo e a verdadeira doutrina da Igreja. Fazia-o através de cartas, debates, pregações e de pequenas obras da sua vida quotidiana, ciente de que «tudo perece, só a obra permanece»²³.

Realizou diversas incursões contra as heresias, embora procurasse sempre a reconciliação, a paz e a unidade. Os seus “adversários” foram sobretudo: os donatistas²⁴, os pelagianos²⁵, os arianos²⁶ e os maniqueus²⁷. Em algumas ocasiões recorreu ao braço secular e defendeu o uso da força para neutralizar fações que considerava heréticas, como foi o caso do donatismo norte-africano.

Uma das suas principais ocupações era a pregação²⁸. Todos, inclusive os seus irmãos no episcopado, o escutavam com atenção. Era admirado por todos e, com frequência, procuravam-no para que os elucidasse em matérias de fé e que os iluminasse sobre o sentido de alguma passagem bíblica.

Agostinho, enquanto pessoa, e muito mais como Bispo, era simples e humilde. As suas roupas e calçado eram sóbrios e convenientes. Como bispo, utilizava um hábito sem anel e sem cruz peitoral. Em casa, nas refeições, abundavam sempre a verdura e os legumes, na sua refeição frugal, acompanhada de um copo de vinho. Por vezes, aquando da receção de uma visita ou de um convidado, servia-se também carne à refeição. Possuía, de facto, uma grande sensibilidade hospitaleira com todos os que o visitavam. Quando não tinha hóspedes, a refeição era acompanhada com uma leitura espiritual²⁹. Uma das práticas que Agostinho não tolerava nem mesmo à mesa, era o juramento³⁰. Dentro do convento, nunca permitiu a familiaridade e a permanência de uma mulher. Esta mesma regra servia para as sobrinhas e para as religiosas.

²² Cf. Isidro Pereira Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra Gaudeo ubi audio* (Coimbra: Tenacitas, 2012) 29-35.

²³ Lema de São João de Deus.

²⁴ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 14 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 363.

²⁵ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 18 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 371-373.

²⁶ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 17 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 367-371.

²⁷ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 16 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 367.

²⁸ Cf. Lamelas, Isidro Pereira, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 9-84.

²⁹ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 22 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 377-379.

³⁰ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 25 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 383-385.

Visitava com frequência as viúvas, os enfermos — aos quais impunha as mãos — e os alunos que estavam a passar por alguma tribulação. Visitava os mosteiros de religiosas apenas em caso de necessidade. Chegou mesmo a visitar um amigo, quando este estava à beira da morte³¹.

Para Agostinho, não era suficiente acreditar em Jesus. Era necessário viver como Jesus. Desta forma, sempre viveu de uma forma muito humilde e pobre. Chegou mesmo a afirmar que as rendas que recebia enquanto bispo, eram vinte vezes mais que as suas modestas rendas que recebia dos seus pais; mesmo assim doou-as aos monges de Tagaste³². Era como o sacerdote da Ilíria seu contemporâneo, fundador de Santa Sabina: «rico para os pobres, pobre para si, na vida presente fugir dos bens, merecendo esperar o futuro»³³. Os pobres tratavam-no como o «nosso companheiro na pobreza»³⁴. Entre ele e os pobres existia uma evidente estima e laços de afeto recíprocos. Por vezes, era convidado a partilhar com eles uma refeição. Vestia aquilo que recebia. A sua cama era simples, mas sempre limpa³⁵. Visitava os presos, procurando que não sofressem maus tratos e indagando sobre as suas condições para que, mais tarde, informasse as suas famílias e as tranquilizassem quanto ao seu estado³⁶. No concernente à administração, sempre delegou essa missão a outras pessoas. Fazia-o não porque não era uma das suas qualidades, mas para se dedicar à verdadeira missão do bispo: cura das almas³⁷.

a) - *Debate com o Maniqueísmo*

Agostinho exerce o seu ministério numa das maiores dioceses de África. Nesta época a Igreja africana convocava sínodos, trabalhava pela unidade e possuía uma grande dinâmica pastoral. O Santo de Hipona, entregando-se de corpo e alma, contribuiu muito para todo o dinamismo da Igreja na África romanizada³⁸; de tal forma, que se afirmou

³¹ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 26-27 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 385-389.

³² Agostinho, *Ep. Ep.* 126, 7 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 30.

³³ Mosaico da porta interior, De Rossi, *Mosaici*, Roma 1892 s, fasc. 3 e 4; «pauperibus locuples, pouper sibi: qui bona vitae / praesentis fugiens meruit aperare futuram».

³⁴ Agostinho, *Sermão* 14, 1-2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 242-244; 339, 3 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 976; *Ep.* 185, 9, 35 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 56.

³⁵ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 314-316.

³⁶ Cf. Brown, Peter, *Biografía de Augustín de Hipona*, 251.

³⁷ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 24 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 381-383.

³⁸ Nos anos 400 a Igreja africana contava entre quinhentos a setecentos bispos, eram muitos e de muitas outras paróquias autónomas. Foram conhecidas a partir do ano 391 pelos concílios realizados e pelo vínculo que mantinha com Roma e com outras Igrejas ultramarinas. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 34.

como uma das grandes referências de espiritualidade, eloquência e santidade em toda a Igreja de África e não só³⁹.

Durante o seu episcopado teve de enfrentar lutas teológicas e pastorais, contra o Maniqueísmo, Donatismo e Pelagianismo. Em todos estes combates, move-o o amor à verdade e a paixão pela unidade da Igreja.

O Maniqueísmo teve origem com Manes, nascido em Babilónia, que se encontrava sob o domínio Persa, no dia 14 de abril de 216. Nascido no seio de uma comunidade rural, filho único de uma família da qual conhecemos apenas o nome do pai (Patikios, Patecius), teve duas revelações: uma aos 12 anos, e outra aos 24 anos. Essas revelações, deixaram-no convencido de que apesar dos fundadores das religiões serem autênticas, como Buda, Zoroastro e Jesus, encontravam-se incompletas. Por isso, Manes teria uma missão: levar ao mundo a plenitude da revelação, por meio da chamada «a Religião da Luz». Depois da segunda revelação, foi à Índia e voltou para a Pérsia, onde se apresentou perante o rei Persa Shapur, para anunciar publicamente a sua divina missão. Recebeu o alento e o aval do rei, anunciando assim, a sua doutrina durante os trinta anos seguintes. Mas acabou por cair em desgraça sob a nova monarquia de Bahram I, que mandou executá-lo no dia 25 de Fevereiro de 277, pela pressão do mazdeísmo, que era a religião oficial da Pérsia⁴⁰.

A doutrina deste movimento sectário, que perdurou desde do século III até, pelo menos, ao século XVII, difundindo-se desde a África do Norte até a China, começa com uma questão fundamental presente em todas as religiões: porque existe o mal? A resposta é dada pela via do dualista radical. Segundo este, numa primeira fase, os princípios Luz-Trevas coeternos, existem completamente separados um do outro. De um lado, o Bem, que apenas tem qualidades agradáveis como a paz, a inteligência, etc. Onde se encontra a Luz, substância desse princípio, que é Deus, o «Pai da Grandeza». O outro momento é intrinsecamente mal e desagradável. É constituído pela «matéria», o Satanás. A substância desse princípio são as Trevas.

Manes afirmava que Jesus não é a figura central do cristianismo ortodoxo, pois propõe várias identidades denominadas «Jesus», o «Cristo». Segundo Agostinho, conhecia pelo menos três identidades⁴¹: Jesus o esplendor, identificado como a luz da lua

³⁹ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 33.

⁴⁰ Cf. J. Kevin Coyle, «Manés, Maniqueísmo» em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, ed. Allan D. Fitzgerald (Burgos: Monte Carmelo, 2006), 831-832.

⁴¹ Agostinho, *C. Faust.* 20, 11, (BA, 18/B, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2020) 499-505.

e do sol, os quais eram objetos de adoração; Jesus o sofredor, que é a luz que se encontra no nosso mundo; Jesus «Filho de Deus», que veio à Terra em forma humana e que só se manifestou para sofrer e morrer nas mãos de Pilatos. Nenhuma destas identidades de Jesus é salvadora⁴².

Jesus, o Deus feito carne da ortodoxia cristã, era considerado um falso e um diabo disfarçado. Por isso foi cravado na cruz, por ter um corpo físico, algo inconcebível para um ser que foi enviado da luz. Pois o Jesus do maniqueísmo não podia ter nascido de Maria e nem sequer podia nascer.

Seguiam ainda, alguns mandamentos como: não mentir, não matar, não comer carne, permanecer puro (essencialmente abster-se de relações sexuais) e não dever nada. Manes tinha alguns escritos próprios. Várias fontes, testemunham sete obras de sua autoria: *Shapurakan*, *Livro dos Gigantes*, o *Grande Evangelho*, *Tesouro*, *Pragmateia*, *Mistérios* e *Cartas*. Estas obras constituem o cânon maniqueu. Só as últimas cinco eram conhecidas pelos maniqueus com quem Agostinho conviveu. Repudiavam o batismo com a água. A principal festa do Maniqueísmo era o Bema, celebrada no dia da morte de Manes⁴³.

Agostinho aproximou-se do Maniqueísmo em boa parte fascinado por Fausto⁴⁴, bispo maniqueu que, depois de ter deixado os pais, a mulher e os filhos, seguiu a doutrina de Manes, tornando-se bispo no ano 382⁴⁵. No entanto, quando veio a conhecer pessoalmente Fausto, a desilusão foi grande e desvaneceu-se todo o interesse pelo Maniqueísmo⁴⁶. Fausto possuía uma parca formação cultural, mas era eloquente. Entre 386 e 390, escreveu uma obra intitulada *Capitula*, datada possivelmente entre 398 e 400, a qual é citada por Agostinho em «*Contra Faustum Manichaeum*»⁴⁷, trata-se de uma obra extensa. Esta obra tem como objetivo responder às ideias e procedimento seguidos por Fausto. Pois, os maniqueus excluía o AT, mas admitiam o NT quase na sua totalidade, exceto a carta aos Hebreus e Actos dos apóstolos⁴⁸ e, algumas passagens consideradas

⁴² Cf. J. Kevin Coyle, «Manés, Maniqueísmo», 834.

⁴³ Cf. C. Riggi, «Maniqueísmo», em *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, ed. Angelo Di Berardino, t. II (Salamanca: Sigueme, 1992), 1343-1344.

⁴⁴ Cf. Fitzgerald, Allan D., «Fausto de Milevi», em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 558.

⁴⁵ Agostinho, *Confissões* 5, 3 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 117.

⁴⁶ Agostinho, *Confissões* 5, 13 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 139.

⁴⁷ Agostinho, *C. Faust.* I-XII (BA, 18/A, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2018), XIII-XXI (BA, 18/B, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2020), nesta obra defende a unidade dos Testamentos, do Antigo Testamento que se cumpriu no Novo, e a fé em Jesus, como divino e humano.

⁴⁸ Cf. François Decret, *L'utilisation des épîtres de Paul chez les manichéens d'Afrique*, en *Le epistole* (Roma: Instituto Patristico Augustinianum, 1989), 29- 83.

“interrompidas” ou que não percebiam a sequência⁴⁹. Também a interpretação à Sagrada Escritura era reservada a uma certa elite⁵⁰.

Agostinho não deixou de insistir na obra salvífica de Cristo, enfatizando a encarnação de Jesus e a necessidade de Jesus sofrer e morrer. Com a sua ressurreição e redenção, Jesus levou à plenitude a sua obra salvífica⁵¹.

b) – Debate com o Donatismo

O Donatismo foi o movimento cismático que apareceu na Igreja do Norte de África e que começou com a disputa da sede de Cartago, por volta dos anos 308 a 311. O cisma tomou o nome de Donato, sucessor de Maiorino. Esta divisão preocupou Agostinho durante um bom tempo do seu episcopado. Este cisma teve origem no princípio do século IV, quando foi suspensa a perseguição, iniciada anos antes, por Diocleciano, no ano 305. Durante esse tempo, os cristãos tiveram posturas diferentes perante as autoridades. Alguns tinham posturas firmes de resistência, ao passo que outros eram considerados colaboradores, conhecidos como aqueles que entregavam as escrituras às autoridades. Estes últimos eram considerados, pelo clero, como apóstatas. Estas atitudes resultaram num conflito dentro das comunidades cristãs⁵².

No concernente à sua doutrina⁵³, consideram-se como verdadeiros herdeiros da Igreja do Norte de África, na linha de alguns grupos dissidentes que remontam ao episcopado de S. Cipriano de Cartago. A doutrina dos donatistas centrava-se na pureza moral da Igreja. Pois a verdadeira Igreja depende da pureza moral da assembleia e não da Palavra e do Sacramento⁵⁴.

Os seguidores do partido de Donato, conservavam na liturgia, a celebração do ágape e da eucaristia, ignorando as novas festividades aceites pelos católicos⁵⁵. Defendem a bíblia africana no lugar da vulgata⁵⁶. Todos aqueles que queriam fazer parte da igreja

⁴⁹ Cf. François Decret e M. Fantar, *L'Afrique du Nord dans l'Antiquité. Des origines au Ve siècle* (Paris: Payot, 1981), 307.

⁵⁰ Cf. Mario Mendonza Ríos, «La Unidad de la Biblia» em *Congreso Agustiniano de Teología, 26-28 de Agosto de 2004, San Agustín un Hombre para Hoy*, ed. José Demetrio Jiménez, t. I (Buenos Aires: Relegión y Cultura, 2006), 181-184.

⁵¹ Agostinho, *C. Faust.* 14, 12 (BA, 18/B, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2020) 193-195.

⁵² Cf. Pamela Bright, «Donatistas, Obispos», 435-438 e Robert A. Markus, «Donato, Donatismo», em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 440-444.

⁵³ Cf. W. H. C. Frend, «Donatismo», em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*, ed. Angelo Di Berardino, t. I (Salamanca: Sígueme, 1991), 636-638.

⁵⁴ Cf. Carter Lindberg, *Historia do Cristianismo*, trad. Paula Reis (Lisboa: Teorema, 2007), 65-68.

⁵⁵ Agostinho, *Sermão* 202, 2 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 116.

⁵⁶ Agostinho, *C. Litt. Pet.* III, 40, 48, CSEL 52, 201; *En. Ps.* 132, 3, CCL 40, 128.

donatista deviam receber, de novo, o batismo, inclusive se viesse da Igreja católica. Porque os sacramentos só eram válidos se fossem administrados por um «ministro santo», o mesmo é dizer, por um ministro donatista⁵⁷. Esta exigência era escandalosa para Agostinho. Os bispos católicos eram liderados por Agostinho e Aurélio. Este último tinha sucedido, em 391/392, a Genétlio. Estavam determinados a restaurar a unidade da Igreja africana. Nesse sentido, promoveram, em 411, uma grande conferência em Cartago, onde se reuniram 570 bispos de ambas as partes. Mesmo assim, isto não levou à unidade.

Depois desta conferência, o pastor de Hipona publicou o seu próprio resumo na obra «*Post Collationem ad Donatistas*»⁵⁸. Isto porque alguns bispos donatistas ao voltarem da conferência, interpretaram as atas em seu próprio proveito. Assim o Hiponense, dirigiu-se aos leigos donatistas, em 412, expondo-lhes a sua própria análise e interpretação da conferência. Primeiro, chamando atenção que não houve subordinação do delegado imperial, Conde Flávio Marcelino, que dirigiu a conferência. Depois, que os bispos donatistas tinham interpretado mal a Sagrada Escritura, omitindo alguns versículos, sobre a verdadeira Igreja e o rebatismo dos católicos. A interpretação donatista da Escritura é especialmente do *corpus* Paulino⁵⁹. Fazendo uma interpretação apologética para validade dos sacramentos (rebatizar) e afirmar a pureza da igreja donatista⁶⁰. Por fim, convida-os a regressarem à verdadeira Igreja na unidade e na paz.

c) - *Debate com o Pelagianismo*

Pelágio, teólogo da Grã Betânia, foi para Roma no ano 380, talvez como estudante de direito. Dotado de boa formação retórica e teológica, a sua argumentação consiste em afirmar que o pecado de Adão não afetou a capacidade natural dos homens que vieram depois dele, cujas semelhanças com Adão eram voluntárias e não congénitas. A controvérsia iniciou-se em Roma, no ano 400, em torno da morte, do pecado e da finalidade do batismo. Pelágio entra em cena atacando a doutrina, que considera “nova”, de Agostinho acerca da universalidade do pecado, a escravatura da vontade e a

⁵⁷ Agostinho, *C. Litt. Pet.* II, 2, 4-7, CSEL 52, 24-25.

⁵⁸ Agostinho, *C. Don.* CSEL 53, 97-162.

⁵⁹ Cf. W.H. C. Frend, *The Donatist Church and St. Paul, in Le epistole paoline* (Oxford: Clarendon Press, 1985), 85-123; P. Langa, *Introducción General a las Obras Antidonatistas, en Obras Completas de San Agustín. Escritos Antidonatistas I* (Madrid: BAC 498, 1988), 3-155.

⁶⁰ Cf. Mario Mendonza Ríos, «La Unidad de la Biblia», 184-186.

predestinação. Tanto Pelágio, como Agostinho, afirmavam a liberdade humana e a graça divina⁶¹.

Durante a década 400-410, Agostinho falou de *tradox peccati et mortis*⁶². Em 401, para afirmar a sua posição na controvérsia entre Jerónimo e Pelágio, escreveu a sua obra «*De bono conjugali*».

Com a invasão dos godos, em 409, Pelágio perdeu a sua força em Roma. Assim marchou com seu companheiro Celéstio, para Sicília e depois para África. Na controvérsia sobre o batismo das crianças, Agostinho não se dirigiu diretamente a Pelágio, mas sim ao seu companheiro Celéstio, o qual afirmava que Adão não causou a mortalidade nem a transmissão do pecado. Foi acusado de heresia pelo Concílio de Cartago no ano 411, onde Agostinho não esteve presente. Não obstante não ter estado presente, depois de ter conhecimento dos temas abordados no concílio através de uma carta que lhe foi enviada de Cartago, escreveu sobre esses mesmos temas em *De peccatorum meritis et remissione et de baptismo parvulorum* (411-412) e em *De Spiritu et littera* (412). Afirmando que todas as crianças, bem como todos os demais, devem nascer de novo pela água e pelo Espírito, porque todas as pessoas são salvas ou condenadas⁶³.

Na interpretação ao capítulo 7 da *Carta aos Romanos*, Pelágio optou por uma visão otimista da obediência cristã, menos maniqueia, segundo ele, porque defendia a possibilidade de o homem viver sem pecado. Expôs a sua ideia no *Pro libero arbitrio*⁶⁴. Ao homem a partir do livre arbítrio divinamente concedido através da lei de Deus, basta-lhe cumprir os mandamentos e levar uma vida virtuosa para alcançar a salvação⁶⁵.

Agostinho respondeu mais tarde a esta obra, nos *Sermões* 151-156 (pronunciados em Cartago, em setembro-outubro de 417), referindo Rom 7-8, e mais extensamente em *De gratia Christi et de peccato originali*⁶⁶. A partir da sua própria experiência de conversão, destaca a prioridade absoluta da graça Divina na salvação. A salvação é recebida de graça, e não adquirida por mérito ou por direito.

⁶¹ Cf. Eugene Teselle, «Pelagio, Pelagianismo» em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 1033-1043.

⁶² Agostinho, Jo.ev.tr. 3. 12, CCL 36, 26; 4. 10, CCL 36, 36; Cf. Isidro P. Lamelas, «A “invenção” do pecado original segundo Agostinho», em *Didaskalia* XLII (2012) 55-134.

⁶³ Cf. V. Grossi, «Pelagio-Pelagianos-Pelagianismo», em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*, 1741-1745.

⁶⁴ Pelágio, *Pro libero arbitrio* 3; Agostinho, *C. Jul.imp.* 6, 21, PL 45, 1547-1550; Cf. Mario Mendonza Ríos, «La Unidad de la Biblia», 187-188.

⁶⁵ Cf. Lindberg, Carter, *Historia do Cristianismo*, 68-72.

⁶⁶ Agostinho, *Gr.et pecc. or.* CSEL 42, 167-206.

Os concílios africanos realizados em Cartago e em Milevi, em 416, condenaram a heresia pelagiana, justificando-se perante o bispo de Roma. No ano 418, os pelagianos foram condenados pela corte imperial. No ano seguinte, os seguidores das ideias pelagianas foram condenados.

O pastor de Hipona, com base na doutrina apresentada por Pelágio, afirmou que todos nos encontramos representados em Adão, pela figura do homem. Assim, e ainda antes dos pecados de Adão, nós já participávamos na sua *vita propria*⁶⁷. Desta forma, todos estamos representados em Adão pela figura do homem.

Depois da condenação imperial, existiu uma controvérsia entre Agostinho e Juliano⁶⁸ (380-454). Este acusava o pastor de Hipona, no que diz respeito à sua doutrina sobre o pecado original. Logo, condenava também o matrimónio. Para Juliano tanto a morte como o desejo sexual eram naturais. O doutor da Graça insistia que o desejo sexual era pecaminoso. No entanto, este podia ser praticado legitimamente se estivesse em conformidade com as três finalidades do matrimónio: a procriação, a fidelidade mútua e o sacramento de unidade entre Cristo e a Igreja. Em três distintas etapas do debate, conservam-se as réplicas de Agostinho: das cartas de Juliano para Bonifácio de Roma, que respondeu em *Contra duas epistulas Pelagianorum* (420-421); quatro livros de Juliano *Ad Turbantium*, que logo teve uma breve resposta no segundo livro de *De nuptiis et concupiscentia* (420-421) e uma resposta extensa em *Contra Julianum* (421); e por último, os livros de Juliano *Ad Florum*, dos quais os seis primeiros receberam resposta em *Contra Julianum opus imperfectum* (428-430).

A dada altura, Sixto de Roma perguntava-se sobre o sentido do esforço ascético e da correção fraterna. Agostinho em resposta, escreveu dois livros: *De gratia et libero arbitrio*⁶⁹ (426) e logo *De correptione et gratia* (427). Na sua resposta, afirma que a vontade é ineficaz se não for liderada pela graça e que o esforço e a correção podem ter um papel subordinado. Também, *De praedestinatione sanctorum*⁷⁰ e *De dono perseverantiae* (429-430) foram obras para defender o papel da graça, desde do princípio até ao fim da vida de cada homem.

⁶⁷ Agostinho, *Pecc. mer.* 3, 7, 14, CSEL 60, 141; *Civ. Dei*, 13.14, CCL 48, 395; *Nupt. et conc.* 2, 5, 14, CSEL 42, 265.

⁶⁸ Agostinho, *C.Jul.* PL 44, 641-880.

⁶⁹ Agostinho, *Gr.et lib.arb.* (OSA, 6, Madrid: BAC, 1949) 222-295.

⁷⁰ Agostinho, *Praed. sanct.* (OSA, 6, Madrid: BAC, 1949) 473-561.

Estas diversas controvérsias, em que Agostinho participou, ajudam-nos a conhecer e aprofundar o seu pensamento e a sua vida. Graças à sua reflexão, materializada em diversas obras, ajudou e ainda ajuda, a amadurecer a nossa fé em Cristo.

1.1.2 Amigos e correspondentes

São impressionantes as marcas profundas que as amizades podem deixar numa vida. A amizade é, claramente, uma escola de crescimento espiritual. Como que abrem caminhos, que levam mais longe e, ao mesmo tempo, são lugares de repouso.

Agostinho, ao longo da sua vida, foi mantendo e fortalecendo diversas amizades. Amizades próximas. Pois a unidade nas coisas de Deus, conduzem à unidade nas coisas humanas⁷¹. Chegou a afirmar que «a amizade não é senão estar de acordo em todas as coisas, divinas e humanas, juntamente com a boa vontade e o afeto»⁷². A amizade significa sempre o vínculo que une duas pessoas em mútua simpatia. Para o pastor das almas, este vínculo parte de duas fontes: primeiro da simpatia humana, segundo do dom do Espírito Santo por meio da graça⁷³. «Com efeito, só há verdadeira amizade quando sois Vós quem enlaça os que Vos estão unidos “pela caridade difundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5)»⁷⁴.

Muitos dos seus amigos eram seus familiares. Alípio, por exemplo, vivia em Tagaste, a cem quilómetros de distância. A comunicação entre ambos era frequente. Para além de Alípio, existia Severo, em Lilevi; Evódio, em Uzalis; Possídio, em Calama. Eram figuras importantes, chegando mesmo a desempenhar papéis de grande relevo nos concílios, em que participaram. Alípio, por exemplo, foi um dos seus melhores amigos. A amizade era de tal forma importante para ambos, que se tratavam de modo familiar.

Rudo foi seu companheiro e conselheiro, sobretudo nos campos da pastoral e do conhecimento do mundo. Com Aurélio, em Cartago, estabeleceu uma boa coordenação. Costumava-se dizer nos trabalhos sinodais — para destacar o magnífico trabalho de equipa — que Agostinho era a cabeça e Aurélio os braços.

Tinha muitos outros amigos como Paulino de Nola, Severo — com quem mantinha alguma familiaridade, chamando-o inclusive, de *alter ego* — e até o bispo

⁷¹ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 319.

⁷² Lelio 6, 20, citado por Agostinho em *C. Acad.* 3, 6, 13 (OSA, 3, Madrid: BAC, 1951) 173; *Ep.* 258, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 884-888.

⁷³ Cf. Joseph T. Lienhard, «Amistad, Amigos», em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 37-38.

⁷⁴ Agostinho, *Conf.* 4, 4 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 89.

cismático Proculiano, a quem escrevia com respeito pelo ofício que desempenhava. Para além de Proculiano, mantinha contacto com tantos outros bispos do seu tempo⁷⁵.

Aurélio, Alípio, Profuturo e Severo eram todos *servi Dei* e todos eram íntimos amigos de Agostinho, pois viviam na mesma comunidade e tornaram-se servidores de cada Igreja particular⁷⁶. As abundantes correspondências de Agostinho dão-nos uma ideia da sua rede de contactos e de como entendia o seu múnus pastoral.

As Cartas, em pleno século V, eram meios imprescindíveis de comunicação. De tal modo, que são também, uma forma de aprofundar, conhecer e entender o trabalho pastoral de Agostinho.

Nas suas cartas, o pastor de almas aborda diversos assuntos circunstanciais, responde a dúvidas, comenta temas teológicos, comunica as informações sobre os sínodos e responde às questões da cúria romana. Na carta que escreve de resposta a Genaro — o qual perguntava sobre o motivo pelo qual todos os anos a celebração do dia da páscoa era diferente — percebemos, tal como acontece em outras cartas, a sua humildade, o seu conhecimento profundo dos temas abordados, bem como a sua destreza em explanar e clarificar o tema em questão. Mesmo quando escreve e informa epistolarmente, continua a ser o servo de Deus⁷⁷.

Por vezes, Agostinho prolongava-se de tal forma, que as suas respostas davam origem à publicação de um livro. Numa vez, levou cinco anos a responder a uma carta de Paulino de Nola, o qual tinha até pensado que, dada a falta de resposta, a carta se tinha extraviado. Na realidade, não se extraviou, mas foi o tempo que levou a aprontar a sua resposta. Ainda que o tempo de resposta fosse elevado, tentava em primeiro lugar, perceber a intenção da pergunta colocada e, depois de elaborar uma resposta cuidada e fundamentada, respondia. Ainda que fosse uns anos depois⁷⁸.

Agostinho recebia notícias de todo mundo cristão: de Itália, pelos bispos Paulino e Simpliciano; da Gália, pelos monges Lerins e por Próspero, que ainda sem o conhecer tinha por ele uma elevada estima; de Roma, pelos funcionários da cúria, entre eles dois futuros papas: o diácono Celestino e o presbítero Sixto⁷⁹; de Espanha, por Victoriano e,

⁷⁵ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 319-326.

⁷⁶ Cf. Brown, Peter, *Biografía de Agustín de Hipona*, 187.

⁷⁷ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 326-336.

⁷⁸ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 327.

⁷⁹ Agostinho, *Ep.Ep.* 192, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 238-240 e 209, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 492-504, (Celestino); 191, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 232-236 e 194, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 258-306, (Sixto); cartas papais: *Ep.Ep.* 181-184, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 902-927, alguma correspondência com a chancelaria.

mais tarde, por Osório; do oriente, de Jerusalém e de Belém, Jerónimo⁸⁰. Conheceu Jerónimo apenas através de correspondências regulares, nas quais discutiam questões exegéticas e teológicas de grande relevância. As suas cartas mais importantes são dirigidas aos eclesiásticos. Estas respondiam às grandes questões da atualidade.

1.1.3 - Ação pastoral

Santo Agostinho foi em primeiro lugar, o bispo e pastor. Os melhores dos seus anos, após a conversão, foram dedicados ao serviço da Igreja africana, enquanto pastor da Igreja local e universal.

Podemos abordar a ação pastoral em três níveis: local, regional e universal.

a) - A Igreja local

Como já referimos, Agostinho dedicou-se sobretudo à Igreja local de Hipona. O seu trabalho pastoral foi deveras interessante e profícuo. Nesta Igreja particular, dedicou-se em pleno ao seu múnus pastoral de pastor. Não é de admirar que, dada a sua dedicação e entrega, tenham sido muitos os frutos pastorais. O seu trabalho pastoral foi de tal forma construtivo, formativo, santificador e inspirador que aquando da sua morte, a Igreja de Hipona estava munida de cristãos, homens e mulheres bem formados, instruídos, ativos e bem conscientes da missão que Deus lhes confiava desde o dia do seu batismo.

«Na pregação, pregava aos sábados e domingos e muitas vezes a semana inteira, na catequese, na assim chamada “audiência episcopal”, às vezes durante o dia todo, de tal sorte que descurava as refeições, no cuidado dos pobres, na formação de clero, na orientação dos monges, muitos dos quais foram chamados ao sacerdócio e ao episcopado, e na orientação dos mosteiros das próprias “santas monjas”»⁸¹.

Boa parte da pregação enquadra-se na liturgia eucarística. Aqui pregava quotidianamente. Calcula-se que proferiu umas quatro mil homilias, das quais se conservaram perto seis centenas. Também se conservaram algumas catequeses

⁸⁰ Agostinho, *Ep.Ep.* 2, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 6-8 e 40, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 302-312; recebeu também algumas cartas de Jerónimo, *Ep.Ep.* 68, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 550-554 e 72, (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 572-578.

⁸¹ Cf. João Paulo II, Carta Apostólica, *Augustinum Hipponensem, no XVI centenário da conversão de Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja* (28 de agosto de 1986), AAS 78 (1986).

pronunciadas aos catecúmenos, e outras obras que dedicava ao seu povo, com o intuito de responder as necessidades pastorais. A sua ação pastoral era variadíssima e ininterrupta: a celebração da Eucarística e de outros sacramentos, a atenção para todos os problemas ordinários, os problemas mais gerais da população que tratava na “audiência episcopal”, sua atividade judicial, que não foi tarefa própria da missão episcopal, mas era costume essa função ser exercida pelos bispos. Atendia aos pobres, a quem muito amava⁸². Pois interessa-lhe o bem das almas, dais quais foram confiadas como pastor.

b) - A Igreja africana

A Igreja Africana foi assolada, como já vimos, por algumas heresias e cismas, que, em alguns locais, tiveram um efeito devastador para a Igreja.

Agostinho prezava e defendia com todas as forças, a unidade da Igreja e a reta doutrina, pois o que estava em causa era a salvação dos cristãos. Pela unidade e pela defesa das verdades da fé, trabalhou incansavelmente:

«Prestou-se à pregação todas as vezes que era chamado, esteve presente em Concílios regionais, apesar das dificuldades da viagem, nos quais se empenhou com inteligência, assiduidade e paixão para resolver o cisma donatista, que dividia em duas aquela Igreja (...) promoveu uma conferência ecuménica entre bispos católicos e donatistas (...) encaminhou com pleno êxito o processo de pacificação»⁸³.

Participou em vários sínodos e concílios. Em todos, a sua maior preocupação não era condenar ou humilhar. O que o movia era mais sublime, o que revela bem a face de dentro deste Santo. O que o movia era defender e promover a glória de Cristo, em tudo.

Os concílios no tempo de Agostinho, eram regulares na vida da Igreja Africana. Antes de Agostinho, os concílios só se realizavam esporadicamente de forma ordinária, quase sempre em resposta a uma doutrina heterodoxa. É com base no *Codex Canonum Ecclesiasticorum* – de Dionísio e Exíguo do século VI – que temos o conhecimento dos concílios plenários Africanos. As informações dos concílios menores (locais, provinciais e interprovinciais), são obtidas das cartas, sermões e tratados de Agostinho e de outros

⁸² Cf. Estanislao E. Karlic, «San Agustín, Obispo y Pastor» en *Congreso Agustiniiano de Teología, 26-28 de Agosto de 2004, San Agustín un Hombre para Hoy*, ed. José Demetrio Jiménez, t. I (Buenos Aires: Relección y Cultura, 2006, 29-30.

⁸³ Cf. João Paulo II, Carta Apostólica, *Augustinum Hipponensem, no XVI centenário da conversão de Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja* (18 de maio de 1986), AAS 78 (1986).

padres Africanos. A Igreja africana encontrava-se no início desorganizada. Muitos clérigos estavam mal formados e instruídos. O Donatismo era uma ameaça constante⁸⁴. Agostinho colaborou sempre com as outras dioceses, para pregar ou participar em controvérsias e reuniões, por motivo das heresias e erros doutrinários. Não podia deixar de atuar, havendo tantos erros doutrinários ao nível da fé e muitas vezes com violência. Seu zelo pela verdade, impulsionava-o a responder com prontidão, em defesa da Igreja, da fé e da unidade. Não negava os convites recebidos das muitas cidades. Serviu na luta contra os maniqueus, contra os donatistas, contra os pelagianos, os arianos, etc. Tudo isto significou, não só dificuldades na discussão de ideias, como até de perigo de morte⁸⁵.

Nos anos 391/392, a situação começou a mudar, quando Aurélio chegou a ser primaz de Cartago. Juntamente com Agostinho, empreenderam ambiciosos programas para dar mais vida à Igreja Africana. O ideal seria reunirem-se anualmente num concílio plenário, no qual resolviam as questões doutrinárias, litúrgicas e disciplinares. Os concílios surgem o objetivo de darem uma resposta a uma situação concreta.

Já em 393, no conclave inaugural, os padres redigiram quarenta e cinco cânones, onde se tratam temas importantes como o procedimento a ter na eucaristia e sobre a obrigação dos padres no exercício das suas funções. Em 394, voltaram a se reunir em Cartago. Todavia, as atas extraviaram-se. A instabilidade política, devido à rebelião de Gildo, não permitiu que reunissem nos anos 395, 396 e 398. Em 397, voltaram a se reunir em Cartago, onde retificaram formalmente, o *Breviário de Hipona*, uma versão melhorada dos cânones de 393.

Em 399, reuniram-se novamente em Cartago, mas mais uma vez, a maior parte das atas não foram conservadas. Não se realizou o concílio no ano 400. Em 401, foi convocado o concílio em que os padres votaram a favor de aliviar as restrições impostas aos ex-donatistas, os quais desejavam incorporar-se no clero. O concílio plenário de 402, em Milevi (Numídia), cumpriu o desejo de Aurélio e de Agostinho de celebrar eventuais concílios fora da capital. Em 403, os bispos reuniram-se com o objetivo de alcançar a reconciliação com os donatistas. Já no ano seguinte, em 404, os bispos, em Cartago, votaram para que houvesse sanções imperiais contra os donatistas. Em 405, enviaram cartas de agradecimento para Revena, pela sua colaboração. Em 406 não houve concílio.

⁸⁴ Cf. Jane E. Merdinger, «Concilios de los obispos norteafricanos», em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 293.

⁸⁵ Concilia Africae, *Registri Ecclesiae Carthaginensis Excerpta* 93, CCL 149. Estanislao E. Karlic, «San Agustín, Obispo y Pastor», 30.

No ano 407, definiu-se que, em vez de se reunirem todos os anos, fá-lo-iam apenas quando existissem questões prementes a toda a Igreja Africana.

Existem poucas informações sobre os concílios realizados em Cartago nos anos 408, 409 e 410. Entre os anos 411 a 418, foram abordadas questões doutrinárias, que os africanos tiveram de enfrentar, aquando da heresia pelagiana. O momento decisivo aconteceu em Cartago a 1 de maio do ano 418, quando Aurélio convocou mais de 200 bispos, a celebrar um concílio plenário, onde condenara definitivamente, esta heresia. O último concílio plenário durante a vida de Agostinho realizou-se em Hipona, em Setembro do ano 427. Foi presidido por Aurélio. Depois disso, veio a ocupação dos vândalos, que impediram a realização de qualquer concílio no século seguinte⁸⁶.

Através da Igreja Africana, contribuiu nas pregações onde era convidado, participou em quase todos os concílios ordinários, convocados por ele e por Aurélio, dando sempre respostas às necessidades urgentes da mesma região. Procurando o caminho da verdade, da unidade e, sobretudo, da glória de Cristo.

Tendo em conta o que acabamos de referir, estamos perante uma Igreja viva. Uma Igreja sinodal, onde existe a preocupação de caminhar juntos e de permanecer e fazer permanecer na verdade. Esta Igreja viva assenta sobretudo, no zelo dos bons e belos pastores que Deus escolheu para o governo da Igreja Africana.

c) - A Igreja universal

A Igreja universal vivia, a par de uma grande popularidade e expansão, momentos delicados. O debate motivado pelas heresias acabou por obrigar a defender e clarificar a fé católica, e, desta forma, também a fortalecer a Igreja no seu todo. Agostinho, pela sua formação e seu insigne saber, enfrentou todas essas heresias donatistas, maniqueístas e pelagiana, em defesa da fé católica e do povo cristão. Diante desses desafios, a Igreja sentiu a necessidade de compor muitas obras e enfrentar muitas controvérsias.

Agostinho também enriqueceu a doutrina católica com os seus escritos, que se espalharam para fora do continente africano e chegaram com enorme prestígio às distintas partes da Igreja. Por conseguinte, o mandato de Cristo ressuscitado, motivava-o a pensar e a desejar a reunião de todos os povos, na unidade da Igreja, porque o desejo de Deus é

⁸⁶ Cf. Jane E. Merdinger, «Concilios de los obispos norteafricanos», 293-295.

que ninguém fique de fora, nem um só homem. À conversão de novos povos, para poderem fazer parte de Cristo e da Igreja⁸⁷:

«Em toda terra, todavia, é edificada (a Igreja): cresceu muito esta casa e de muitos povos, mas ainda não chegou a todos os povos; creio que somos muitos, mas ainda deve chegar a todos. Contudo cresce, e ainda hão de crer todos os povos que ainda não acreditam (...) Os bárbaros hão de crer? (...) Onde o império romano ainda não chegou, já Cristo pode chegar. Onde ainda está fechado para os que lutam com a espada, não está fechado para aquele que luta com a cruz. O Senhor reinou a partir da cruz»⁸⁸.

A partir deste comentário, podemos ver a ideia universal que Agostinho tinha da Igreja e, desejoso que a mensagem evangélica pudesse chegar a todos, cumprindo a vontade do Bom Pastor, incluindo “as ovelhas que não estão neste redil” (Jo 10, 16).

Na controvérsia com pelagianos, o pastor de Hipona foi o cérebro da *pars catholica*. Nesta campanha, procurou o apoio pontifício para as suas ideias. As Igrejas Africana e Romana estiveram unidas em colaborações recíprocas durante todo o debate. No sermão 131, pregado em 417, Agostinho reconheceu o papel fundamental do papado nesta controvérsia: «A respeito dos concílios [de Cartago e de Milevi] foram enviadas agora as informações da Sé Apostólica; por sua vez, já chegou a resposta. A disputa acabou. Oxalá que o horror acabe também algum dia»⁸⁹.

Esta relação teve alguma turbulência com o papa Zósimo, que levantou a excomunhão a Pelágio e a Celéstio. No entanto, com os seus sucessores Bonifácio e Celestino, estabeleceram-se relações de amizade e de trabalho. Também houve colaboração para se resolverem casos de disciplina como de Apiário, de Honório e de António de Fussala⁹⁰. Entre a Igreja Africana e a Igreja Romana existia cada vez mais, e melhor, uma mútua colaboração.

No combate às doutrinas heterodoxas, o pastor de Hipona e os primados de Pedro agiram juntos perante as diversas controvérsias. Esse tempo, ajudou a Igreja a amadurecer a sua doutrina e a sua fé em Cristo Jesus.

⁸⁷ Cf. Estanislao E. Karlic, «San Agustín, Obispo y Pastor», 31.

⁸⁸ Agostinho, *En., Ps.* 95, 2, CCL 39, 1343.

⁸⁹ Agostinho, *Sermão* 131, 10, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 202.

⁹⁰ Cf. Jane E. Merdinger, «Obispos de Roma», em *Diccionario de San Agustín, a través del tiempo*, 945-950.

1.2 - O Bispo na sociedade

Todos somos fruto, em boa parte, do tempo em que vivemos e das suas circunstâncias. Isto era especialmente verdade num tempo em que os seres humanos estavam mais circunscritos nos espaços e contextos socioculturais. Foi também o caso de Agostinho: filho do seu tempo, da sua cultura, e até da sua geografia. Embora, como sabemos, o seu génio tenha ido muito além dessas circunstâncias, para compreender o seu percurso, enquanto bispo e pastor, é necessário ter presente o contexto em que viveu e as muitas problemáticas e controvérsias teológicas que marcaram o seu tempo.

1.2.1 - Papel dos bispos nos séculos IV e V

Passemos então a descrever a função do bispo no tempo de Agostinho. Desde, pelo menos, o tempo de S. Inácio de Antioquia (na primeira década do século II), até ao século IV, o bispo já era uma figura central dentro da Igreja, sendo o centro da comunhão e de construção da comunidade⁹¹. Com o édito de Milão, em 313, passou a desempenhar um papel ainda mais importante e influente, não só na Igreja mas, agora, também na sociedade: como de juiz e estabilizador da paz social⁹².

Nos séculos IV e V, o episcopado nas numerosas igrejas locais, possuía uma grande consideração social e civil, devido aos muitos sínodos e concílios que aí se iam realizando. Devido a estas funções e faculdades que lhe eram reconhecidas, os bispos que as exerciam eram chamados de *defensores civitates*, *patres populi*, *patres civitatis*, *patres urbi et patres patriae*⁹³. Agostinho foi testemunho do grande volume de trabalho que Ambrósio desempenhava, para resolver os litígios na qualidade de juiz⁹⁴. Uma atividade que dez anos mais tarde, faria parte da sua ação pastoral. Enquanto pastor de Hipona⁹⁵ era chamado a atribuir algumas sentenças. A maior parte destas sentenças, recaía em assuntos relacionados com a propriedade de bens. Era confrontado também, com questões

⁹¹ Cf. Lamelas, Isidro P, *Génesis da episcopado e Missão do bispo na Igreja*, in IDEM (Coord.), *Supplicantes Veram Sapientiam. Homenagem a Dom António Montes Moreira* (Braga: Editorial Franciscana, 2021) 139-173.

⁹² Cf. Carlos Verdete e Senra Coelho, *História da Igreja Católica: Das origens até o Cisma do Oriente (1054)*, Vol. I, (Lisboa: Paulus, 2009), 111-118.

⁹³ Cf. Jedin, *Manual de Historia de la Iglesia*, 388-392.

⁹⁴ Agostinho, *Conf.* 6, 3 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 149; Ambrósio, *Ep.* 32, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 212-224.

⁹⁵ Agostinho, *Ep.* 48, 1, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 402; 139, 3, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 200; 213, 5, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 540; *En Ps.* 118, 24, 3, CCL 40, 1742; *S.* 340; *Op. mon.* 29, 37 (OSA, 12, Madrid: BAC, 1954) 761; *Vera rel.* 58, CCL 32, 225.

relacionadas com contratos, heranças⁹⁶, disputas dos escravos⁹⁷ e acusações de adultério⁹⁸.

Como bispo de Hipona, Agostinho herdou também as relações institucionais com os funcionários imperiais e provinciais que estavam a cargo dos assuntos políticos e militares. Durante o seu episcopado, contribuiu para o melhoramento dessas relações institucionais, tanto a nível teórico como a nível prático.

O bispo não era apenas o supervisor (*episkópos*) espiritual dos fiéis. Tinha o dever da pregação e, de organizar e presidir à liturgia. Assumia ainda incumbências de foro civil. Aos bispos era atribuído o título de defensores da cidade (*defensor civitatis*), cuja missão consistia em proteger o povo contra as intoleráveis opressões dos poderes públicos, contra o mau proceder dos funcionários e dos juízes irresponsáveis, como o próprio Teodósio testemunhará. Em setembro do ano 401, os bispos africanos reunidos no concílio em Cartago, pediram ao imperador Honório para indicar um *defensor civitatis* a cada cidade Africana, a fim de «aliviar os sofrimentos dos pobres»⁹⁹.

Com a Paz Constantiniana, o cristianismo passou a ser reconhecido na esfera pública da sociedade, assumindo cada vez um papel mais interveniente na vida social e pública. Com o “édito de Milão”, muitos sublinharam as vantagens que a Igreja obteve com este acordo. Todavia, é importante analisar também as desvantagens, pois o poder secular tentará, muitas vezes, submeter e subordinar a Igreja ao estado. Entre as vantagens, podemos enumerar as seguintes: privilégios e estímulos nos empreendimentos para evangelização; apoios nas atividades sócio-caritativas; facilidades e subsídios nas construções de templos; os clérigos estavam isentos dos serviços militares e dos impostos; os bispos passaram a fazer parte da administração da justiça do estado, e não podiam ser apresentados perante um juiz, senão a um outro bispo¹⁰⁰. Como resultado de tudo isto, a Igreja podia, finalmente, afirmar-se e expressar-se livremente no espaço público.

Uma das grandes desvantagens como vimos, era a ingerência dos imperadores na vida da Igreja. Em nome de uma autoridade que lhes vinha de Deus, esqueceram-se, muitas vezes que também eles estavam submetidos a Deus.

⁹⁶ Agostinho, *Ep.* 33, 5, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 230; 83, (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 718-724; *En Ps.* 25, 2, 13, CCL 38, 149-148; 80, 21, CCL 39, 1133;

⁹⁷ Cf. Robert Dodaro, «Iglesia (La) y el Estado», 677-678.

⁹⁸ Agostinho, *Sermão* 392, 4, (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 668.

⁹⁹ *Concilia Africae, Registri Ecclesiae Carthaginensis Excerpta* 75, CCL 149, 202.

¹⁰⁰ Cf. Hubert Jedin, *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 77 (Barcelona: Editorial Herder, 1980) 141.

Deste confronto, surgiram grandes bispos e pensadores que, na Igreja do século IV, souberam debater com os intelectuais e enfrentar os poderes e a própria autoridade imperial, quando esta pretendia intervir em algumas matérias do foro eclesiástico. Ambrósio de Milão, que Agostinho conheceu bem, foi um deles. Tal como Jerónimo que escreveu «Desde que a Igreja passou a estar debaixo dos imperadores cristãos, tem aumentado o poder e a riqueza, mas diminuindo a sua força moral»¹⁰¹. Ósio, velho bispo de Córdoba, foi outro pugnador pela liberdade da Igreja, escrevendo ao imperador Constâncio: «Não tendes o direito de imiscuir-vos em assuntos religiosos! Deu-vos Deus a autoridade sobre o império, mas foi a nós que deu sobre a Igreja. Em matéria de fé, são as nossas lições que tendes de ouvir»¹⁰².

Atanásio foi o primeiro bispo do século IV a formular uma reivindicação da liberdade da igreja frente ao estado, juntamente com o Papa Júlio¹⁰³, pois não se pode misturar o poder romano com o governo da Igreja. Seria violar os cânones de Deus. É Hilário que chama o imperador de anticristo¹⁰⁴ pelas seguintes palavras: «Inimigo insinuante, perseguidor manhoso, chicoteia-nos as costas, mas acaricia-nos o ventre; não nos reserva a liberdade da prisão, mas a servidão do palácio; não nos corta a cabeça, mas procura estrangular-nos a alma»¹⁰⁵. Esta mesma preocupação, acompanhou Crisóstomo e Eutrópio quando enfrentaram o estado, ainda que pondo em risco a vida, ou quando Ambrósio lembra ao imperador Valentiniano II ainda não batizado: em matéria de fé, «são os bispos que são juízes dos imperadores» e não o inverso. Em 390, obrigou o imperador Teodósio à confissão e à expiação por ter ordenado o massacre dos habitantes de Tessalónica¹⁰⁶.

Além do múnus pastoral da pregação, da catequese, da formação do clero, da celebração dos sacramentos, foi-lhes dada a autoridade de administração da justiça. Foram homens que lutaram pela paz, através das obras da caridade, tornando-se agentes determinantes de uma verdadeira política cristã. Em 408, Honório testemunha que o julgamento de um bispo podia ser arbitrário e ter validade civil se as duas partes

¹⁰¹ Jerónimo, *Vita S. Malchi 1* (PL 23, 55 B): «Postquam (ecclesia) ad Chistianos principes venerit, potentia quidem et divitiis maior, sed virtutibus minor facta est».

¹⁰² Carta enviada ao imperador, em protesto da sua interferência em assuntos da Igreja em 353, preservada por Atanásio. Atanásio de Alexandria, *Historia Arianorum*, 44.

¹⁰³ Atanásio, *Apologia contra Arianos*, 3, 19; Agostinho, *Ep.* 6, (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 24-26.

¹⁰⁴ Cf. Alain Corbin, *História do Cristianismo*, trad. António Maia da Rocha (Lisboa: Editorial Presença, 2008), 55.

¹⁰⁵ Hilário, *In Const.* 5, CSEL 65, 200-201. Gilvan Ventura da Silva, «Constâncio II o Anticristo: Hilário de Poitiers e a construção da imagem imperial», *Dimensões* vol. 15 (2003): 219-235.

¹⁰⁶ Cf. Corbin, Alain, *História do Cristianismo*, 55-56.

estivessem de acordo. Possídio, comenta como o velho bispo de Hipona, dia após dia, rodeado dos seus secretários, respondia às necessidades do seu povo¹⁰⁷. Os sermões são testemunha da sua administração judicial, e as cartas, são também testemunha das suas intervenções concretas. Na última década da sua vida, suas cartas revelam os aspetos alarmantes da sociedade. O pastor de Hipona, numa carta datada na primavera do ano 420, escrita a Alípio na sua missão a Itália, introduz-nos nas preocupações sociais, nomeadamente uma preocupação que afligia tanto a sociedade como a própria administração eclesiástica: as dificuldades financeiras.

O pastor das almas, passou por muitas dificuldades ao enfrentar o poder civil, para resolver as questões do seu povo, face à administração laical¹⁰⁸. Por isso, chegou a apelar por um *defensor civitatis*¹⁰⁹, a fim de interceder pelos mais vulneráveis da sociedade.

O bispo desempenhava o papel de intercessor¹¹⁰. A severidade de um pai e as normas das autoridades são para manter uma certa tranquilidade e ordem. Por vezes, o culpado recebe a pena imposta pela justiça dos homens, se esta for bem deliberada. A pena dada ao culpado, restaura tanto a ordem civil, como a ordem divina. A pena é justa se restabelecer a tranquilidade, a ordem e cure o mal. A caridade bem entendida, implica a correção do pecador, mas não o seu excessivo castigo. As penas dadas ao culpado podiam ser: o exílio, a confiscação dos bens, o castigo, que às vezes levava à morte.

O pastor hiponense não seguia as mesmas diretrizes que as autoridades inquisitoriais. Na sua carta a Macedónio¹¹¹ relata uma tortura inquisitorial feita aos cristãos. O uso do fogo para obter as confissões, tortura inquisitorial, levava às vezes a uma falsa confissão. Como consequência, a uma pena injusta. Por isso, o bispo de Hipona, aparece como um intercessor junto dos mais vulneráveis. Por vezes, era possível ser atendido. Noutras ocasiões, a resposta era negativa.

O objetivo da intercessão é proteger os inocentes, mesmo os culpados. Alguns refugiavam-se na Igreja. É o caso de Favêncio, que devendo ao seu proprietário, se

¹⁰⁷ Possidio, *Vida de Agostinho*, 19 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 373.

¹⁰⁸ Cf. Serge Lancel, *Saint Augustin* (Paris: Fayard, 1999), 369.

¹⁰⁹ Nos dias de Agostinho, o *defensor civitatis* era um funcionário imperial cuja tarefa consistia em proteger os direitos de todos os cidadãos. No entanto, os pobres não conheciam ou não eram suficientemente poderosos para fazer frente às injustiças cometidas pelos mais poderosos que havia na cidade. Desde do ano 364 até 387, o defensor era nomeado pelo prefeito pretoriano. E de 397 até 409 era eleito pela própria cidade e aprovado pelo prefeito. Em 409, Honório determinou que os bispos e os padres locais, juntamente com os cidadãos de classe alta, elegiam o defensor da cidade. Cf. Robert Dodaro, «Iglesia (La) y el Estado», em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, 679-680.

¹¹⁰ Cf. Lancel, Serge, *Saint Augustin*, 374-381.

¹¹¹ Agostinho, *Ep.* 133, 2, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 118.

refugiou na Igreja de Hipona, a fim de ser atendido pelo pastor das almas¹¹². Outro exemplo é o de Fáscio, que tendo uma grande dívida, se refugiou na Igreja de Hipona. Recebeu até a intercessão da comunidade cristã, e fez-se um empréstimo a uma rica família de Hipona, com o intuito de saldar a sua dívida. Depois de se sentir livre, desapareceu, e a comunidade cristã teve que pagar as suas dívidas. Mesmo assim, o pastor das almas não deixava de seguir os seus princípios da caridade¹¹³. De facto, em algumas ocasiões, não se consegue aquilo que se pretende. Estando em Cartago no verão de 413, foi levada a cabo uma caça ao homem a Marcelino, cristão de fé exigente e curioso em matérias filosóficas e teológicas. Dedicou ao Marcelino os seus três primeiros livros, da «Cidade de Deus». Foi decapitado no dia 14 de Setembro de 413, juntamente com o seu irmão Aprígio. De nada lhe valeu a intercessão de Agostinho¹¹⁴.

Podemos ver portanto, que os pastores do século IV e V, enfrentavam diariamente as preocupações dos seus fiéis e do seu povo, como pastores que guardam o seu rebanho, tentando na medida do possível aliviar os sofrimentos das suas ovelhas.

1.2.2 – A Audiência Episcopal

Já São Paulo (1Cor 6, 1-8) exortava os cristãos a resolverem os seus litígios dentro da comunidade, procurando um membro idóneo e probo como juiz. Este, deve ser sábio para poder julgar com justiça. Inspirado nos modelos dos judeus, este procedimento foi adaptado nas primeiras comunidades cristãs e acabou por se consolidar com a progressiva afirmação da autoridade e jurisdição episcopais. A promoção da reconciliação e da justiça foi, naturalmente assumida pelos bispos, como pessoas sábias, detentores de autoridade moral e capacidade técnica para empreender tal tarefa¹¹⁵.

A partir da viragem constantiniana, esta incumbência episcopal (*audientia episcopalis, episcopale iudicium*) foi reconhecida pelo próprio imperador Constantino, num primeiro momento, em 318, numa constituição onde autorizava um tribunal episcopal. Finalmente, em 333, na constituição de Sirmion. A *audientia episcopalis*¹¹⁶ era uma ponte, que durante os séculos IV e V, ligava os bispos à administração imperial.

¹¹² Agostinho, *Ep.* 115 e 116, (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 1118-1120.

¹¹³ Cf. Lancel, Serge, *Saint Augustin*, 37-378.

¹¹⁴ Cf. Lancel, Serge, *Saint Augustin*, 378-381.

¹¹⁵ Ch. Munier, «Audientia episcopalis», em *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, 271-272; *Code Théodosien Livre XVI*, (SC 497/1, Paris: Cerf, 2005), 61-69.

¹¹⁶ Cf. Robert Dodaro, «Iglesia (La) y el Estado», 674-677.

Alguns bispos renunciavam a esta incumbência por fraca formação jurídica. Porém, Agostinho, não sendo especialista em direito, possuía alguns conhecimentos neste campo¹¹⁷, que lhe permitiam dirimir alguns conflitos com uma certa tranquilidade¹¹⁸. Em certos assuntos delicados, seguia estritamente as regras de Ambrósio. O domínio sobre todas as leis, requeria um estudo especializado, como prova o *Codex Theodosianus*¹¹⁹.

O pastor de Hipona dedicava muito tempo a este serviço. O próprio afirma que, de manhã e a tarde, estava ocupado em resolver os problemas das pessoas, embora preferisse dedicar parte desse tempo à oração e ao estudo da Sagrada Escritura. Por isso, nos últimos anos da sua vida, pedirá aos seus fiéis que lhe concedesse cinco dias semanais livres, a fim de terminar alguns trabalhos urgentes e se dedicar mais ao estudo das Escrituras¹²⁰.

No concílio de Cartago, em 397, os bispos reconheceram que a missão judicial realizada por um pastor na sua diocese, deveria ser apenas mediadora, pois é a que melhor corresponde à função de um bispo.

O biógrafo Possídio, no capítulo XIX da *Vita Augustini*, descreve o proceder do seu bispo no campo jurídico. Na sua audiência episcopal compareciam tanto os cristãos como os não cristãos. Ouvia-os com atenção, passando às vezes todo dia, a resolver os problemas do seu povo. Quando tinha oportunidade, instruía os cristãos, dando conselhos da vida eterna e dos bons costumes da fé. Procuravam sobretudo uma resposta que os ajudassem a caminhar no caminho de Cristo. Seguia o ideal do Evangelho, pois era consciente da sua função de bispo, trabalhando para reconciliar as partes e não vacilava em incentivar os juízes e funcionários imperiais a fazerem o mesmo¹²¹. Opunha-se sempre à tortura. Numa carta dirigida ao notariado Flávio Marcelino, intercedia em favor de uns donatistas, que tinham cometido um assassínio. Pedia para que se usasse o método menos duro no interrogatório¹²². Não aprovava os métodos tradicionais de tortura como meio de

¹¹⁷ Autores como Pugliese, Nonnoi, Gaudemet, Lepelley e Rouge realçam o contacto que ele terá tido com o direito ao longo dos seus estudos, como por exemplo, a familiaridade com os processos judiciais, sobre a propriedade privada e sobre a liberdade individual.

¹¹⁸ Cf. Jesús Tejedor Andrés, «San Agustín y la audiencia episcopalis», *Religión y Cultura* 224 (2003): 134-135.

¹¹⁹ *Code Théodosien* Livre XVI, (SC 497/1, Paris: Cerf, 2005), 112-471.

¹²⁰ Agostinho, *Ep.* 213, 6, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 542.

¹²¹ Salmo 50 e Agostinho, *Sermão* 13, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 230-240.

¹²² Agostinho, *Ep.* 133, 2-3, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 116-120.

obter confissões¹²³. Num julgamento, não tolerava o juramento, para que o acusado, não prestasse um juramento falso¹²⁴.

Procurava fazer como o Pastor de Israel, que anunciava a palavra de Deus, oportuna e inoportuna, e sempre que fosse necessário, corrigi-lo-ia. Segundo o nosso autor, a verdade por vezes é doce, e outras vezes, é amarga. Todavia, o amargo cura, pois a sua missão passa por mostrar o caminho certo. Por isso, não fazia distinção entre ricos e pobres. À imagem de João Baptista, confrontava a todos com a verdade. Do mesmo modo, protestava naturalmente quando a polícia violava o direito que pertencia à Igreja¹²⁵. Agostinho amava a verdade. E assim, procurava em tudo, exortar e corrigir com toda paciência. Pois, uma das obras de misericórdia, é corrigir os que erram¹²⁶.

1.3 - Discípulo e servidor da Palavra

Nestes parágrafos, abordaremos o papel e o lugar das Sagradas Escrituras na forma como Agostinho assumiu e percebeu os seus encargos episcopais. Por outras palavras, analisaremos de que forma e até que ponto a autoridade bíblica molda a postura do Pastor de Hipona. Sabemos da importância da imagem de «pastor», tanto no AT como no NT, como expressão da providência de Deus com o seu povo eleito que culmina em Jesus Cristo, o Bom Pastor por excelência. No presente estudo, interessa-nos sobretudo considerar os textos bíblicos mais evocados por Agostinho como configuradores da figura de pastor. No AT, cingir-nos-emos ao texto de Ezequiel (34) e, no NT, daremos relevo a três textos, retirados: do *Evangelho de João* (10, 1-18), da *Primeira carta a Timóteo* (3, 1-7) e da *Carta a Tito* (1, 5-9).

1.3.1 – Antigo Testamento

A metáfora do *pastor*, inspirada na vida quotidiana dos povos bíblicos (Gn 29,9), aplica-se aos governantes, como ao próprio Deus no cuidado que tinha com o seu povo (Gn 48,15; 49,24; Nm 27,15-20; 2 S 7, 7s; Sal 23). Em ambos os casos, revela-se um aspeto central: o cuidado fiel, que o próprio pastor tem para com o seu rebanho e o cuidado

¹²³ Agostinho, *.Ep.* 133, 2, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 118; 91, 9, (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 790; 104, 1, (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 1000; *Civ. Dei*, 19, 6, CCL 48, 670.

¹²⁴ Cf. Andrés, “*San Agustín y la audiencia episcopal*”, 134-135.

¹²⁵ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 336-346.

¹²⁶ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 19 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 373-375.

fiel de Deus para com o seu povo. Mas há também maus pastores: o AT apresenta-nos pastores que lutam entre si (Gn 13, 7s), que exercem violência (Ex 2, 17-19), que descuidam das suas tarefas pastorais (Ez 34, 8), que não buscam o Senhor e agem com insensatez (Jr 10, 21) e que se apascentam a si mesmos (Ez 34, 2). Como consequências, as ovelhas andam dispersas como se não tivessem Pastor¹²⁷.

Assim, o Senhor Yahvé vem em auxílio do seu rebanho, como Pastor que guarda, salva, protege e apascenta o seu rebanho (Jr 31, 10; 33,12s; Ez 34,12) e colocará outro pastor à frente do seu rebanho, o seu servo David (Ez 34, 23)¹²⁸. Esta promessa concretiza-se na pessoa de Jesus, em Jo 10, em que Ele mesmo se apresenta como o Bom Pastor.

No quadro que se segue¹²⁹ resumem as notas gerais características do *pastor* nos textos do Antigo Testamento, muitas das quais serão retomadas no Novo Testamento:

	Dispersão	Abandono	Novo pastor	Reunir as ovelhas
Ez 34	Dispersão das ovelhas (34, 5.8 – cf. 37, 12.21)	A não preocupação com as ovelhas (34,1-10.17-20)	Deus suscitará um rei messiânico (David) contraposto aos falsos pastores (34, 23-24)	Nova reunião de Israel (34,13)
Ez 36-37	Dispersão das ovelhas (37, 12.21)	Abandonar as ovelhas às feras (36,19)	Num «só povo, um só chefe, um só pastor» (37, 22.24) onde também estão contemplados os pagãos (37,26)	Uma nova reunião de Israel (37,12.21)
Jer 23, 1-8.32	Dispersam e extraviam o rebanho (23,1-8)	Os maus pastores não se ocuparam das ovelhas (23,2)	Ser-lhe hão concedidos pastores que as apascentarão (23,4)	Reuni as ovelhas e as apresenta os motivos (32, 37) e (23, 3)
Zac 10-13	Dispersem as ovelhas (13,7)	O não cuidado com as ovelhas (11.16)	O cuidado do pastor com as ovelhas	Reunião (10,9-10)

¹²⁷ Cf. John L. Mackenzie, «Pastor» em *Dicionário Bíblico* (São Paulo: Paulus, 1984), 696-698.

¹²⁸ Cf. Franz Kogler, Renate Egger-Wenzel e Michael Ernst, «Pastor» *Diccionario de la Biblia* (Bilbão: Mensajeiro e Maliaño (Cantabria): Sal Terrae 2012), 604-605.

¹²⁹ Cf. Mario de Sousa, *Da “Paroimía” do Pastor à “Parresía” do Cordeiro* (Roma: Pontificio Instituto Bíblico, 2003), 66.

			destinadas à matança (11,4.7)	
--	--	--	----------------------------------	--

Este quadro dá-nos uma ideia geral da ambivalência associada ao ofício e analogia da relação pastor-ovelhas: por um lado, o cuidado negligente e o abandono da parte de quem chefiava o povo. Disto resultava a dispersão das ovelhas, por não terem um guia. Em contrapartida, Deus vem em auxílio do seu povo. Anuncia o envio dum pastor que será capaz de dar a vida pelas suas ovelhas. Por fim, haverá uma reunião das ovelhas, uma concreção, porque o pastor sabe do que as ovelhas precisam, e sente que precisam dele. A intenção de Deus é que os seus filhos, obra das suas mãos, voltem para casa, pois é aí que lhes será restituída toda a sua dignidade e saborearão, para todo o sempre, da misericórdia do Pai: “filho, tudo o que é meu é teu, mas tínhamos de fazer festa porque o teu irmão estava morto e foi reencontrado, estava perdido e voltou à vida” (Lc 15, 11-32).

O texto do Profeta Ezequiel, capítulo 34, é o que melhor ilustra a figura do pastor no AT. Agostinho analisa os aspetos relevantes do pastor. Este texto tem dois momentos: num primeiro momento, dos versículos 1-10, são as denúncias que o povo está a sofrer nas mãos dos maus pastores e, no segundo momento, nos versículos 11-31, é anunciado o projeto de Deus para o seu povo¹³⁰.

Os pastores, que Deus coloca à frente do seu rebanho, não são escolhidos pelo próprio mérito, mas pela grande misericórdia divina. A primeira acusação feita aos pastores é de se apascentarem a si mesmos¹³¹. Bebem do leite e vestem a lã, matam as ovelhas gordas e contudo, não se dão ao trabalho de apascentar as ovelhas. O leite aqui, significa os bens que o povo de Deus oferece para o sustento dos pastores. Os pastores não podem fazer dos bens um direito; no entanto, é bom que o rebanho dê fruto e não seja estéril. Os que pregam o evangelho é bom que vivam do Evangelho. O pastor é como uma lâmpada, que ajuda o rebanho a caminhar. O melhor fruto que o pastor pode esperar do seu rebanho é a salvação dos que ouvem o anúncio da boa nova. Estes pastores que se apascentam a si mesmos, buscam os próprios interesses, e não a vontade de Deus¹³².

A lã significa as honras e os louvores a que os maus pastores aspiram. As honras e os louvores tornam-os frágeis, porque ao receberem aquilo que pretendem, deixam de

¹³⁰ Cf. Raymondo Brown, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo Antiguo Testamento*, trad. José Abadía e José Escobar, (Estella (Navarra): Verbo Divino, 2005), 497-498.

¹³¹ Agostinho, *Sermão* 46, 2, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 794.

¹³² Agostinho, *Sermão* 46, 3-6, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 796-802.

corrigir e mostrar qual é o caminho que o Senhor pretende. Surge então a questão: como é que os maus pastores matam as ovelhas? Matam as ovelhas com os seus maus exemplos. Enquanto os bons pastores apascentam com os bons exemplos. Mesmo assim, existem ovelhas que vivem da palavra de Deus e fazem aquilo que os pastores dizem, mas não seguem os seus maus exemplos¹³³.

Os maus pastores não cuidam das ovelhas que estão doentes, feridas e débeis. Não procuram as que se perderam. Imolam e matam as fortes e sadias. Preocupam-se apenas, com os bens e com as honras. Ao verem as ovelhas doentes não dizem nada, nem se esforçam em indicar o caminho do Senhor. O bom pastor corrige e exorta; atemoriza e consola; fere e cura a ferida. Não se preocupa com os bens e as honras, mas sim, com a salvação dos que escutam a palavra do Pastor de Israel¹³⁴.

Depois promete que irá enviar o seu servo David, que apascentará o rebanho com justiça. Nisto, surge uma esperança viva do pastor, que virá no final dos tempos para apascentar o seu povo em águas refrescantes (Is 40,10s; Jr 23,1-4; Ez 34,2-10; Mi 4,6s). Todo o AT terá a sua chave de leitura final no NT. Jesus, o pastor prometido, torna-se uma realidade visível no meio do seu povo, onde irá dar a própria vida pelas suas ovelhas, a fim de terem uma vida em abundância e serem apascentadas nos montes de Israel.

1.3.2 - Novo Testamento

O Novo Testamento (NT), identifica o Bom Pastor anunciado pelos profetas, com Jesus. Logo no início do relato da infância de Jesus, no Evangelho de Lucas, os pastores que possuíam um *status* social de menor importância, desempenham um papel importante (Lc 1-2). Já no Evangelho de São Marcos, Jesus na sua vida pública, ao olhar para a multidão, compadeceu-se profundamente porque eram como ovelhas sem pastores (Mc 6,34)¹³⁵. Em continuidade, Jo 10, 11.14, Jesus reconhece-se a si mesmo como o Bom Pastor. A imagem do bom Pastor é apresentada várias vezes, quer na tradição sinóptica¹³⁶,

¹³³ Agostinho, *Sermão* 46, 7-10, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 802-808.

¹³⁴ Agostinho, *Sermão* 46, 12, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 810.

¹³⁵ Jesus é apresentado aqui como pastor messiânico (Ez 34, 23-24 nota; 37,24), semelhante a Moisés e David (Nm 27, 15-17; Sl 77,21; 78,70-72), encarnando o próprio Deus-pastor, o Bom Pastor (Sl 23,1 nota; 74,1; 78, 52-53; 80,2; Ez 34,11-15 nota; Zc 11, 4.15-17 notas; Mt 18,12-14 nota; Jo 10,11-18 NOTA). É Ele que lhes dá o verdadeiro alimento, Nota tirada da «Bíblia Sagrada», cor. Herculano Alves, ed. 5, (Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 2008), 1638.

¹³⁶ Mt 9,36; 10,6; 15,24; 25,32-33; 26,31-32; Mc 6,34; 14,27; Lc,12,32.

quer nos outros livros do NT¹³⁷. Ambos apresentam a importância que esta imagem do bom pastor teve para os primeiros cristãos¹³⁸.

A tradição Sinóptica tem uma dependência e uma relação clara com o texto de Ezequiel, por exemplo, na parábola da ovelha perdida (Lc 15,3-7 par; Mt 18, 12-24). Já em João, o pastor tem um cunho claramente cristológico.

Nos textos de Jo 21,15-19; At 20, 18-35; 1Pe 5,1-4 e Ef 4,11, encontramos a relação entre o pastor e as ovelhas. Nestes textos, temos uma transformação semântica em que o que está em causa são os pastores da comunidade. Ao invés, em João, o termo pastor é aplicado apenas a Cristo¹³⁹. Os crentes olham para Jesus como o pastor definitivo (Heb 13,20 e Act 20,28-29).

1.3.2.1 - João 10, 1-18

Começamos por atender à estrutura do texto. Nos vv. 1-5, encontramos a exclusividade do pastor na sua relação com as ovelhas; os vv. 1-3a apresentam-nos o perfil de pastor e os vv. 3b-5 abordam a relação entre o pastor e as ovelhas. No versículo 6, temos a intervenção do narrador. E nos vv. 7-18, Jesus é apresentado como a Porta e o Bom Pastor. Jesus é a porta que dá acesso 7-10, o ideal a seguir; o bom pastor (11-18). Nas linhas que se seguem, ocupar-nos-emos da análise que Agostinho fez destes versículos.

Os pastores devem saber que o redil de Cristo é a Igreja, a porta é Cristo, e o pastor é aquele que entra em nome de Cristo. Entra em nome de Cristo apenas com uma missão: de buscar a glória de Cristo e não a própria glória, porque quem busca a própria glória acaba por dispersar as ovelhas em vez de reuni-las¹⁴⁰. Quem é que entra pela porta? Só aquele que é o pastor. Como é que se pode entrar pela porta? Imitando a paixão e a humildade de Cristo¹⁴¹. Quem é que abre a porta? O mesmo que é a porta. Abre a porta ensinando a verdade¹⁴². Quem é que pode tirar as ovelhas para fora, senão Cristo? Aquele que conduz da vida à morte e perdoa os pecados¹⁴³. Quem é que pode ir à frente, senão

¹³⁷ AT 20,28-29; Heb 13,20; 1Pe 2,25; 5,2-3.

¹³⁸ Cf. A. Pollastri, *Rapporto tra Gv 10 ed Ez 34. L'interpretazione patristica del «pastore». Aspetti esegetici, storici, teologici*, (Bologna: ASEs 2, 1985) 125-135.

¹³⁹ Cf. Sousa, Mario, *Da "Paroimía" do Pastor à "Parresía" do Cordeiro*, 30.

¹⁴⁰ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 5, CCL 36, 390: BAC 165, 121.

¹⁴¹ Agostinho, *Sermão* 137, 4, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 284.

¹⁴² Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 2-4, CCL 36, 398-399: BAC 165, 136-138.

¹⁴³ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 14, CCL 36, 396.

aquele que foi o primogénito dos mortos¹⁴⁴? Todos os que são ovelhas ouvem a voz do bom pastor. Então, como é que as ovelhas podem dispersar? Se não forem ovelhas de Cristo, não reconhecerão a voz do pastor¹⁴⁵ e assim, dispersam.

O Senhor Jesus apresenta-se umas vezes como porta e, outras vezes, como pastor. Porta em relação à cabeça e pastor em relação ao seu corpo, a Igreja. Jesus, o bom pastor, veio para que os seus tenham vida, e a tenham em abundância. Um mau pastor vem para roubar, matar e destruir. Há algo que é exclusivo de Jesus, a porta. Ninguém vai ao Pai senão por Ele. Quem são então os bons pastores? Pastores são Pedro, Paulo, os demais apóstolos, e também os santos bispos. Mas a nenhum destes se chamou porta. Jesus apresenta-se como exclusivo para a salvação, exclusividade da porta da vida¹⁴⁶. Enquanto que o bom pastor está em função das ovelhas, e por amor a Cristo, o mercenário vai a procura da própria honra e dos próprios interesses, que não são os de Cristo. Os mercenários procuram as acomodações temporais, cientes do lucro e desejosos das honras humanas. Não possuem um amor sincero às ovelhas de Cristo¹⁴⁷.

Há um conhecimento recíproco entre as ovelhas e os pastores. Jesus dá a sua vida livre e gratuitamente. Mostrando, assim, o poder que Ele tem sobre a morte e o desejo de existir apenas um só rebanho e um só pastor. Reconhece também, que ainda existem ovelhas que não são deste redil, mas que o desejo é que façam parte deste grande rebanho do Senhor, onde haverá um só pastor e um só rebanho.

1.3.2.2 - 1 Timóteo 3, 1-7

Analisando esta perícopes, pode-se deduzir um conjunto de virtudes para o desempenho do múnus episcopal. Entre estas virtudes encontram-se: a prudência, a justiça, a inteligência, a sobriedade, a modéstia, a hospitalidade e a paciência. Ao bispo, aconselha-se uma vida honesta, segundo os conselhos evangélicos¹⁴⁸.

A princípio o autor da Carta, apresenta o episcopado como um cargo bom e, por isso, desejável. Mas sem dúvida exige alguns requisitos, que encontramos nos versículos posteriores (2-7).

No comentário a esses versículos, Agostinho recorre à etimologia do termo «*episcopo*», para explicar o seu múnus.

¹⁴⁴ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 14, CCL 36, 396.

¹⁴⁵ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 10-13, CCL 36, 393-396.

¹⁴⁶ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 47, 1-3, CCL 36, 403-406.

¹⁴⁷ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 5, CCL 36, 400.

¹⁴⁸ Cf. Peter Gorday, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia, Colosenses, 1-2 Tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón, Nuevo Testamento 9* (Madrid: Ciudad Nueva, 2002) 268-275.

«É um nome grego; que na nossa língua se pode chamar de superintendente ou visitante. Nós somos bispos, mas convosco somos cristãos. O nosso nome particular proveio do vocábulo “visitador”, o nome comum a todos que provém do vocábulo “unção”. Se a unção é comum, também a luta é comum»¹⁴⁹.

O Pastor de Hipona ajuda-nos a perceber que o episcopado, na sua raiz etimológica, é aquele que vigia e sobre quem recai a responsabilidade pelas suas ovelhas. Tem também a preocupação em viver de acordo com os desígnios do Senhor. Mostra, outrossim, que todos têm a sua origem comum no batismo. Logo, todos devem trabalhar pela salvação.

Na sua controvérsia com Donato, afirma, numa carta¹⁵⁰, que o episcopado é algo de bom para se desejar. Assim, qualquer um que deseja algo de bom, será um proveito para sua alma, que é a sua salvação.

Na vida do cristão existem três géneros de opção: a contemplativa, a ativa e a mista, que engloba um pouco dos dois primeiros géneros de vida. Apesar destas opções que cada um faz, o que salva é fé, a opção pela verdade e pela caridade. Nenhuma destas vidas é mais importante que a outra, nem nenhuma pode ser substituída. Todas são importantes e todas se completam.

O pastor das almas recomenda que quem opta pela vida ativa, não deve amar as honras ou o poder, porque tudo o que há debaixo do sol é vaidade (Ecl 1,14). Os trabalhos que são acompanhados de honra e de poder, não estão de acordo com Deus. E quem deseja o episcopado, deseja uma boa ação, mas esta ação deve ser vista, mais como um trabalho ou um serviço, do que uma honra¹⁵¹. Então, nestes casos, não pode existir um bispo mau, porque quem é bispo deve praticar o bem, deve ser bom. O próprio apóstolo Paulo afirma que quem deseja o episcopado, deseja algo de bom. Assim, nestas circunstâncias, quem é mau não é pastor. Então aquele que se senta na cátedra não é bispo? Agostinho recorda-nos que até os espantalhos guardam as vinhas¹⁵². Tanto o homem como o espantalho cumprem a função de guardar a vinha. O facto de o espantalho cumprir as suas funções não o torna homem, assim, do mesmo modo, o homem ao sentar-se na cátedra não o torna bispo, se não se comportar de uma forma irrefutável e irrepreensível.

¹⁴⁹ Agostinho, *Sermão* 162/C 2, CCL 41Bb, 196-197.

¹⁵⁰ Agostinho, *C. Don.* 173, 1, 2. CSEL 44, 640-641: BAC 99, 545.

¹⁵¹ Agostinho, *Civ. Dei.* 19, 19, 1. CSEL 40/2, 406: BAC 172, 498.

¹⁵² Agostinho, *Sermão* 340/A, 6, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1010.

Nos versículos 2-7, enumeradas então as virtudes do pastor. Os fiéis ao verem um sacerdote justo, ficam contentes com os seus pastores e se regozijam com o seu costume. Por isso, devemos rezar por eles porque eles oram por nós¹⁵³. Quais as virtudes para se ser um pastor? A carta a Timóteo diz-nos que, para se ser um pastor, o homem seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir, hospitaleiro, competente no ensino, indulgente, pacífico, desinteresseiro, que saiba governar a sua casa e que não seja dado ao vinho nem briguento (1Tm 3,2-4). Pois a maneira como o candidato governa a sua casa é um bom indicador da sua possível atuação como bispo. Para além disso, Timóteo acrescenta que não deve ser um recém-convertido, para que este não se ensoberbeça e seja condenado juntamente com o diabo. Pois o diabo não será o seu juiz, mas sim a sua própria soberba e esta mesma soberba, o condenará ao fogo eterno¹⁵⁴. Por último, seja alguém que possui um bom testemunho até para os de fora, para que não venha a cair em descrédito. Que tenha um bom prestígio, uma boa reputação entre todos, não goze apenas de bons conhecimentos e de boas práticas públicas, mas que, pela forma como vive, seja reconhecido pelo seu testemunho de Cristo, mesmo em perigo de vida¹⁵⁵.

1.3.2.3 - Tito 1, 5-9

Estes versículos da Carta a Tito, expõe requisitos éticos e morais, para qualquer um que deseja o ministério episcopal, a partir dos exemplos da vida doméstica, dos hábitos pessoais e da fidelidade ao ministério. Então, o candidato deve ter uma conduta moral exemplar, que não tenha cometido crime algum durante o seu estado civil. Deve ser homem de uma única mulher, que tenha o cuidado para com os seus filhos e que possa mostrar também, que é capaz de cuidar dos outros. Deve ser um conhecedor das coisas de Deus, estudando e aprofundando a Sagrada Escritura. É essencial possuir uma vasta cultura geral, para poder refutar perante os seus adversários¹⁵⁶.

Estas recomendações que estão presentes na carta a Timóteo, não as encontramos nos Evangelhos dirigidas aos chefes, aos anciões, excetuando as exortações de Pedro (1Ped 5,1-4). Como sabemos, Paulo escrevia as suas cartas para responder às questões e

¹⁵³ Agostinho, *Sermão* 162C 1, CCL 41Bb, 196.

¹⁵⁴ Agostinho, *Sermão* 340/A, 2, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1002.

¹⁵⁵ Agostinho, *C. Faust.* 22, 56, CSEL 25, 651-652: BAC 529, 578-579.

¹⁵⁶ Cf. Gorday, Peter, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia, Colosenses, 1-2 Tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón*, 415-420.

necessidades concretas que afligiam as suas comunidades. É nesta linha que escreve estas recomendações a Tito, seu companheiro, como chegou a chamá-lo.

No versículo 5, Paulo faz uma recomendação a Tito, após a sua única estadia na Ilha de Creta (Act 27, 8-9). Paulo tinha este hábito de lançar as bases e depois deixar que outros encarregassem de completar a missão (1Cor 1,17; 3,6.10; Cl 1,7ss; Rm 15,23ss). A recomendação feita a Tito é que constituísse presbíteros em cada cidade¹⁵⁷.

Os versículos 6-9, do mesmo modo que Tim 3, 2-4, têm uma lista de virtudes e requisitos para que se possa desempenhar esta missão. A pessoa para exercer este cargo, necessita de ser idóneo, isto é, não tenha cometido nenhum delito, esteja liberto de tudo o que é escândalo: homicídio, adultério, qualquer tipo de imundície, fornicação, furto, fraude, sacrilégio e outros delitos¹⁵⁸.

No versículo 6, exige-se que seja homem de uma só mulher. Não se trata de excluir os viúvos casados, mas é uma questão de fidelidade, tanto no matrimónio como na entrega a Cristo. Requer-se que os filhos sejam crentes e deem bom exemplo, o que revela uma boa educação e orientação. Por ser bom administrador da própria casa é capaz de ser um bom administrador das coisas de Deus.

No versículo 7, enumera as atitudes que o bispo deve evitar e, já no versículo 8, refere as atitudes que o bispo deve ter em conta na sua vida. Por último, no versículo 9, a carta convida os pastores a ensinar. Para tal, é preciso ter os conhecimentos para poder instruir na sã doutrina cristã. Pois muitas vezes, podemos cair no erro de afirmar que o Espírito Santo falará por mim, sem que isso exija algum trabalho da minha parte. Portanto, é preciso conhecer a sã doutrina para depois poder transmiti-la. A transmissão pode-se realizar através da forma oral ou pelo exemplo de vida.

Como vimos, as Cartas a Tito e a Timóteo deixam algumas indicações, que servirão de base para todos aqueles que quiserem assumir na comunidade, a missão de pastor. Agostinho, com base nas três cartas pastorais de Paulo, da primeira e da segunda a Timóteo e da Carta a Tito¹⁵⁹, apresenta as linhas gerais do perfil e da pedagogia, daquele que assume a liderança de uma comunidade. Podemos, pois, concluir que, segundo Agostinho, ninguém pode assumir a missão de pastor sem ter em conta as orientações destas *Cartas* pastorais.

¹⁵⁷ Cf. Brown, Raymondo, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy, *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo Nuevo Testamento*, (Estella (Navarra): Verbo Divino, 2004), 454-455.

¹⁵⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 41, 10, CCL 36, 363: BAC 165, 73-74.

¹⁵⁹ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 16, 33, CSEL 80, 141-142: BAC 168, 248.

1.4 - O pastor como servidor

Na abordagem a esta característica do Pastor, vamo-nos apoiar sobretudo, no *Sermão 340 A*, dedicado à consagração episcopal de um bispo, no ano 411, em Fussala. O próprio Agostinho, assume que o mesmo sermão servia para ele como exortação, por estar a desempenhar o papel do bispo; de informação para o bispo que vai ser ordenado; e de instrução para os fiéis.

O pastor é aquele que preside ao povo na caridade. Como tal, deve ter em conta que é servo, mas servo de muitos. Por isso, recomenda a humildade das crianças, como caminho para conduzir os fiéis ao reino dos céus.

No Evangelho, assistimos a algumas disputas entre os discípulos, sobre qual deles seria o maior. Muitos dos presentes fiéis, podem ver neste cargo, algo de grandeza. Todavia, deve ser visto como quem preside na caridade e que serve a muitos. Jesus responde aos seus discípulos, que o maior é aquele que se põe ao serviço de todos. Do mesmo modo, todo aquele que desempenha o múnus de pastor, deve ter em conta que se encontra ao serviço de muitos, que são as ovelhas do Senhor.

Ser pastor, servir outros (as ovelhas, os fiéis), é saber-se chamado a «ajudar, exortar e corrigir com toda a paciência e doutrina»¹⁶⁰. Chamado a presidir na caridade, todo o pastor deve imitar o Mestre e Bom Pastor que, na última ceia, depôs o seu manto (símbolo da sua realeza), cingiu a cintura com uma toalha e começou a lavar os pés aos discípulos. Nesta dinâmica, Agostinho apresenta-nos que Jesus antes de se sentar na cátedra do Céu, passou pela cruz. Serviu até ao limite, dando a própria vida.

Os pastores são apenas intermediários da boa nova de Jesus. Por isso, Agostinho, num dos seus sermões de natal, recorda-nos que somos apenas um burro que leva a alegria ao mundo, tal como o burro, que levou Maria a visitar a sua prima Isabel. Ao contrário do burro, os pastores sabem da preciosidade que anunciam. Nesta dinâmica, recordamos a frase de João Baptista: «é necessário que Ele cresça e eu diminua» (Jo 3, 30). Assim se constrói o reino dos céus. Os pastores enquanto meros transmissores da boa nova, devem fazer com que Jesus cresça no coração da comunidade. O bispo apenas fala em nome do

¹⁶⁰ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 19 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 374, «arguens, hortans, increpans, in omni longanimitate».

Senhor. Logo, quem fala em nome de alguém, está ao serviço dessa mesma pessoa. Assim, o pastor está ao serviço da Igreja e de Cristo.

O Pastor é um servidor da palavra, das virtudes e das boas ações. Um serviço que requer toda a disponibilidade com uma entrega total, sem medir as consequências, até ao ponto de dar a própria vida. Não é servir-se de alguém ou de alguma coisa. É prestar um bom serviço, um serviço que requer alegria, disponibilidade, uma entrega total, um serviço oblativo, sem que se espere uma recompensa temporal, mas sim a mais preciosa: a salvação das ovelhas¹⁶¹.

Agostinho não caracteriza o bispo como aquele que está acima dos fiéis, mas sim como alguém que está ao serviço, que é servo. Jesus foi capaz de mostrar a sua realeza no serviço, no entregar-se, no dar-se aos homens de forma simples e humilde, não através de poderes esplendorosos. Assim, e em suma, o pastor das almas ajuda-nos a perceber que ao bispo é pedido que esteja ao serviço, e que a sua presidência seja na caridade e no serviço ao seu próximo.

1.4.1 - A figura de Pedro

Os pastores, à imagem de Pedro — o primeiro escolhido (Jo 21,16) — estão encarregados de velar pela Igreja (Ef 4, 27), de ir em busca das ovelhas perdidas (Mt 18, 12-14) e de defender o rebanho dos lobos (Act 20, 28-31)¹⁶². Agostinho no seu *Sermão* 137, 4, 4; 138, 4, atribui a Pedro o título e a característica do bom pastor¹⁶³. E nesta mesma continuidade, no sermão 138, 1, 1, testemunha o exemplo de muitos outros que foram bons pastores, porque deram a vida pelas suas ovelhas, não derramaram o seu sangue por motivo de orgulho, senão pela caridade. Estes são alguns que foram exemplos de bons pastores: Paulo, os demais apóstolos, os bem-aventurados bispos, os mártires que os sucederam e São Cipriano foram todos bons pastores e não mercenários, não por perderem a vida, mas por perderem as suas vidas em favor das suas ovelhas¹⁶⁴.

O bispo de Hipona ilumina as relações entre o único pastor e os bons pastores, pondo em paralelo Jo 10 com Jo 21, 15-17¹⁶⁵, através da figura de Pedro. Jesus apresenta-

¹⁶¹ Agostinho, *Sermão* 340/A, 1, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1000.

¹⁶² Cf. Xavier Léon Dufour, *Diccionario del Nuevo Testamento*, (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002), 458.

¹⁶³ Também este título foi atribuído ao Apóstolo Paulo no *Sermão* 137, 9, 11, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 294 e no *Jo.ev.tr.* 47, 3, CCL 36, 405.

¹⁶⁴ Agostinho, *Sermão* 138, 1, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 304.

¹⁶⁵ Agostinho, *Sermão* 46, 13 e 30, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 812 e 838; 138, 4, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 306.

se aos seus discípulos depois da ressurreição e fala a Pedro à parte. Temos uma tríplice pergunta e uma tríplice resposta de Pedro, sempre com a indicação da missão, que Jesus lhe indica: apascenta as minhas ovelhas. Obriga uma tríplice confissão do seu amor em detrimento da tríplice negação. «Cristo ressuscitou na carne, e Pedro no espírito pois, assim como Cristo morreu na sua paixão, assim Pedro na sua negação. O Senhor Jesus ressuscitou de entre os mortos, e com o seu amor ressuscitou Pedro»¹⁶⁶. Pedro morre na sua negação e ressuscita pelo amor de Jesus. Tudo isto acontece pela graça divina.

A tríplice confissão de amor em oposição à tríplice negação. Porque é que Jesus perguntou três vezes se já sabia a resposta? Ao responder três vezes confessando o seu amor a Cristo, destrói as três negações que já tinha feito no momento da paixão. Pedro que nega pela debilidade da carne, ama pela graça divina. Ama e nega ao mesmo tempo. A negação é algo que o autodestruiu, enquanto ao confessar o seu amor por Jesus restituía a sua dignidade¹⁶⁷.

A missão dada a Pedro recai sobre todos os outros pastores. São cuidadores das ovelhas porque um só é o bom pastor, o dono das ovelhas. Ao confiar a Pedro a missão de cuidar as suas ovelhas, confiava o cuidado de toda sua Igreja¹⁶⁸. A missão dos Pastores verifica-se assim, no cuidar dos membros do seu corpo, ensinar a sã doutrina, velar pela unidade e, acima de tudo, trabalhar com um único fundamento: a caridade.

Os bons pastores precisam do único pastor, porque somente Ele ensina e garante a unidade. Porque há um único corpo, uma única cabeça e um só Cristo. Pois deste mesmo modo temos um só pastor. Todos os bons pastores fazem parte de um único membro: O Bom Pastor. Em Pedro está a unidade de todos os pastores. Pedro ao responder a Jesus respondia como uma figura da Igreja, respondia por todos nós, que somos um único membro do seu corpo que é a Igreja. O pastor dos pastores tem por esposa e por seu corpo a Igreja, que é feia pelos seus pecados, e logo bonita e honrosa com a graça e o perdão do Senhor. Nós fazemos parte desta dicotomia enquanto pastores e ovelhas. Todos nós pertencemos ao Senhor¹⁶⁹.

Desta relação, todos os pastores são convidados a imitar o único pastor¹⁷⁰ e a imitar a mesma voz¹⁷¹. Os pastores perante o perigo não devem fugir, como fazem os

¹⁶⁶ Agostinho, *Sermão* 229/N, 1, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 492.

¹⁶⁷ Agostinho, *Sermão* 229/P, 3, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 506.

¹⁶⁸ Agostinho, *Sermão* 229/P, 4, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 508.

¹⁶⁹ Agostinho, *Sermão* 138, 5-6, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 308-312.

¹⁷⁰ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 47, 2, CCL 36, 404-405; 123, 5, CCL 36, 678-680.

¹⁷¹ Agostinho, *Sermão* 46, 30, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 838.

mercenários. O verdadeiro pastor permanece firme perante as dificuldades, inclusive diante daquelas que lhe podem custar a vida¹⁷².

A resposta de Pedro a Jesus fez com que lhe atribuísse uma missão: o cuidado do seu rebanho, resgatado com o preço do seu sangue, o preço mais alto que podia ser, a vida. Em Pedro está simbolizada a unidade de todos os pastores, de todos os bons pastores, que sabem apascentar as ovelhas para Cristo e não para si. Pedro respondeu com sinceridade, porque a resposta vinha do seu coração. E para confirmar esta mesma resposta, Pedro deu a vida pelas suas ovelhas.

Em tudo o que vimos, Pedro coloca-se todo nas mãos do Senhor¹⁷³ e, assim, espelha a unidade da Igreja e nele, todos os bons pastores estão representados. Por isso, Agostinho lutava tanto pela unidade entre todos. Combatia as heresias, pois estas colocavam em causa a unidade e eram motivo de separação.

1.4.2 - As atitudes de um Pastor

Agostinho convida-nos a olhar para o Evangelho do Bom Pastor (Jo 10, 1-18) e refletir sobre estas três personagens: o pastor, o mercenário e o ladrão. Olhando com cuidado para o texto evangélico, verificamos que existe uma diferença clara no trato com as ovelhas, entre estas três personagens. O pastor dá a sua vida pelas ovelhas e entra pela porta. O ladrão, por sua vez, é um salteador e sobe por um outro lado. Não usa nunca a porta. O mercenário, que vendo o lobo e o ladrão, foge, porque não se preocupa com as ovelhas.

O primeiro entra pela porta porque é pastor. O segundo entra por outra parte porque é ladrão e o terceiro, sendo mercenário, vendo os que tentam levar as suas ovelhas, teme e foge, revelando que se preocupa apenas consigo mesmo e não com o bem-estar das ovelhas. Tendo em conta estes comportamentos, Agostinho deixa-nos três conselhos para que se possa avançar no caminho da santidade: amar o pastor, ser paciente e tolerar o mercenário e, por último, evitar o ladrão¹⁷⁴.

Após esta observação inicial, vamos de seguida, e com base nos comentários de Agostinho ao texto de Jo 10, 1-18, tentar uma análise destas três personagens, terminando por sublinhar a forma como é entendida a missão do pastor.

¹⁷² Cf. A. Pollastri, «Pastor», em *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, 1705-1706.

¹⁷³ Agostinho, *Sermão* 253, 1, (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984) 776.

¹⁷⁴ Agostinho, *Sermão* 137, 5, 5, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

a) – *O “ladrão e o salteador”*

O ladrão e o salteador, pelas suas atitudes, representam todos os que procuram apoderar-se daquilo que é próprio e propriedade de Deus. Desta forma, são apresentados sempre em oposição ao que significa ser pastor. Assim, o ladrão, e em continuidade com o capítulo 9, é aqui identificado com os fariseus, conhecedores da lei, e com os líderes religiosos, que possuem uma grande influência sobre o povo. Estes, ao longo do quarto Evangelho, opõem-se, por diversas vezes, às atitudes de Jesus¹⁷⁵. Desta forma, o ladrão que sobe por outro lado, e não pela porta, é igual ao salteador que atua com violência.

O ladrão pretende ter acesso àquilo que só é permitido ao pastor. Como vimos, acentua-se o carácter de “ser” e “não ser” pastor. Isto faz recordar os “maus pastores” de Jer 23, 1-2, Ez 34, 1-10 e Zc 11,4-10.1-16. Neste grupo dos “maus pastores”, “não ser” pastor, incluem-se os saduceus, os zelotas e os fariseus. Todos estes, que “não sendo” realmente pastores, pretendem ter acesso às ovelhas tirando leite e lã.

Verificamos claramente, a relação do ladrão com as ovelhas através da entrada no redil. A sua entrada não se dá pela porta, porque são estranhos. Como tal, não existe relação nem um mútuo reconhecimento. As ovelhas não ouvem o ladrão porque não o reconhecem. Como consequência fogem e nunca seguem o ladrão¹⁷⁶. Os ladrões sobem por outro lado. Sobem porque são do outro lado¹⁷⁷. Quem entra pela porta tem a delegação de Jesus, e aquele que não entra pela porta, não tem o mandato de Jesus. Não se preocupa em transmitir a mensagem de Cristo, mas apenas procura o próprio interesse¹⁷⁸. Daí ser tão interessante e verdadeiro o conselho de Agostinho: evitar os ladrões.

b) – *O mercenário*

O mercenário é aquele que, ao ver o lobo e o ladrão, sente medo e foge, porque não se preocupa com as ovelhas¹⁷⁹. “O pastor anuncia Cristo com sinceridade, o mercenário anuncia pelo oportunismo, buscando outra coisa. Contudo, um e outro anunciam Cristo”¹⁸⁰. É com base nisto que o apóstolo Paulo afirma que o essencial é que

¹⁷⁵ Cf. Sousa, Mario, *Da “Paroimía” do Pastor à “Parresía” do Cordeiro*, 30-31.

¹⁷⁶ Cf. Sousa, Mario, *Da “Paroimía” do Pastor à “Parresía” do Cordeiro*, 25-29.

¹⁷⁷ Agostinho, *Sermão* 137, 10, 12, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 296.

¹⁷⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 8, CCL 36, 391-392.

¹⁷⁹ Agostinho, *Sermão* 137, 5, 5, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

¹⁸⁰ Agostinho, *Sermão* 137, 9, 11, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 294.

Cristo seja anunciado. No entanto, Deus quer que à frente do seu rebanho esteja o pastor e não um mercenário. O mercenário é «aquele que busca o salário temporal na casa onde não habitará para sempre»¹⁸¹. O mercenário não deve estar nunca à frente do rebanho, pois serve apenas para realizar outros assuntos e fazer outros negócios. Diante da falta de pastores, abundam os mercenários¹⁸². Entre os bons pastores encontram-se também os mercenários¹⁸³.

«O mercenário, que não é pastor, do qual não são as ovelhas, vê o lobo que vem e deixa as ovelhas e foge» (Jo 10, 12). São as palavras do próprio Senhor. Porque motivo fogem? Porque não se importam com as ovelhas. Pois os mercenários fogem quando vêm um lobo ou um salteador. Agostinho conta-nos, com base na sua própria experiência, que teve momentos em que lhe foi pedido, enquanto pastor, que agisse como um juiz. Mas agiu sempre como um pastor e não como um mercenário, porque um pastor age sempre de acordo com os fundamentos de Cristo.

«No entanto, às vezes, viviam de tal maneira que pediam ao bispo como tirar ao outro a sua quinta e pedem conselho a respeito. Algumas vezes tem sucedido isto a mim; falo por experiência; se não sucedesse assim, não acreditaria. São muitos o que me pedem conselhos malvados: sobre como mentir, sobre como enganar, pensando que vou sentir compaixão. Mas, em nome de Cristo, se agrada ao Senhor o que estou a falar, nenhum dos que me mentiram nesse sentido encontrou em mim o que queria. Porque, como o quis quem nos chamou, somos pastores e não mercenários»¹⁸⁴.

Agindo como pastor, Agostinho corrige as suas ovelhas, mormente as que andavam em pecado¹⁸⁵, preocupando-se apenas com a sua salvação. Nenhum pecado escandalizava nem atormentava o seu espírito. Mas não temia corrigir os errantes. Ao invés, os mercenários têm receio em corrigir, porque ao corrigir temem perder os bens das ovelhas. Assim, vendo comportamentos e atitudes que não levam à salvação do indivíduo, não corrigem e não chamam a atenção porque não amam.

O mercenário procura os próprios interesses e não os de Cristo. Procura os próprios proveitos na fama, nas honras do mundo e, como tal, não anuncia gratuitamente

¹⁸¹ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 8, CCL 36, 402-403.

¹⁸² Agostinho, *Sermão* 137, 9, 11, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 294.

¹⁸³ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 5, CCL 36, 400-401.

¹⁸⁴ Agostinho, *Sermão* 137, 11, 14, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 298.

¹⁸⁵ Agostinho, *Sermão* 137, 11, 14, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 298.

o Evangelho, mas sempre com a intenção de ganhar algum rendimento. Não buscam a Deus por Deus. Por isso, sabem estar no meio dos horrores sem dizer nada¹⁸⁶.

Quem é o lobo, do qual os mercenários fogem? “O lobo é o diabo, tem as armadilhas para enganar, mesmo os que o seguem, pois é dito que estão vestidos da pele de ovelha, mas por dentro são lobos ferozes”¹⁸⁷. O lobo representa o perigo que as ovelhas estão prestes a viver. O lobo distingue-se, mais uma vez, daquele que não é o pastor.

Com base no Evangelho, podemos apreender algumas das características dos mercenários: não possuem uma relação com as ovelhas, e estas não conhecem a sua voz; não são pastores, nem proprietários cuidadores (Jo 10, 12b); na hora do perigo, vêm o lobo e fogem (Jo 10, 12c-e). Estas atitudes têm como consequência que as ovelhas são arrebatadas e espantadas (Jo 10, 12f). Tudo isto, porque aos mercenários não importa a sorte das ovelhas (Jo 10, 13). Daí ser tão interessante e verdadeiro o conselho de Agostinho: ser paciente e tolerar os mercenários¹⁸⁸.

c) - O bom pastor

O bom pastor é uma figura central no Evangelho de João e, a partir daí, nos *sermões* de Agostinho, podemos aferir a sua importância na própria expressão do Evangelho quando diz que “o bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas e entra pela porta”. Neste texto, por duas vezes, Jesus afirma “Eu sou o bom pastor” (Jo 10, 11a; 14a), evidenciando o adjetivo qualificativo do Pastor.

O Pastor está em oposição ao mercenário. Este último, vê o lobo e foge; Enquanto que, o pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. Podemos enunciar muitos outros adjetivos qualificativos, que ajudariam a compreender esta menção que Jesus faz a si próprio: belo, ideal ou modelo, bondade, benevolência ou ainda o perfeito pastor.

O bom pastor demonstra a sua relação profunda com as ovelhas. Existe uma legitimidade entre ambos através do “ouvir a sua voz”. As ovelhas “ouvem” a sua voz e “seguem-no”, porque reconhecem a sua voz. Ouvir é algo próprio das ovelhas e o seguir, é responder ao chamamento que o Senhor lhes faz. O pastor chama cada um pelo nome, conduzindo cada um, da morte à vida, do deserto às pastagens verdejantes.

¹⁸⁶ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 5, CCL 36, 400-401.

¹⁸⁷ Agostinho, *Sermão* 137, 10, 12, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 296.

¹⁸⁸ Agostinho, *Sermão* 137, 5, 5, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

Chamar pelo nome é a primeira ação do pastor. O facto de chamar cada um pelo nome, revela uma relação pessoal com cada um. Primeiro chama, as ovelhas escutam a sua voz e, logo depois, conduz. Assim, logo após o chamamento, conduz cada uma para as pastagens verdejantes. Deus chama e as ovelhas escutam e seguem a sua voz. As ovelhas seguem porque reconhecem a sua voz. Não reconhecem as vozes que não são do pastor. O reconhecimento da voz impede qualquer outro tipo de relação que não seja com o pastor¹⁸⁹.

Jesus apresenta-se ao mesmo tempo, como pastor e como a porta. Só se pode entrar e sair pela porta. Agostinho ajuda-nos a perceber esta entrada e saída. Para ele a entrada e saída referem-se a um caminho interior e exterior. Interior, quando mergulhamos nos nossos pensamentos e percebemos que, pela fé, Cristo habita em nossos corações — como afirma o apóstolo Paulo. Exterior, quando saímos e colocamos em acção o que Deus nos inspirou.

Tanto o pensamento como a ação são realizados segundo a fé em Cristo Jesus. Jesus ao entrar dá-nos a possibilidade da vida eterna e ao sair dá-nos a possibilidade da vida em abundância. Não se pode entrar no seu redil, isto é, na Igreja, a não ser pela porta que é Cristo, através do batismo. Os verbos são importantes e ajudam-nos a diferenciar o pastor do ladrão. Enquanto o pastor *entra*, o ladrão *salta*. O pastor entra pela porta por ser dono e o ladrão não pode fazê-lo, porque não é o dono da casa¹⁹⁰.

1.4.3 – O Pastor, segundo Cristo

O pastor de Hipona tinha bem presente, desde que conheceu o grande pastor de Milão, S. Ambrósio, e especialmente a partir do dia da sua ordenação presbiteral e, depois episcopal, o significado e as implicações do ser-se pastor. Por isso, sobretudo na sua pregação, deixa-nos ideias claras sobre o que é ser pastor ao estilo de Jesus.

Assim, define o Pastor como “aquele que é servo de muitos”. Servo de Deus e da Igreja¹⁹¹. Pois o episcopado mais do que uma honra é um serviço. Pastor é uma pessoa onde se espelha a humildade das crianças, um homem de distintas virtudes, aquele que “preside” na caridade e servo do “Senhor Jesus”. Pastor é o intermediário de Jesus, aquele que apascenta as ovelhas por “amor” e ama Jesus. Mestre na humildade, na palavra e na

¹⁸⁹ Cf. Sousa, Mario, *Da “Paroimía” do Pastor à “Parresía” do Cordeiro*, 36-42.

¹⁹⁰ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 14, CCL 36, 396-397.

¹⁹¹ Agostinho, *Ep.* 134, 1, (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 122; *Op. mon.* 3, CSEL, 41, 586 ss; *Sermão* 339, 9, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 992.

obra. Deve ser um grande “médico” que cura as feridas das ovelhas, que pratica boas obras e que é bom para os outros. Pastor é o que fala em nome do Senhor. Com base na sua interpretação e comentário ao Evangelho de São João, Pastor é que aquele que entra no redil pelo mandato de Cristo, porque Cristo é o pastor e a porta que dá acesso ao rebanho. Pastor é aquele que imita a paixão de Cristo e conhece a humildade de Cristo. Participar na paixão de Cristo significa dar a vida. Foram muitos os pastores que, a exemplo de Cristo, deram as suas vidas pelas ovelhas. A responsabilidade do pastor consiste em apascentar as ovelhas, como Cristo pediu a Pedro, a custo da sua vida.

É pastor aquele que “corrige” as ovelhas que estão transviadas da sã doutrina. Corrige expondo-lhes os mandamentos de Cristo em palavras e obras. É um ensino que parte da própria experiência de vida e apela à unidade, procurando sempre, a salvação das suas ovelhas. Assim, o Pastor é um construtor que tem a missão de edificar a Igreja do Senhor. Um construtor, que edifica sobre a pedra, que é Cristo¹⁹². É também um agricultor que cultiva a vinha do senhor plantando e regando¹⁹³. Através desta imagem do agricultor, exprime-se a ideia de um cuidado contínuo. Este cuidado é sublinhado na metáfora da “sentinela”: qual guardião das coisas de Deus¹⁹⁴. É aquele que apascenta e deixa-se apascentar por Cristo; é aquele que busca os interesses de Cristo e não os seus próprios interesses.

O lugar que o pastor ocupa não é pelo mérito pessoal, mas resulta de uma escolha do Senhor¹⁹⁵. Como demonstra o exemplo de Paulo, de perseguidor é chamado a ser apóstolo¹⁹⁶. Também a eficácia da ação pastoral depende da graça de Cristo. Pode-se clarificar com o exemplo de Salomão. «Se o Senhor não constrói a casa, em vão labutam os seus construtores; se o Senhor não guarda a cidade, em vão vigiam os guardas.» (Sl 126, 1). Pois, o pastor pode fazer todo o trabalho: contruir, edificar, dinamizar, mas a sua eficácia vai depender sempre do verdadeiro pastor¹⁹⁷. Todo o bom pastor está unido a Cristo:

«Encontro aqui todos os bons pastores num único pastor. Com efeito, não faltam bons pastores, mas eles estão num só. Há muitos que estão divididos. Mas aqui

¹⁹² Agostinho, *Sermão* 46, 10-11, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 806-810; *En Ps.* 126, 2 (OSA, 22, Madrid: BAC, 1967) 342-344.

¹⁹³ Agostinho, *Ep. Ep.* 268, 3, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 954; *Sermão*, 82, 12, 15, (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 630; 101, 4, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 244.

¹⁹⁴ Agostinho, *Sermão* 339, 2 e 8-9, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 974 e 990-992.

¹⁹⁵ Agostinho, *Sermão* 46, 2, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 794.

¹⁹⁶ Agostinho, *Sermão* 298, 4, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 364.

¹⁹⁷ Cf. Michele Pellegrino, «S. Agostino, pastore d’anime», em *Recherches Augustiniennes*, 1, (1958), 320.

fala-se de um apenas, porque se quer realçar a unidade (...) todos os bons pastores estão num só, são um só. Se eles apascentam, é Cristo que apascenta (...) também diz: “Sou eu que apascento”, porque a sua voz está neles, porque o seu amor está neles. Também ao próprio Pedro, a quem o Senhor confiava as suas ovelhas, como se um estivesse no outro, queria torná-lo um consigo e assim entregar-lhe as ovelhas, para que Cristo fosse a cabeça e Pedro assumisse a imagem do corpo, ou seja, da Igreja e, tal como o esposo e a esposa, fossem os dois uma só carne»¹⁹⁸.

Toda a missão do pastor realiza-se e concretiza-se na Igreja, e só na Igreja. Desta forma, toda a missão de qualquer pastor em particular, está incorporada na missão do verdadeiro pastor Jesus Cristo¹⁹⁹.

As competências do pastor consistem em censurar os irrequietos, confortar os tímidos, cuidar da ferida dos doentes e usar de paciência com todos. No exercício da pregação e catequese, atividade pastoral por excelência, Agostinho assume-se como servo de Deus e servidor da palavra²⁰⁰. Se a Escritura contém o tesouro da palavra divina ela deve ser “descoberta” e partilhada com todos. Imitando o Mestre e Bom Pastor, o pregador deve anunciar a palavra *de Deus*: «Com efeito, se dissermos coisas da nossa cabeça, seremos pastores que nos apascentamos a nós próprios e não às ovelhas. Mas, se as coisas que dizemos forem do Senhor, é Ele que vos apascenta por meio de quem quer que seja»²⁰¹.

A pregação agostiniana não tem, contudo, apenas em conta a Palavra revelada, mas está também atenta ao “terreno” em que essa deve ser semeada. Daí a atenção permanente do pastor e pregador à vida concreta das pessoas, e das suas vivências quotidianas. Trabalhava todos os dias, com o objetivo de ajudar as almas²⁰², disponível, prudente e discreto, ao intervir junto das autoridades²⁰³. Assim, colocando a sua voz ao serviço da Igreja.

A pregação também partia da sua vivência interior (fruto de oração e meditação), com a convicção que o seu dever passava pelo seguimento do exemplo de Cristo²⁰⁴. Pois a sua missão é uma participação na missão de Cristo, da qual o pastor deve inspirar toda

¹⁹⁸ Agostinho, *Sermão* 46, 30, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 838.

¹⁹⁹ Cf. Pellegrino, M. «S. Agostino, pastore d'anime», 336-338.

²⁰⁰ Agostinho, *Sermão* 339, 4, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 978.

²⁰¹ Agostinho, *Sermão* 46, 2, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 794.

²⁰² Possídio, *Vida de Santo Agostinho* 19 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 373-375.

²⁰³ Possídio, *Vida de Santo Agostinho* 19 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 375.

²⁰⁴ Agostinho, *Sermão* 101, 6, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 246.

a sua ação pastoral²⁰⁵. Cristo não disse a Pedro «apascenta as tuas ovelhas», mas sim «as minhas»²⁰⁶. Por isso, o pastor de Hipona tinha a consciência que o seu pastoreio era para os outros e não para si. Nisto, se estabelece a diferença entre o pastor e o mercenário, que trabalham com diferentes intenções. Um trabalha pela honra e pelo salário, enquanto o outro trabalha participando da missão do belo pastor.

Move o pastor o amor a Cristo²⁰⁷ e a caridade fraterna. Daí ser tão interessante e verdadeiro o conselho de Agostinho: evitar o ladrão; ser paciente e tolerar os mercenários; e amar o Pastor²⁰⁸.

Este nosso último ponto, servir-nos-á de apoio para o segundo capítulo. É em Jesus, único e belo Pastor, que Agostinho se inspirou para o seu agir enquanto pastor e cristão. Tem plena consciência — e isso verifica-se nos seus sermões — que o seu ministério só tem razão de ser, enquanto participação no ministério de Cristo. Sozinho não é nada. Mas com Cristo é tudo. Consciência que estará na base da sua eclesiologia, ao falar do *Totus Christus*.

²⁰⁵ Cf. Pellegrino, M. «S. Agostino, pastore d'anime», 331.

²⁰⁶ Agostinho, *Sermão* 46, 2, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 796

²⁰⁷ Para elaborar o nosso texto apoiamos, nos sermões tirados por ocasião do seu aniversário da ordenação episcopal, da ordenação de um bispo e do comentário ao trecho de (Jo10, 1-18): Agostinho, *Sermão* 339, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 972-992; 340, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 994-998; 340A, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1000-1022; 137, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 280-302; 138, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 304-318; Agostinho, *Jo.ev.tr.* 45, 14, CCL 36, 388-413.

²⁰⁸ Agostinho, *Sermão* 137, 5, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

Capítulo II

Os Sermões

No presente capítulo falar-se-á dos *Sermões* agostinianos, enquanto tais. Sabemos que a pregação sempre foi tida como algo de essencial na vida da Igreja. Essa acontecia ao ritmo das celebrações litúrgicas, nas quais a Sagrada Escritura ocupa um lugar central, na celebração eucarística em particular. Agostinho sublinha que o que a boca proclama, a vida deve confirmar com gestos, obras de louvor e de agradecimento. Como servidor da palavra, o bispo de Hipona preocupa-se especialmente por na teoria e na prática, ser um bom “ministro” da Palavra. Comprova-o teoricamente em obras como o *De Doctrina Christiana*; mostra-no-lo na prática quotidiana da sua pregação ao povo.

2.1 – Os Sermões ao Povo

Os Sermões de Agostinho que hoje podemos ler são fruto das suas pregações durante quase quarenta anos de atividade pastoral, em que a catequese e pregação ocuparam o pastor de Hipona, desde que foi ordenado presbítero para ajudar seu velho bispo no ministério da palavra. Entendeu, de facto, sempre o sacerdócio como um ministério ao serviço da palavra e dos sacramentos (*dispensator verbi et sacramenti*)²⁰⁹.

A biblioteca de Hipona chegou a ter certamente, cerca de quatro mil Sermões, dos quais a maioria não chegou a ser corrigida, nem publicada pelo pregador hiponense.

Os temas tratados são os mais variados, explorando todos os assuntos da bíblia e da liturgia, já que a pregação acontece ao ritmo das celebrações litúrgicas, nas quais a Sagrada Escritura ocupa um lugar central. O contexto, em que os Sermões tantas vezes foram proclamados, era, por excelência, na celebração litúrgica.

Podemos dividir estes Sermões em quatro classes: sobre a bíblia, sobre as festividades litúrgicas, sobre os santos e sobre os temas diversos²¹⁰.

Agostinho não costumava escrever os seus Sermões antes de os proclamar. A maior parte foi registada pelo trabalho zeloso dos taquígrafos, que acompanhavam o

²⁰⁹ A expressão que aparece mais de vinte vezes nos seus escritos. Pela primeira vez em *Ep. Ep.* 21, 3 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 102; Cf. P. Langa, «Dispensador de la palabra y del sacramento», em *Pensamiento agustiniano* 11, (1996) 45-59.

²¹⁰ Cf. Angelo di Berardino, *La edad de oro de la literatura patristica latina, Patrologia III* (Madrid: BAC 422, 1986) 475.

pregador por toda a parte. Os seus trabalhos consistiam em escrever, o que falava o pregador. Havia alguns taquígrafos que atuavam por conta própria, outros eram contratados. O hiponense aceitava de bom grado, sabendo que quando pregava, não só falava para os ouvintes da assembleia, mas também para os futuros leitores²¹¹. Sabemos que os atuais cerca de 600 Sermões agostinianos constituem apenas uma parte do que foi pregado e registado pelo pastor de Hipona, entre os anos 391 e 430, desde a sua pregação como presbítero²¹² até a sua morte²¹³.

A palavra “Sermão”, do latim *sermo*²¹⁴, é um dos termos utilizados pelos Padres da Igreja para referir o discurso proferido, quer pelo bispo quer pelo presbítero, dirigido aos fiéis, no contexto da celebração litúrgica. O Santo de Hipona usa o termo *sermo/sermones* para referir toda a sua pregação, não incluindo o comentário contínuo à Sagrada Escritura. Para iluminar a sua pregação, Agostinho usa estes dois termos: *sermo* e *tractatus*.

Na época patrística, os termos *sermones*, *homiliae* e *tractatus* eram utilizados geralmente, como sinónimos. *Sermo* é a tradução do grego (*homília*) que significava instrução pastoral com conteúdos simples e populares. No tempo de Agostinho, tanto *sermo* como *tractatus* são utilizados para referir a pregação cristã. Agostinho chegou a fazer o uso destes dois termos, mas prefere o *tractatus*²¹⁵ para referir os seus Sermões. O verbo *predicare* é um dos mais comuns para mencionar tecnicamente a pregação cristã e, outrossim, a pregação ordinária dos pastores. *Praedicator* e *praedicatio* são vocábulos frequentes na pregação de Agostinho. *Praedicatio* pode significar não só a ação de pregar,

²¹¹ Agostinho, *En. Ps.* 51, 1, CCL 39, 623; Cf. Pio de Luis Vizcaíno, «San Agustín, Predicador», *el pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy*, Dir. J. Oroz Reta e J. A. Galindo Rodrigo, t. III (Valência: edicep, 1998), 545-547.

²¹² Cf. Lamelas, Isidro Pereira, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio* 161.

²¹³ Cf. José de Leão Cordeiro, *Antologia Litúrgica textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*, (Porto: Gráfica Coimbra, 2003) 859.

²¹⁴ O Sermão, para os padres da Igreja, é um discurso comum, que se distingue de um discurso elaborado e preparado. Nesta época, o termo *sermo* referia-se, na linguagem cristã, a algo que é sagrado ou a algo sobrenatural. Um dos seus primeiros significados estava relacionado com o comunicar com sensatez. É um modo importante para o ensino religioso. *Sermo* também se aplica a um discurso destinado a anunciar a palavra de Deus, com o objetivo de edificar os fiéis. É dirigido a todos que se encontram no auditório ou na assembleia litúrgica. Adaptava-se às suas situações humanas e espirituais. No século IV, *sermo* é utilizado com maior frequência em todo tipo de pregação: catequético, exegético, parenético, orientação moral e disciplinar, e exortação religiosa. Cf. S. Zincone, «Sermo», em *Diccionario Patristico y de la Antiguedad Cristiana*, ed. Angelo Di Berardino, t. II (Salamanca: Sígueme, 1992), 1977-1980.

²¹⁵ Agostinho mostra uma certa preferência por este termo para designar a sua pregação, *tractare* e *tractatus*. Designam geralmente a pregação exegética oral e escrita, com a finalidade do ensino (*docere*) que é a edificação. A fonte desse ensino encontra-se na Bíblia. Para Agostinho o pregador é um «tractador divinarum scripturarum et doctor»: Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 4, 6, CSEL 80, 121; Agostinho, *Sermão* 170, 3 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 808. Este conceito tende a alargar-se a todo tipo de pregação.

como também o conteúdo da pregação, a doutrina nela pregada ou ensinamento da Igreja²¹⁶.

Ao usar os termos *sermo* e *tractatus* para referir os seus Sermões, Agostinho queria acentuar o carácter pastoral da pregação, que era dirigida aos fiéis reunidos em comunidade na celebração litúrgica. Isto era considerado como algo inseparável do ministério sacerdotal de um pastor.

Lembramos, ainda, que a pregação de Agostinho não se limita ao conjunto de Sermões publicados pelos editores modernos sob o qualificativo de “Sermões”. Na verdade, a sua vasta predicação homilética compreende-se entre três grupos de Sermões:

1. Os Sermões propriamente ditos (*Sermones ad populum*);
2. Os *Tractatus* ou Comentários ao Evangelho e Primeira Carta de S. João (*In Iohannis Evangelium tractatus, In epistolam ad Parthos*);
3. As homilias ou *comentários* aos Salmos (*Enarrationes in Psalmos*).

De entre esta mais vasta obra de oratória e de exegese pastoral, os *Sermões ao povo* «*Sermones ad populum*»²¹⁷, constituem um género à parte, na medida em que foram proferidos perante uma assembleia. Enquanto tais, distingue-me, dos Sermões-comentários bíblicos contínuos, da Sagrada Escritura²¹⁸.

Os Sermões ao povo equivalem, grosso modo, às nossas homilias dominicais, proferidas dentro da celebração eucarística, tomando como ponto de partida as leituras do dia. Em alguns casos, podiam estar desvinculadas das celebrações eucarísticas, dos sermões dirigidos aos candidatos ao batismo e dos neófitos.

Tractatus é um texto escrito para ser proclamado ao povo, sobre as passagens bíblicas. Consta, portanto de uma pregação exegética²¹⁹. Quanto às *Enarrationes*, foram os comentários aos salmos, num total de 205 sermões, para serem pregado ao povo²²⁰.

A característica comum dos Sermões ao povo tem a ver com o facto de serem concebidos para serem escutados. Por isso, todo o esforço do orador centrava-se na

²¹⁶ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 15-16.

²¹⁷ Agostinho, *Sermão 71*, 5, 8 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 410; 351, 4, 11 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 192.

²¹⁸ Todas as pregações que não estão incluídas nas *Enarrationes in psalmos, os In Iohannis evangelium tractatus, e os In epistolam ad parthos Iohannis tractatus*.

²¹⁹ Cf. Ch. Mohrmann, «Praedicare-tractare-sermo», em *Études sur le latin des Chrétiens*, II, Roma (1961), 70-71.

²²⁰ Cf. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 541-545.

comunicação perante a assembleia, que se encontrava diante dele, e não para serem propriamente escritas ou lidas, ao contrário das suas outras obras²²¹.

A duração²²² dos Sermões dependia de diversos fatores²²³ e circunstâncias. Tanto podiam demorar-se uns curtos dez minutos, como prolongar-se até duas horas. Os fatores e as circunstâncias que interferiam na duração dos seus Sermões, são de diversas ordens: a ocorrência litúrgica; a conveniência pastoral; o número e a formação dos ouvintes; a complexidade do tema; a disposição do pregador²²⁴; o comportamento do auditório; o calor que se fazia sentir²²⁵; a agenda do dia; a coincidência com alguma festa pagã²²⁶, etc... Aos domingos e dias festivos fora do ordinário, costumava ser mais breve²²⁷. Nos dias da semana, podia estender-se mais, porque o pregador sabia que tinha perante ele um auditório mais reduzido, mas motivado²²⁸. Além de levar mais tempo, estes sermões eram mais completos em suas estruturas e técnica exegética²²⁹.

2.1.1 - O auditório do pregador

Os Sermões de Agostinho, dão-nos a conhecer alguns traços importantes referentes aos destinatários²³⁰, à sua condição social, psicológica e cultural. A condição social era extremamente variada: senhores e escravos; ricos e pobres²³¹; desde as profissões de elevado *status* social até às mais desprestigiadas, de artesãos, comerciantes e agricultores; de cultos e de incultos; instruídos ou ignorantes na fé. A grande maioria dos

²²¹ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 16-17.

²²² Cf. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 554-556.

²²³ Cf. Alexandre Olivar, *La predicación cristiana Antigua*, (Barcelona: Herder, 1991), 686-695.

²²⁴ Pode-se conferir alguns destes exemplos nos seguintes sermões: Agostinho, *Sermão* 51, 10,17 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 26; 51, 1, 1 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 2; 68, 1 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 360; 99, 4, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 216; 183, 9, 13 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 992; 226, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 384: «Por hoje baste este, pois estou já cansado e hoje devo explicar aos neófitos os sacramentos do altar». Esta mesma justificação encerra o *Sermão* 228, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 391-394.

²²⁵ Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 17.

²²⁶ É muito provável que a duração do *Sermão* 198, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 92-96, deve-se ao facto do bispo querer manter os fiéis na Igreja durante os festejos pagãos. Trata-se do proceder que o próprio Santo confessa ter feito pelo menos uma vez, certamente não demorou menos de que uma hora e meia: Agostinho, *Jo.ev.tr.* 7, 24, CCL 36, 81.

²²⁷ Cf. Olivar, A., *La predicación cristiana Antigua*, 699-712.

²²⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 8, 13 CCL 36, 90.

²²⁹ Cf. M. Simonetti «Sulla técnica exegética di alcuni sermones vetero testamentari di Agostino», em *Augustinianum* 25 (1985) 202.

²³⁰ Cf. Olivar, A., *La predicación cristiana Antigua*, 761-814. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 557-560.

²³¹ Agostinho, *Op. mon.* 25, 33 (OSA, 12, Madrid: BAC, 1954) 753.

ouvintes eram pessoas humildes, que tinham que ganhar o pão com o suor do próprio trabalho; pobres cujo único património era a saúde física²³².

Também em certas circunstâncias, de maniqueus²³³, donatistas²³⁴, arianos²³⁵, hereges, indiferentes e até de pagãos. A razão é clara: podia-se encontrar na pregação motivos para voltar à unidade na fé e à disciplina católica; por estas razões, os pagãos faziam às vezes, parte da assembleia cristã.

Entre os ouvintes, estão famílias a quem Agostinho dirige frequentemente a palavra. As crianças, os jovens e os mais idosos, por vezes, já adivinham as palavras do pastor, por a terem escutado já em outras ocasiões²³⁶. Em certos casos, o pastor das almas recomendava aos seus ouvintes, a compra da Sagrada Escritura para leitura privada²³⁷. O Evangelho que é proposto pelo dia é partilhado de forma compreensível, sem se resignar às exigências de responder a todos. O pastor nas suas pregações, tem em conta todas essas diversidades da audiência e, é assim, que procura chegar a todos com clareza e verdade, usando uma linguagem simples, clara e concisa, de modo que possam captar a profundidade da mensagem que se pretendia transmitir. Pois é necessário que o pastor, seja um conhecedor do rebanho a ele confiado. Através da audiência episcopal, vinham ao seu encontro, todos os cidadãos de Hipona, crentes e não crentes, expondo os mais variados assuntos. Os seus Sermões revelam, pela sua abrangência, que tinha presente os muitos assuntos que faziam parte da vida quotidiana do seu povo.

Agostinho tinha a consciência de que, apesar dos seus ouvintes serem heterogéneos, nem sempre estavam asseguradas as condições necessárias para pregar. Assim, e para evitar distrações e interrupções, requeria aos seus ouvintes, aquando da proclamação, silêncio e atenção.

É difícil quantificar o número dos que se dirigiam à pregação do pastor de Hipona. Pois para isso, precisaríamos de dados como: onde foi pregado cada Sermão, em que templo e as dimensões da sua ocupação²³⁸. Os seus textos deixam claro que havia uma

²³² Agostinho, *Sermão* 41, 4 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 732.

²³³ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 15 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 365.

²³⁴ Agostinho, *Sermão* 296, 14 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 340; 46, 31 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 840; *Ep. Ep.* 34, 2 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 234; Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 7 (OSA, 6, Madrid: BAC, 1946) 351.

²³⁵ Agostinho, *Sermão* 229/O, 4 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 502.

²³⁶ Agostinho, *Sermão* 131, 5 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 196; 169, 5, 7 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 784; 341, (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 2-18.

²³⁷ Agostinho, *Sermão* 198 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1989) 92-96.

²³⁸ Cf. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 556-557.

variação notável de uns dias para outros e que algumas pessoas assistiam com assiduamente e outras só em determinadas ocasiões²³⁹.

São vários os motivos pelos quais os fiéis dirigiam à assembleia litúrgica. Alguns participavam para se dessedentarem da Palavra de Deus. Outros participavam apenas nos grandes momentos festivos. Como a motivação não era a adequada, existia nestes últimos, pouca disponibilidade interior, para escutar uma longa pregação. Outros, por sua vez, vinham ouvir o pregador mais preocupados com o almoço do que com a mesa da palavra. Não faltavam também aqueles que se juntavam já um pouco embriagados. Nalguns desses casos, Agostinho não se calava por respeito aos que vinham com sede da Palavra de Deus. Muitos não acorriam à assembleia litúrgica porque o teatro, o anfiteatro ou o estádio os aliciavam mais que um Sermão. Todavia, existiam aqueles que mesmo nesses dias, escolhiam participar nos ofícios litúrgicos da Igreja, para ouvir as Escrituras lidas e comentadas²⁴⁰.

Nas suas pregações, verifica-se a sua grande capacidade de improvisação. O pastor das almas, conhecido como «o grande improvisador»²⁴¹. De acordo com o público e com as suas reações, Agostinho facilmente adaptava o discurso e, em pouco tempo, envolvia de novo todo o seu auditório. Caso os ouvintes dessem sinais de quebra de atenção, passava para um outro assunto ou terminava mesmo a reflexão. Se sentia algum sinal de perturbação ou reação dispersiva, ele interpelava, perguntava e incentivava à atenção²⁴² ou, ao paciente silêncio²⁴³. Mostrava particular habilidade para captar a atenção dos seus fiéis e de os fazer aderir à mensagem. Exemplo disto, é o Sermão 25, 6:

«Também eu vos interrogo: quem é o homem que quer a vida? (Sl. 33, 13).

Bem sei que os vossos corações de todos vós me respondem: “quem é o homem que não quer a vida?”. E eu acrescento: E deseja ver dias bons? (Sl.33, 13). Todos respondeis: “Quem é que não deseja ver dias bons?” Respondeis bem. Quereis a vida e quereis dias bons. Certamente que, quando eu perguntava “quem é o

²³⁹ Agostinho, *Sermão* 313/B, 4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 680.

²⁴⁰ Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 19-20.

²⁴¹ Cf. Olivar, A., *La predicación cristiana Antigua*, 611. Sobre a preparação e a improvisação na pregação antiga, 589-640; sobre Santo Agostinho, 606-611. Capaz de improvisar dentro da improvisação. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 553-5554.

²⁴² No *Sermão* 4 exorta os seus fiéis a atenção 11 vezes (4, 8 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 34; 81, 2 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 596; 93, 8, 10 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 146; 152, 11 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 484; 287, 1 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 158; 288, 3 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 162).

²⁴³ Agostinho, *Sermão* 288, 2 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 158-162; 134, 2 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 330.

homem que quer a vida?”, toda a gente me responderia: “Eu”. Quem é o homem que deseja ver dias bons? Não que, em silêncio, alguns de vós me respondeis: “Eu”? Escutai o que vem a seguir: Preserva a tua língua do mal (Sl. 33, 14). Diz agora: “Eu”!»²⁴⁴.

Agostinho nas suas exortações mantinha um constante diálogo com os seus destinatários. Enquanto pastor, que se assume como servo da Palavra, usava uma comunicação cordial para partilhar com o seu rebanho o “banquete da Palavra”. Agostinho fala para um público que conhece bem e responde a questões implícitas ou explicitamente colocadas pelos seus exigentes auditores. É o que acontece com o Sermão 8. Neste surge uma questão proposta por alguns clérigos e monges de Cartago. Facilmente transforma, o que parecia ser apenas uma preocupação de alguns, numa explicação que serve de alimento para todos. O pregador recorda que o seu ministério exige uma plena sintonia com os ouvintes:

«Quando o auditório permanece insensível, é prejudicial continuar o Sermão que se preparou previamente até ao fim», pois quando isso acontece, «devemos, no nosso discurso, tentar todos os meios capazes para despertar o auditório e, por assim dizer, tirá-lo do seu desinteresse»²⁴⁵. Por isso, insiste nas obrigações mútuas que comprometem o pregador e ouvintes: «Lembro-me bem de que fiquei em dívida para convosco no que se refere à leitura de ontem. Mas, tal como nós vos devemos o Sermão, assim também vós nos deveis a vossa atenção»²⁴⁶.

Enquanto pregador exímio e mestre de retórica, o pastor de Hipona sabia quando podia alongar mais uma questão ou quando era o momento indicado para terminar. É uma das grandes qualidades de um pregador, estar atento ao comportamento e motivação dos seus fiéis, captando constantemente o *feed-back* da assembleia. Quando os ouvintes se mostravam entusiasmados, ouvia-se do meio da assembleia litúrgica, palavras e aplausos de aprovação: *bene!*²⁴⁷; *Deo gratias! Chisto laude!*²⁴⁸. Em algumas ocasiões, a assembleia soltava aplausos espontâneos. Tais aplausos refletem o reconhecimento da magistral exposição e, ao mesmo tempo, indicam que toda a assembleia o acompanha e que

²⁴⁴ Agostinho, *Sermão* 25, 6 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 482.

²⁴⁵ Agostinho, *Cat.rud.* 13, 18, CCL 46, 142.

²⁴⁶ Agostinho, *Sermão* 4, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 27; 1,1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 2.

²⁴⁷ Agostinho, *Sermão* 299, 9 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 382: «*Bene, exclamasti*».

²⁴⁸ Agostinho, *Sermão* 323, 3-4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 784-786. Neste caso o entusiasmo do auditório foi de tal maneira que Agostinho teve que terminar o sermão por ali. Ainda no Sermão 17, 7 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 340; 180, 12, 14 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 958.

comungou toda a sua mensagem. A arte de comunicar do pregador, mantém o auditório em constante sintonia, para que lhe seja transmitida uma verdade maior: a verdade que é o Evangelho. Por isso, a sua pregação não tem como objetivo os aplausos, as reações favoráveis: «quero uma boa conduta, não os aplausos»²⁴⁹. Uma vez que a intenção era pura, os seus fiéis rapidamente se apercebiam, de uma sinceridade fidedigna, de um amor profundo do Pastor pelo rebanho e de um desejo ardente de viverem juntos com Cristo:

«Que é que eu quero? Que é que eu desejo? Que é que eu ambiciono? Porque é que eu falo? Porque é que eu me sento aqui? Porque é que eu vivo? Só com uma intenção: para vivermos juntos com Cristo. A minha ambição é esta, a minha honra é esta, a minha riqueza é esta, a minha alegria é esta, a minha glória é esta»²⁵⁰

Estas palavras revelam que Agostinho não é apenas um artista da palavra nem um competente pastor. É também um místico que quer transmitir a sua experiência aos seus fiéis. Não apresenta apenas um caminho a todos os que o escutam. Ele quer percorrer esse mesmo caminho com eles e, juntos, caminharem até Jesus, o Cristo. É esta a sua ambição, a sua honra, a sua riqueza, a sua alegria. É esta a sua glória. Desta forma, pode-se concluir que a sua pregação não é apenas um caminho, mas, ao mesmo tempo, uma caminhada. Caminhada que ele faz pessoalmente e que pela sua pregação quer despertar a encetar em todos os seus ouvintes. Caminhada que não quer, nem pode fazer sozinho. Mas caminhar junto, caminhar com. Assim, os Sermões não são a meta. São o fogo em que todos devem cair – bons e maus – para que possam ser transformados. Este é o verdadeiro motivo da sua pregação: conduzir as ovelhas do seu Senhor a pastagens verdejantes, isto é, à casa do Pai.

2.1.2. - Objetivo do Sermão: explicar, ensinar e converter²⁵¹

Agostinho tem presente que aprendera na retórica, que todo o discurso visa uma tríptica finalidade: agradar, ensinar e convencer. Adaptando estes “três fins” da retórica antiga ao sermão cristão, ele ensina que este tem como objetivo «ensinar o bem e afastar do mal... reconciliar os ânimos dissidentes, estimular os indiferentes, explicar aos

²⁴⁹ Agostinho, *Sermão* 311, 4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 638; 339, 1 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 972: «Vós aplaudis, mas eu pergunto-me como viverão aqueles que me aclamam».

²⁵⁰ Agostinho, *Sermão* 17, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 332.

²⁵¹ Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 519-527.

ignorantes o que devem fazer e o que podem esperar»²⁵². Aqui encontram-se os três pilares de um Sermão: explicar, ensinar e converter. Faz-se um caminho crescente até ao encontro com Cristo.

a) - Explicar

Os Sermões têm a sua grande fonte na Sagrada Escritura. A Palavra de Deus – umas vezes com base nas leituras propostas pela liturgia, outras vezes nas leituras escolhidas pelo próprio – era a sua fonte e cume da sua inspiração, o princípio e o fim da sua pregação, e, como tal, sempre a base dos seus Sermões.

A explicação é a forma que o orador tem para esclarecer, contextualizar, atualizar e iluminar, com a palavra, a vida de todos os que o escutam. É uma missão árdua e difícil, mas sempre fortalecida pelo Espírito Santo. Nem sempre é fácil passar uma mensagem e que esta toque os corações dos ouvintes. É sobretudo árduo, partilhar um tema já conhecido e conseguir captar a atenção dos ouvintes. Nisto Agostinho era notável, pois conseguia sempre, ainda que o tema já tivesse sido abordado, sublinhar um aspeto novo, desenvolver algo ainda não pensado e que captava a benevolência dos que o escutavam.

Um pregador tem que ser aquele que expõe e ensina as Sagradas Escrituras. É sempre recomendável que atualize a palavra com sabedoria e eloquência, uma eloquência aliada com a verdade, pois a eloquência sem a sabedoria e sem a verdade expõe inutilidades²⁵³.

Deve usar uma linguagem familiar e comum para abordar temas não comuns. Haverá momentos em que será necessário usar expressões literariamente complexas e douradas, mas, em determinados momentos, a pregação ganha força quando se usam palavras comuns e expressivas.

Todo o discurso deve ser claro e adequado. Mormente nos Sermões, uma vez que não haverá espaço para esclarecer quaisquer dúvidas. A explicação deve ser clara e lenta, para que a compreensão seja rápida e plena.

As reações dos ouvintes são, num primeiro momento, a forma que o pregador possui para avaliar a sua prestação. Quanto mais clara, incisiva, inspiradora e transformadora for a sua pregação, maior é a possibilidade de agarrar por dentro os

²⁵² Agostinho, *Doc. Chr.*, IV, 4, 6, CSEL 80, 121.

²⁵³ Agostinho, *Doc. Chr.*, IV, 5, 7-8, CSEL 80, 121-123.

ouvintes e de fazer chegar a sua mensagem cada vez mais longe e a mais e vastos auditórios.

b) - Ensinar

Agostinho, apesar de ser um insigne mestre na arte da retórica, não vai usar, voluntariamente, os preceitos que aprendeu a comunicar nas escolas profanas. Ainda que não utilize estes mesmos preceitos na prática da oratória, reconhece que as técnicas de retórica são muito úteis na arte da discussão. Afirmo mesmo que, se os maus colocam estas técnicas ao serviço da injustiça e do erro, por que não «as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade?»²⁵⁴.

Para a pregação, o pastor precisa de cumprir dois requisitos: primeiro, ser um conhecedor profundo da Sagrada Escritura. Segundo, escutar com frequência, bons pregadores. Na vida de Agostinho, foram muitos os pregadores que o inspiraram. De entre todos, salientar a experiência que teve – enquanto estudante e já como professor – em Milão, com o famoso Ambrósio.

Só na verdade conquistamos a liberdade. Por isso, toda a sua pregação apoia-se na verdade revelada e aprendida na Igreja e visa a verdade que ensina. Todo o adorno e arte retórica está agora ao serviço dessa Verdade comum que Agostinho partilha com seus fiéis. Ensinar para libertar do pecado para conduzir a verdade onde encontra-se a verdadeira liberdade²⁵⁵.

Ensinar por amor, que quer o bem do outro. Qual foi a pedagogia que Deus utilizou para nos ensinar o seu grande mandamento? Antes de tudo tomou a nossa condição humana, depois ensinou os seus discípulos o caminho da humildade, do amor através da cruz. Passou da prática para teoria, e não o contrário. Ensinou o caminho do amor e convidou os discípulos que fizessem o mesmo caminho²⁵⁶.

Tendo as mesmas preocupações que as ovelhas o pastor deve ensinar o grande tesouro da palavra. A pregação consiste em guiar as pessoas a encontrar os seus tesouros da vida e onde devem busca-la²⁵⁷. Este tesouro que tanto Agostinho procurou até ser encontrado.

²⁵⁴ Agostinho, *Doc. Chr.*, IV, 2, 3, CSEL 80, 118-119.

²⁵⁵ Agostinho *Sermão* 134 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 230-238.

²⁵⁶ Agostinho *Sermão* 96 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 176-186.

²⁵⁷ Agostinho *Sermão* 108 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 352-358.

c) – Converter

Agostinho procurava exortar os fiéis a confrontarem a sua vida com os valores do Evangelho e assim, experimentarem em plenitude, a vida do ressuscitado. Deste encontro brota o desejo de conversão, percebendo ao que foram chamados desde o início: filhos muito amados de Deus.

A Igreja não é um tribunal, nem a pregação litúrgica tem como objetivo julgar ou condenar. Mas exortar a assembleia a praticar as obras de misericórdia. A exposição realizada não pretende “brilhar”, isto é, dispensa os adornos. Procura iluminar através de uma serena e incisiva argumentação, de forma a que os ouvintes se sintam motivados a pôr em prática o que escutaram.

Por fim, algo que acompanha e revela a autenticidade de um pregador: o exemplo de vida. O *senex* pastor das almas, já no fim da vida, afirma que o pregador que mais influência tem, junto dos homens, é aquele que prega com o exemplo. Para todos os pregadores que se julgam não tão eloquentes, Agostinho deixa um conselho: «muito eloquente é o homem cuja vida pode falar» *Sit eius quasi copia dicendi, forma vivendi*²⁵⁸. A eloquência de uma vida vivida ao jeito de Jesus, fala mais alto e chega mais longe que um maravilhoso Sermão. Existem assim, duas formas de pregar: com a palavra e com a vida. Sendo que as palavras convencem, movem. O exemplo, a vida, as obras, arrastam.

Agostinho afirmou que o seu processo de conversão se produziram e afirmaram graças ao poder da palavra, da mesma forma consolidou a fé através da leitura da mesma. A pregação faz sempre o convite à conversão, que por sua vez a Igreja propõe caminhos: através da esmola, da oração e da penitência. Pela sua palavra convida-nos a conversão, espera até que convertemos e acompanha-nos, pois não nos deixa sós²⁵⁹.

Deus não desiste de nós, continuamente chama-nos a conversão a partir da sua palavra e à penitência²⁶⁰.

²⁵⁸ Agostinho, *Doc. Chr.*, IV, 27, 59-61, CSEL 80, 165-166.

²⁵⁹ Agostinho *Sermão* 29/A (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 544-548.

²⁶⁰ Agostinho *Sermão* 352 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 198-222.

2.2 – Contexto litúrgico

Um dos aspetos mais valorizados, desde as primeiras gerações cristãs, é a pregação. Esta, sempre foi tida como algo de essencial na vida da Igreja e na celebração eucarística em particular.

No século IV, este ministério recaía sobretudo, sobre os ombros do bispo, mas Agostinho começou a desempenhar este ministério, ainda como presbítero. A grande maioria dos Sermões de Agostinho foi proferida no contexto da celebração eucarística. Depois das leituras bíblicas e do canto do salmo, seguia-se a homilia (*Sermo*), inspirada habitualmente, nas leituras do texto bíblico²⁶¹.

No tempo de Agostinho, a liturgia da Palavra já era composta por três leituras: uma do Antigo Testamento, outra das epístolas de São Paulo e uma terceira dos Evangelhos²⁶².

As leituras bíblicas (lecionário) ainda não estavam totalmente fixadas. Em muitos casos, era Agostinho quem escolhia as leituras a serem proclamadas pelo leitor com uma voz clara²⁶³. É sabido que na Igreja de Hipona, já se encontrava um lecionário fixo para certas festividades²⁶⁴. Nesta continuidade, Agostinho seguia as leituras que se encontravam fixas pelo lecionário, segundo a tradição. Tal não impedia que se fizesse uma citação bíblica, que não tivesse sido proclamada pelo leitor.

De um modo geral, o tempo ou o calendário litúrgico marcavam o ritmo temático e o modo como fazia a sua pregação. São poucos os Sermões onde Agostinho, não faz referência às leituras proclamadas na assembleia litúrgica²⁶⁵.

O calendário litúrgico, já no tempo de Agostinho, possuía uma certa rotatividade. Algumas solenidades, como acontece ainda hoje, tinham a sua data no calendário. Isto

²⁶¹ Assim testemunha, num dos pontos do “*Pastor de almas*” de Van Der Meer. Descreve, a celebração litúrgica em Hipona, passo a passo num domingo, desde da saudação inicial, as leituras do AT e do NT, uma da epístola do Apóstolo São Paulo e do Evangelho, o salmo. Depois do sermão, despede-se dos catecúmenos. Segue-se o sacrifício eucarístico e a saudação final. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 495-515.

²⁶² Cf. Pellegrino, Michele, *Introduzione, in Sant’Agostino. Discorsi. I (1-50) sul Vecchio Testamento* (Roma: Città nuova, 1979), 17-40.

²⁶³ Agostinho, *Sermão* 93, 1 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1986) 138; 362, 1 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 374.

²⁶⁴ Cf. Suzanne Poque, «Les lectures liturgiques de l’octave pascale à Hippone d’après les traités de S. Agustin sur la première Epître de Jean», em *RB*, n. 74 (1964) 217-241.

²⁶⁵ Por exemplo, Agostinho, *Sermão* 23, 5 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 440; 23/A 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 456; 25/A, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 486-490; 33/A, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 612; 45, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 772; 47, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 862; 49, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 926.

condicionava o conteúdo e o teor da sua pregação. Assim, por vezes, existia uma natural repetição dos temas e, por conseguinte, uma evidente repetição de alguns dos argumentos. É por isso, que em certas pregações, algumas pessoas de idade avançadas, já sabiam, de certa forma, os argumentos sugeridos, uma vez que já não era a primeira vez que os escutavam.

Habitualmente, Agostinho iniciava a sua pregação aludindo às leituras proclamadas na assembleia, com as seguintes expressões: «pela leitura que acaba de ser feita...»²⁶⁶; «tendo sido lidas as leituras santas, dirigimos o espírito para aquelas coisas que estão escritas»²⁶⁷; «ouvistes a leitura do santo Evangelho...»²⁶⁸; ou «ouvimos dizer o bem-aventurado apóstolo Paulo»²⁶⁹; ainda: «ouvimos no salmo que foi lido»; «como cantastes no Salmo»²⁷⁰; «como o leitor acaba de ler»²⁷¹ e «já ouvimos várias leituras santas, que foram lidas, e forçoso é que acerca delas falemos aquilo que o Senhor se dignar inspirar-nos»²⁷².

Nos séculos IV e V, a pregação decorria normalmente ao domingo. Era aí, no dia em que a comunidade se reunia para celebrar o dia do Senhor, que Agostinho realizava, por excelência, a sua pregação. Todavia, não deixava de o fazer também aos sábados e dias da semana. Durante o tempo Quaresmal, na semana santa e na oitava da Páscoa, o calendário litúrgico impunha uma vida litúrgica mais intensa. Nestes momentos fortes do calendário litúrgico, o bispo pregava um Sermão diário²⁷³.

Após a saudação dos fiéis e, por vezes, após uma breve alusão à leitura proclamada, Agostinho convidava todos os que se encontravam presente à oração²⁷⁴, afim

²⁶⁶ Agostinho, *Sermão* 2, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 10.

²⁶⁷ Agostinho, *Sermão* 6, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 96; 48, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 916.

²⁶⁸ Agostinho, *Sermão* 233, 1 (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984) 572; 138, 1 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 304.

²⁶⁹ Agostinho, *Sermão* 174, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 840.

²⁷⁰ Agostinho, *Sermão* 29, 3 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 546.

²⁷¹ Agostinho, *Sermão* 18, 5 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 348-346; 45, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 772.

²⁷² Agostinho, *Sermão* 49, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 926; 23, 5 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 440; 23/A, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 456; 25/A, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 486-490; 33/A, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 612; 45, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 772; 47, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 862. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 53.

²⁷³ Cf. Poque, Suzanne, *Santo Agostinho, Sermões para Páscoa*, trad. António Fazenda (Lisboa: Verbo, 1974), 53-111.

²⁷⁴ Cf. Olivar, A. *La predicación cristiana antigua*, 521-522.

de cumprir dignamente a sua missão como servidor da palavra²⁷⁵. A homília realizava-se sempre de acordo com as leituras e o tempo litúrgico²⁷⁶.

2.2.1 - Um Domingo em Hipona

Aos domingos em Hipona, logo de manhã, os fiéis dirigiam-se à Igreja Maior. Na Igreja, encontram o seu Pastor juntamente com os seus presbíteros preparados para começarem o ofício divino. Antes da preparação era costume a audiência matinal. Esta não era uma visita de cortesia apenas para alguns, mas sim para todos os seus patrícios. Tornava-se um espaço que criava laços e onde qualquer um poderia partilhar o que estava a viver. Desta forma, e com tamanha abertura e simplicidade, estas audiências tornaram-se espaço e oportunidades para verdadeiras conversões. Ao terminar o atendimento, era feito o sinal para entrada solene e para o Santo Sacrifício. Na entrada solene, Agostinho era o último do cortejo. Enquanto caminhava para o altar — ladeado de fiéis homens, por um lado, e de mulheres por outro — saudava todo o povo, que seguia o cortejo de entrada em silêncio.

a) – *A liturgia da palavra*

Após a saudação inicial, seguia-se a liturgia da palavra. Imediatamente, o leitor proclamava a palavra com voz clara e com uma boa entoação. Enquanto escutavam a Palavra de Deus, o povo permanecia de pé. Eram pescadores, marinheiros, comerciantes, grandes proprietários e forasteiros. O mesmo vemos em São Paulo, na sua comunidade de Coríntios. Existiam poucos sábios segundo a carne, poucos poderosos e poucos nobres. A assembleia litúrgica encontrava-se dividida e bem organizada: as crianças ficavam à frente. As virgens e as consagradas, debaixo dos seus véus, ocupavam um lugar próprio. Os penitentes tinham também um lugar reservado. Os catecúmenos, por sua vez, saíam da Igreja após a homília. Os escravos que acompanhavam os filhos estavam de um lado. As escravas que assistiam as filhas estavam do outro lado. Todos os fiéis ficavam em

²⁷⁵ «Se o leitor sobe ao ambão, Cristo não está calado. O pregador fala. Se fala a verdade, é Cristo que fala. Se Cristo se calasse, também eu não poderia dizer-vos estas coisas. Nem sequer na vossa boca, Ele ficou calado. Com efeito, quando cantáveis, era Ele que falava. Ele não está calado. É necessário que nós o ouçamos, mas com os ouvidos do coração, pois é fácil ouvi-lo com os ouvidos carnis. Devemos escutá-lo com aqueles ouvidos que o próprio Mestre procurava, ao dizer: Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça». Agostinho, *Sermão* 17, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 330.

²⁷⁶ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 51-54.

silêncio, enquanto escutavam a Palavra de Deus. Seguia-se a entoação do salmo pelo salmista, que depois o povo repetia cantando a antifona responsorial. Depois do salmo, proclamava-se o Evangelho.

Terminado o Evangelho, o Pastor sentava-se na sua cátedra,²⁷⁷ que estava situada num nível mais elevado, facilitando um melhor contacto visual com o seu auditório. Todos fixavam os olhos nele e continuavam em silêncio. Eram rostos conhecidos e desconhecidos. E assim começava o seu Sermão²⁷⁸. Por vezes, durante a homilia, Agostinho colocava-se de pé como para descansar um pouco e dirigia as suas últimas palavras no meio da assembleia. No final do Sermão, convidava a comunidade de novo à oração²⁷⁹, usando a seguinte fórmula: *conversi ad Dominum*, «agora voltai-vos para o Senhor!»²⁸⁰. Tudo indica que esta fórmula era um ritual do próprio Sermão, que servia de ponte para o próximo momento da eucaristia.

Após a homília, os catecúmenos deslocavam-se à parte da frente da Igreja, onde recebiam o toque do exorcismo e uns grãos de sal. Rezava-se sobre eles a oração de despedida com a cabeça inclinada.

b) – O Santo Sacrifício

O pastor volta para a cátedra e faz a introdução à oração dos fiéis. Cada petição será feita pelo diácono, começando pelos bispos, presbíteros, diáconos, subdiáconos, acólitos, exorcistas, leitores, porteiros, ascetas, virgens e viúvas e, por todo povo de Deus. Pelo imperador cristão para que levasse uma vida tranquila e pacífica, pelos catecúmenos, pela cidade, pelo povo, pelos campos etc... No fim, com a oração conclusiva, todos respondem: Amém.

²⁷⁷ Agostinho, *Sermão* 355, 2 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 244-248; Agostinho, *Cat.rud.* 13, 19, CCL 46, 142-144. Às vezes, pregava de pé (Agostinho, *Jo.ev.tr.* 19, 17, CCL 36, 200), sobretudo se não era ele a presidir a assembleia, *Sermão* 162/C DOL 10, 7; 359/B, DOL 2, 12-23 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989). Em outras ocasiões, no meio da nave central, *Sermão* 359/B, DOL 2, 4. Estar sentado, facilitava-o a manusear a Sagrada escritura, onde foi proclamada as leituras, *Sermão* 37, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 656.

²⁷⁸ Van Der Meer apresenta-nos o *Sermão* 178 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 898-910 completo, sem abreviar. O seu sermão segue o raciocínio do Evangelho. Durante o sermão, ajuda os fiéis a compreender aquilo que Deus quer nos dizer hoje, através do seu texto.

²⁷⁹ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 53.

²⁸⁰ Agostinho, *Sermão* 16/A, 13 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 320; 26, 15 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 514; 30, 10 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 562-564; 49, 11 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 940-942.

Depois, os diáconos recebem as oferendas que os fiéis levavam consigo. Separam o pão e o vinho que servia para o sacrifício²⁸¹. Depois de tudo estar preparado, Agostinho dirigia-se para o altar voltado para oriente, e entoava a oração. Depois de terminar a oração dominical, fazia a distribuição da comunhão: primeiro pelos seus sacerdotes, os ascetas e as virgens. Logo depois o povo, que se dispunha em filas antes das cancelas: primeiro as crianças, logo depois os homens e, finalmente, as mulheres. Ao dar o pão dizia: «Corpo de Cristo» e cada um que ia comungar respondia «Amém». Depois recebiam da mão do diácono o vinho, dizendo «Sangue de Cristo». E respondiam «Amém». Cantava-se um cântico que acompanhava a distribuição da comunhão.

Terminada a comunhão e o cântico, o diácono convidava à oração, que seria entoada pelo bispo, intercedendo por todos os presentes à divina misericórdia. Depois seguia a despedida solene e a saída em paz. Cada um seguia para a sua casa, para o respetivo almoço²⁸².

Este é um testemunho concreto da celebração litúrgica, com os seus ritos. Para Agostinho, a eucaristia é apenas um início. A liturgia celebrada, deve continuar na vida de cada um, com o convite que o Senhor nos faz em particular, de ser testemunho daquilo que acabámos de celebrar.

2.2.2 - Liturgia da vida²⁸³

Agostinho concebe a vida cristã como um contínuo culto, e o culto como uma ligação permanente com a vida diária. A vida do cristão deve ser uma oferenda permanente e a oferenda/eucaristia, uma escola ou exercício diário para a vida. Para ele, a liturgia que celebramos sobre o altar, deve tornar-se a liturgia que celebramos no nosso coração e, por conseguinte, a liturgia que devemos celebrar na vida: «seja o que for que fizerdes, seja sempre em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai» (Col 3, 17).

Como é que a nossa vida pode ser vivida em permanente louvor? Como tornar-se uma verdadeira liturgia? Agostinho responde a estas inquietações fazendo uso de dois termos-chaves da liturgia: *Sacrifício e Louvor*.

²⁸¹ Desde desse tempo, apenas ficava em cima do altar, pão e vinho, que iam servir de sacrifício e nada mais.

²⁸² Cf. Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 497-515.

²⁸³ Cf. R. Cabral, «A liturgia da vida segundo Santo Agostinho», em *Didaskalia*, vol. XIX (1989): 61-68.

Será com base nos seus Sermões que iremos apresentar algumas das características referentes ao Sacrifício e ao louvor e, qual a sua influência na vida diária.

No livro décimo da Cidade de Deus, Agostinho revela o que entende por sacrifícios: «toda a obra que se realiza para nos unir em santa união com Deus, é toda a obra que se orienta para aquele fim do Bem que nos dá a verdadeira felicidade»²⁸⁴.

Para o santo de Hipona, o sacrifício eucarístico é toda a ação que une o homem a Deus e que, desta forma, o torna sagrado. Sacrificar é fazer, tornar sagrado, estar ligado ao que é Santo, isto é, a Deus. Assim em Agostinho, o sacrifício não é, nem pode ser, algo desligado da vida. Pelo contrário. É comum e perceptível nos seus textos, a forma como ele entende a sua atuação pastoral e a conceção da vida como uma liturgia sacrificial.

São verdadeiros sacrifícios agradáveis a Deus: a humildade de coração; a contrição dos pecados; as lágrimas por ele choradas; as esmolas; as obras de misericórdia; a caridade; a fé e a esperança.

Ele estabelece uma relação interessante. Segundo Agostinho, se por um lado o sacrifício nos une a Deus, também do mesmo modo a nossa vida, vivida em constante sacrifício, une-nos a Cristo. Se a liturgia testemunha a nossa fé e é o lugar teológico da manifestação de Deus²⁸⁵, da mesma maneira a nossa vida deve ser teofania de Deus.

A par do sacrifício, o louvor é uma outra forma de compreender na sua profundidade, a liturgia. O louvor foi amplamente desenvolvido e explicado aos fiéis, de forma a que cada um perceba o sentido cultural da sua própria existência.

No versículo do Salmo, «Cantai ao Senhor um cântico novo», procurou transmitir aos seus ouvintes que a vida deve ser uma liturgia continuada. Liturgia que tem a sua origem e termo no mistério da celebração eucarística: «missa da vida» e «missa do altar». Sempre em contínua relação, sem separação.

Comentando o salmo 102, Agostinho afirma que não pode haver esta distonia entre a «missa da vida» e a «missa do altar», entre celebrar aquilo que se vive e aquilo que se celebra.

«Todos aqueles que vivem mal, mesmo estando calados, blasfemam de Deus com a sua vida. E que aproveita cantar a tua língua um hino, se a tua vida exala sacrilégio? (...). Portanto, se queres bendizer o Senhor, cumpre o que Ele diz, faz a sua vontade. Edifica sobre a rocha, não em areia (...). Se assim for, bendiz ao Senhor; mas se não, que não te enganes com (o que) a tua língua (canta):

²⁸⁴ Agostinho, *Civ. Dei*, 10, 6, CCL 47, 278.

²⁸⁵ Cf. Manuel Pinto, *O Valor Teológico da liturgia* (Bragança: Artes Gráficas, 2019), 242-257.

interroga antes a tua vida, ela te responderá. Verás o mau que és; geme então e confessa; a confissão pode ser um bendizer a Deus. E que essa tua mudança persevere em louvor»²⁸⁶.

Na pegada do que se vem afirmando, Agostinho sublinha que o que a boca proclama, a vida deve confirmar com gestos, obras de louvor, de agradecimento... obras de amor: «os que vivem mal, não louvam a Deus. Mesmo que proclamem com a língua (o seu louvor), blasfemam-no com a vida»²⁸⁷. A liturgia reclama esta união entre a Cabeça (Cristo) e o seu Corpo (Igreja), entre o sim proclamado pela boca e o sim manifestado em cada obra, cada gesto, cada toque e em cada sinal do corpo.

Comentando o salmo 34, convida os fiéis a serem íntegros. A serem todos, em tudo. De tal forma, que se deve celebrar o Senhor com tudo o que são e tudo o que vivem²⁸⁸. É sinal de coerência e de inteireza quando a boca dá testemunho, confirma o que faço. É sinal de desordem, de imaturidade e, até, de incongruência, quando não existe uma íntima relação entre o que a boca testemunha e o que as obras manifestam. Daí que, Agostinho refere que a língua deve ser a testemunha em prol da minha defesa e não tornar-se, por causa das obras contrárias, em testemunha de acusação, revelando e provando a discrepância entre o que se diz e o que se faz.

A propósito do Salmo 148, escutemos o que nos diz Agostinho:

«Toda a nossa vida presente deve transcorrer no louvor de Deus, porque o louvor de Deus será também a alegria eterna da nossa vida futura (...). Agora, irmãos, exortamo-vos a que louveis a Deus; e isso é o que todos nós mutuamente exprimimos, quando cantamos aleluia: louvai ao Senhor, dizemos nós uns aos outros; e assim todos põem em prática aquilo a que se exortam mutuamente. Mas louvai-o com todas as vossas forças, e louvai a Deus não só com a língua e a voz, mas também com a vossa consciência, com a vossa vida, com as vossas ações (...). Não atendais, portanto, irmãos, apenas aos sons; quando louvais a Deus, louvai-o todos vós (com tudo o que sois): cante a voz, cante a vida, cantem os actos»²⁸⁹

O louvor vem do fundo do próprio ser. Através do louvor, acedemos ao conhecimento da nossa essência e do nosso criador. Desta forma, o louvor é uma

²⁸⁶ Agostinho, *En. Ps.* 102, 28, CCL 40, 1472.

²⁸⁷ Agostinho, *En. Ps.* 47, 2, CCL 38, 539.

²⁸⁸ Agostinho, *Sermão* 34, 6 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 626.

²⁸⁹ Agostinho, *En. Ps.* 148, 2, CCL 40, 2166.

excelente forma para conhecer e avaliar o que se ama e o que se vive, isto é, entre o louvor «pronunciado» e o louvor «vivido». Há uma intrínseca ligação entre eles.

A partir do Salmo 34, «a minha língua cantará todo o dia o teu louvor», pergunta: «Qual será a língua capaz de passar o dia inteiro a louvar a Deus? Mal o Sermão se torne um pouco mais demorado, logo vos cansais. Quem poderá então aguentar todo dia louvando a Deus?»²⁹⁰.

Segundo Agostinho, a única forma de louvar continuamente a Deus é fazendo o bem em tudo. Ainda que a língua pare e se entorpeça, a ação continuará e gritará o seu louvor. Na inocência do coração e na bondade das obras, louvarei continuamente ao Senhor. Ainda que fora do seu templo a minha boca se cale, a vida continuará a aclamar a sua bondade.

Nem sempre desejamos aquilo que precisamos e inúmeras vezes não realizamos o bem que queremos. Isto porque se confunde amiúde, o que se quer com o que realmente se precisa, se é necessitado. Por isso, Agostinho diz que o louvar a Deus consiste, outrossim, em viver escolhendo sempre o bem e amar. Não pode existir outro culto senão o amor a Deus: *quis est cultus eius nisi amor eius?*²⁹¹.

Em suma, para o pensador existe uma estreita relação entre os vários momentos da liturgia: nas palavras divinas, na pregação, no sacrifício e no louvor. Todavia, apenas alcançam o seu verdadeiro significado se conduzirem à conversão. A conversão não é algo epidérmica, algo que fica pela superfície. Significa a mudança de coração, a mudança na forma de pensar e, como consequência, a mudança na forma de viver e as suas atitudes. As palavras, ainda que necessárias, apontam para a verdade. Mas a verdade está nas obras concretas. Só assim, seremos participantes dum verdadeiro ato litúrgico: «missa do altar» e «missa da vida».

O que celebramos sobre o altar, ainda que grande e insondável, é muito pouco se não vivido no altar da vida. Ainda que com temores e tremores. Por outro lado, se o que vivemos não é nutrido pelo Amor que celebramos e nos alimentamos no altar do templo, andaremos sempre de pés descalços e mãos vazias, cheios de nada. O sacrifício e o louvor, celebrados no templo, tornam-se incenso, alimento e luz para cada passo do nosso caminho para Deus, com cada irmão ao longo da vida. E assim se percebe a riqueza da relação entre a “*missa do altar*” e a “*missa da vida*”.

²⁹⁰ Agostinho, *En. Ps.* 34, II, 16, CCL 38, 321.

²⁹¹ Agostinho, *Trin.* 12, 14, CCL 50, 375.

2.3 – A Palavra e as palavras: o hermeneuta e servidor da Palavra

Para o Hiponense a «Palavra» por excelência é Cristo, o qual fala e se diz em toda a Sagrada Escritura, a palavra de Deus que o homem escreveu sob inspiração divina, condicionado pela sua circunstância cultural. «As palavras» são os diversos recursos utilizadas pelo pregador, para transmitir a mensagem Evangélica. O nosso autor reconhece que tanto uma como outra são transmitidas pela graça de Deus e, neste sentido, são *de* Deus.

2.3.1 - O pregador ao serviço da Palavra²⁹²

Em quase quarenta anos, dos quais cinco como sacerdote e trinta e cinco como bispo, Agostinho desempenhou a sua tarefa de «servidor da Palavra» confessando que era para ele um grande sacrifício. Todavia, levou sempre por diante essa missão com zelo e alegria. O sacrifício devia-se a dois motivos: exigia um enorme esforço físico e, devido ao muito tempo de preparação, restava pouco tempo para se dedicar à meditação e ao estudo da Sagrada Escritura, como desejava.

Desde muito cedo, Agostinho queixava-se da dificuldade em projetar a sua voz. Esta acabaria por ser uma dificuldade que o acompanharia ao longo da sua vida. Em vários Sermões pedia colaboração dos fiéis²⁹³, ou interrompia por vezes o Sermão, devido ao cansaço²⁹⁴. Sentia-se como porta-voz, afirmando que a tarefa do pregador é fazer uma *kénosis* pessoal, à imitação da Palavra²⁹⁵. Também sentia a incapacidade de as palavras não poderem dizer todos os mistérios de Deus com clareza e simplicidade.

Desempenhou, ainda assim, esta missão com entusiasmo. Nos Sermões, nota-se a sua dedicação pelo bem do rebanho confiado, sempre realizado como um mero servidor. Para ele, o ministério da pregação é um dever essencial da sua condição de pastor. Viver o ministério no serviço; presidir a Igreja no serviço; o serviço para e em nome da Igreja

²⁹² Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 29-35 e 45-50.

²⁹³ Agostinho, *Sermão* 134, 2 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 330-332; 37, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 656; 153, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 488.

²⁹⁴ Agostinho, *Sermão* 41, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 728; 94 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 154-156; 126, 1 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 110; 183, 9, 13 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 992; 320 772(NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986); 348, 3, 4 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 126; 350, 2 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 146. Agostinho, *En. Ps.* 50, 1, CCL 38, 599-600.

²⁹⁵ Agostinho, *Cat.rud.* 10, 15, CCL 46, 137-138.

e de Cristo. Para Agostinho, o que o bom pastor deve fazer é servir a sua Igreja apascentando-a com a palavra de Cristo e aprendendo a sofrer pelas ovelhas, tal como Cristo profetizou a Pedro sua morte e paixão. O serviço que implica a humildade, a generosidade e a paciência. Simples administrador em favor dos irmãos. Servo através do qual Deus partilha do seu pão (Palavra), a fim de nutrir os seus filhos. O Pão que é Cristo²⁹⁶.

Segundo Possídio, ainda como sacerdote, «ensinava e pregava em privado e em público, em casa ou na igreja, a palavra da salvação»²⁹⁷. Pregava não só em Hipona, mas também em todos os lugares a que fosse convidado. Era uma missão que desempenhava alegremente²⁹⁸. Pregava com muita assiduidade em Cartago, a qual chegou a ser quase como uma segunda sede²⁹⁹. Exerceu também este ministério em Bulla Regia, em Hippo Diarrhytus, em Utique, em Tagaste, em Cirta, em Cesareia da Mauritânia e em outras localidades da África Cristã³⁰⁰.

Perante as muitas necessidades e solicitações para pregar, nunca fugiu ao «peso» deste ministério, ao qual se dedica com entusiasmo, fervor e autoridade. Onde quer que pregasse, eram muitos os que se deslocavam para o escutar, inclusive colegas no ministério. Frequentemente, os próprios colegas no episcopado encontravam escusas para não o fazerem diante de Agostinho, dando as vezes a este³⁰¹.

Ao mesmo tempo que pregava, considerava-se um ouvinte da palavra (pregador-ouvinte). A palavra era «o pão» do qual todos se nutriam, como filhos de Deus.

«Explicando-vos as santas Escrituras, como que partimos os pães para vós. Recebei, vós que tendes fome, e expeli do coração a comida gorda da adulação. E vós, os que sois ricos em comezainas, não queirais ser magros em boas obras e boas ações. Aquilo que eu vos distribuo, não é meu. O que vós comeis, eu também como; do que vós viveis, eu também vivo. Temos uma despensa comum no céu; é daí que vem a palavra de Deus»³⁰².

²⁹⁶ Cf. Enrique A. Eguiarte B., «Servi vestri sumus (S. 340 A, 3). El pastor de almas como servidor en San Agustín», em *Revista Agustiniana* vol. 233, nº 1 (2020), 153-182.

²⁹⁷ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 7, PL 32, 38-39.

²⁹⁸ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 9, PL 32, 40-41.

²⁹⁹ Como não é possível situar todos os sermões num determinado lugar, apenas podemos assegurar com segurança, que Agostinho pregou em Hipona 146 sermões, certamente pregou mais, e em Cartago 109. Umhas outras dúzias de Sermões pregados em outras diferentes cidades.

³⁰⁰ Cf. Othmar Perler, *Les voyages de Saint Augustin*, (Paris: Etudes Augustiniennes, 1969) 5-42. Além destas cidades também pregou em Calama, Fúsala Milevi, Siniti, Tignica e Tuneba. Vizcaíno. Cf. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador» 539-540.

³⁰¹ Agostinho, *Sermão* 94, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 154-156; *En. Ps.* 131, 1, CCL 40, 1911.

³⁰² Agostinho, *Sermão* 95, 1 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 158.

A Palavra de Deus é o banquete e «água pura» que o pastor serve a quem o escuta³⁰³. É a semente que o semeador (*Verba Dei seminamus*³⁰⁴) lança no coração do crente, com mãos largas, para que dê frutos abundantes³⁰⁵. Como agricultores da messe do Senhor, compete-lhes semear, plantar, regar, até cavar à volta e deitar estrume. É próprio do agricultor ter todos estes cuidados. Ao Senhor compete ajudar, não só aqueles que trabalham “no campo”, mas também aqueles que os escutam, isto é, que recebem em seu coração a semente da palavra. Os frutos pertencem ao Senhor da messe, pois não se conhece o fruto da pregação.

O pastor assume-se como um dispensador (*dispensator verbi*)³⁰⁶ da Palavra inspirada por Deus. O seu trabalho é traduzi-la e atualizá-la na linguagem humana e ao alcance de todos.

A pregação brota da escuta e vivência profunda da Palavra. Não se pode «pregar para fora a Palavra de Deus se o pregador não é um ouvinte interno»³⁰⁷. Assim, «é realmente eloquente aquele cuja vida é uma pregação»³⁰⁸. É verdade, que o pregador deve viver o que prega, mas isto não quer dizer que se deve colocar no centro da pregação ou pregar somente aquilo que já vivenciou. Como servidor da Palavra, o pastor é seu mediador ao serviço Deus.

Efetivamente, Agostinho sabe que, antes de ser pastor, é também ovelha, membro do mesmo redil de Cristo; é mestre, mas sem deixar de ser discípulo ou melhor, condiscípulo; é intermediário entre o Senhor e os demais servos, mas também servo com os demais. Identifica-se como servo que o Senhor pôs a frente da sua casa para repartir os alimentos «em tempo oportuno» (Lc 12, 42). Servo dos servos de Deus³⁰⁹ que reparte o alimento da Palavra.

Na verdade, quem ensina é o Mestre interior, Jesus Cristo, Palavra de Deus. A palavra do pregador é apenas o instrumento externo da qual serve o Mestre interior, para que a verdade possa chegar aos ouvintes e que se torne útil para as suas vidas³¹⁰. Recorda

³⁰³ Agostinho, *Sermão* 128, 5, 7 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 156.

³⁰⁴ Agostinho, *Sermão* 150, 1 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 444.

³⁰⁵ Agostinho, *Sermão* 51 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 2-56; 73, 3 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 484; 101, 4 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 244; 152, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 472. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 31.

³⁰⁶ Cf. A. Trapè, *S. Agostino l'uomo, il pastore, il mistico* (Fossano: Esperienze, 1976), 195-203.

³⁰⁷ Agostinho, *Sermão* 179, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 912.

³⁰⁸ Agostinho, *Doc. Chr. IV*, 12, 27, CSEL 80, 137.

³⁰⁹ Título da carta 130 dirigido a Proba apresentando-se como «Servo de Cristo e dos servos de Cristo» (servus Christi servorumque Christi). Agostinho, *Pecc. mer.* 3, 1: CSEL 60, 128/13-14: «Carissimo filio Marcellino Augustinus episcopus, servus Christi serorumque Christi, in Domino Salutem».

³¹⁰ Cf. Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador», 561-568.

frequentemente aos fiéis, que a palavra proclamada não é do pregador, mas é de Deus para todos:

«Ouvimos agora esta leitura, que acaba de ser lida. A partir dela resolvemos falar alguma coisa com a vossa santidade. O Senhor há-de ajudar-nos a falar a verdade, se não dissermos coisas da nossa cabeça. Com efeito, se dissermos coisas da nossa cabeça, seremos pastores de nós próprios e não as ovelhas. Mas se as coisas que dizemos forem do Senhor, é Ele que vos apascenta por meio de quem quer que seja»³¹¹.

Nos seus Sermões, nota-se a segurança e a liberdade com que se dirigia aos seus fiéis. Nunca se pretende apascentar a si próprio, mas às suas ovelhas, mesmo em situações que não são agradáveis para o auditório. Tal como S. Paulo, que dizia «ai de mim se não evangelizar», ele não pode calar o Evangelho³¹². Em situações em que fosse necessário repreender, corrigir alguns desvios e expor a verdade, Agostinho não recua: «falarei com mais liberdade, desde este lugar, onde o Senhor me dá a coragem de vos pregar a sua verdade». Como *episcopus*, isto é, «*sentinela, vigilante*», como ministro de Deus e portavoz da sua Palavra para os homens, transmite aquilo que o Espírito lhe concedeu, inspirado na Palavra da Escritura, explicando-lhes o seu significado.

Num outro momento, Agostinho recorda de onde lhe vem esta autoridade e liberdade na pregação: «Eis-me pois, que vos presto o meu ministério em nome de Cristo, pois estou realmente ao serviço de Cristo, de quem vós sois os membros»³¹³.

A missão do ministro da palavra consiste primeiramente em anunciar o Evangelho, e, a partir daí, suscitar e alimentar a fé com Palavra, e não um comentador³¹⁴. Posteriormente, levar os fiéis a compreender aquilo que acreditam³¹⁵.

O bispo de Hipona sabe que, quando prega em contexto litúrgico, é um servidor da palavra: «Somos, na verdade, ministros da palavra: não da nossa, certamente, mas da palavra de Deus e do nosso Senhor»³¹⁶. O pregador é um mediador da palavra. É sempre Deus quem comunica aos seus fiéis: «Nós falamos, continua Agostinho, mas é Deus quem

³¹¹ Agostinho, *Sermão* 46, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 794-796.

³¹² Agostinho, *Sermão* 46, 7 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 802; 17, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 332; 46, 14 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 814; 125, 8 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 90; 153, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 488; 180, 14 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 958.

³¹³ Agostinho, *Sermão* 359/B, DOL 2,1; 362, 2 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 374.

³¹⁴ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 19, 15, CCL 36, 198.

³¹⁵ Agostinho, *Sermão* 139, 2 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 320.

³¹⁶ Agostinho, *Sermão* 114, 1 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 458.

educa, nós falamos, mas é Deus quem ensina»³¹⁷. O nosso pregador tem a consciência da mão de Deus na causa e nos efeitos da sua pregação³¹⁸.

O pregador serve a palavra em comunhão com a Igreja, onde Cristo é a cabeça. O Evangelho é a fonte onde o pregador se nutre e bebe. Obedecendo ao seu dinamismo, o pregador «serve a palavra», para que também todos os outros que o escutam, possam nutrir e beber da mesma fonte e mesa³¹⁹.

Para Agostinho, se Cristo é o *paterfamilias* da casa, o pregador é o servo da sua família³²⁰. Pois o alimento (Palavra) que o servo serve a mesa, não lhe pertence mas ao Pai da família. Tanto o pastor, como os ouvintes, pertencem à escola de Cristo. Aqui, o pregador não é mestre (porque um só é o vosso mestre), mais sim médico e pai³²¹. O pregador é o canal da graça de Deus e não o dono dos dons que nos comunica³²².

Um das missões do nosso pastor de Hipona, é ser o servo da palavra, que alimenta a todos, com a Palavra Divina. Atribuindo sempre todo mérito ao nosso Pastor por excelência Jesus Cristo, sendo aquele que oferece a Palavra Divina e aquele que serve das faculdades do pregador para alimentar os seus filhos.

2.3.2 - Hermeneuta e exegeta

Enquanto servidor da palavra e mediador entre Deus e os homens, o grande trabalho do pregador é o de interpretar fiel e proveitosamente a Palavra de Deus.

Não é por acaso que o bispo de Hipona tanto se preocupou com a questão hermenêutica. No *De doctrina Christiana* oferece-nos um tratado de hermenêutica para orientação de todos os pregadores cristãos. Nesta obra, apresenta-nos alguns aspetos e critérios para uma correta interpretação bíblica: «São dois os procedimentos sobre os quais se funda todo o estudo da Escritura: o modo de aceder ao conhecimento do que se deve compreender e o modo de exprimir aquilo que se compreendeu»³²³.

³¹⁷ Agostinho, *Sermão* 153, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 488.

³¹⁸ Cf. Lamelas, Isidro, *Santo Agostinho, A alegria da palavra, Gaudeo ubi audio*, 34-35.

³¹⁹ Agostinho, *Sermão* 260/D, 2 (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984) 874; 296, 5 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 326.

³²⁰ Agostinho, *Sermão* 90, 3-4 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 100-104; 126, 8 (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984).

³²¹ Agostinho, *Sermão* 9, 4 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 150; 255/A, 1 (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984) 808.

³²² Agostinho, *Sermão* 319/A (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 770; 229/E, 4 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 434.

³²³ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, I, 1, CSEL 80, 117.

Fica assim enunciado o programa que propõe para si e seus leitores: «Trataremos, primeiro, do conhecer e depois do exprimir»³²⁴. Toda a pregação se centra, pois, nestes dois momentos: conhecer e proclamar. Para conhecer, é preciso estudar, sempre com o intuito de edificar no amor de Deus:

«Depois desses dois graus do temor de Deus e da piedade, chega-se ao terceiro, o grau da ciência, juntamente sobre o qual eu me propus escrever nesta obra. Porque é nesse grau que se há-de-exercitar todo o estudioso das divinas Escrituras, com a intenção de não encontrar nelas outra coisa mais do que o dever de amar a Deus por Deus, e ao próximo por amor a Deus»³²⁵.

Depois do temor de Deus e da piedade, Agostinho apresenta, como terceiro grau, a ciência, cujo objetivo é conduzir-nos a Deus. Pode-se dizer que a hermenêutica é uma ciência, pois contém regras e métodos, que permitem ao leitor adquirir certos conhecimentos e que são úteis para compreender o verdadeiro sentido do texto e a intenção do autor. O contexto histórico, cultural, social, linguístico e geográfico é útil ao pregador. Estes contextos podem ser auxiliados pelas ciências naturais, pelas ciências sociais, pelo conhecimento linguístico, histórico e pelos dados arqueológicos. Como a bíblia não é um livro, mas formada por vários livros, encontramos nela vários aspetos sincrónicos e diacrónicos, que nos são úteis para compreender o verdadeiro sentido, que o Autor sagrado nos dirige este texto.

Se esses meios nos são úteis para alcançar o fim último — o amor — devemos usá-los da melhor maneira possível.

«Ora, em vista de nos fazer conhecer esse amor, e de no-lo tornar possível, é que a divina Providência criou para nossa salvação toda a economia temporal da qual devemos usar, não com amor e alegria permanentes, mas antes como algo transitório, tal como estando em viagem, num veículo ou não importa em que outro meio de transporte, que se possa nomear com maior propriedade. Portanto, amemos esses objetos que nos levam ao fim último, por causa do mesmo fim aonde somos levados»³²⁶.

A hermenêutica é um meio pelo qual somos edificados na caridade. Para Agostinho, a caridade é a chave de interpretação de toda a Sagrada Escritura. A

³²⁴ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, I, 1, CSEL 80, 117.

³²⁵ Agostinho, *Doc. Chr.* II, 7, 10, CSEL 80, 38.

³²⁶ Agostinho, *Doc. Chr.* I, 35, 39, CSEL 80.

hermenêutica encontra-se regulada pela caridade³²⁷. A caridade é uma pura disposição para os estudos da Sagrada Escritura.

Apoiados por estes critérios, «o investigador mais diligente das Sagradas Escrituras será, em primeiro lugar, o que as tiver lido integralmente e delas tomado conhecimento, se não quanto ao sentido pleno, pelo menos quanto à leitura perseverante»³²⁸.

Como vemos, o Hiponense apresenta dois requisitos para um adequado estudo das Escrituras: primeiro, uma leitura integral e, em segundo lugar, o conhecimento cabal dos livros bíblicos, pela leitura perseverante. Depois de assimilar e vivenciar os textos inspirados por Deus, o leitor assíduo pode propor esse mesmo conhecimento e vivência ao povo de Deus.

O texto bíblico foi escrito num contexto concreto da vivência da fé de uma comunidade e, como tal, procura iluminar, sempre à luz da ressurreição de Cristo, a sua vida e a sua fé. A hermenêutica permite atualizar a mensagem de Deus para uma determinada comunidade, que vive num determinado tempo. Por isso, e graças à hermenêutica, a Palavra de Deus apresenta-se como sempre atual e portadora de uma mensagem sempre Boa Nova, isto é, que tem o poder de transformar vidas.

Para o Doutor da Graça, este trabalho contínuo de interpretar as Escrituras para os homens e mulheres da cada tempo, como quem partilha o pão fresco aos famintos, necessita dos conhecimentos das bíblicas³²⁹, dos ambientes culturais e míticos, dos preceitos morais e regras de fé que a Escritura propõe, e do auxílio memória³³⁰.

Através deste meio, o nosso autor afirma o seu serviço à palavra de Deus. O pregador é, apenas, um meio, um canal e um instrumento, pelo qual Deus comunica a sua graça a todos os homens.

³²⁷ Cf. Ignacio Lopes, «Hermenêutica en la Antigüedad Tardía: Agustín de Hipona», em *Cuadernos Medievales* 22, (2017): 72.

³²⁸ Agostinho, *Doc. Chr.* II, 8, 12, CSEL 80, 40.

³²⁹ A língua é um instrumento imprescindível, que possibilita o acesso ao texto. O conhecimento da língua original, como o hebraico e o grego, aproxima-nos dos textos mais antigos, de forma a conhecer a intenção original que o autor do texto queria transmitir.

³³⁰ Cf. Mauro Negro, «A Ciência Hermenêutica e Santo Agostinho», em *Revista de Cultura Teológica* 18, n. 71 (2010): 11-26.

2.4 – Arte e pedagogia do pregador

Nos Sermões, Agostinho, revela-se não apenas um talento da oratória, mas também um exímio pedagogo da comunicação. Como sempre, aponta para o verdadeiro pedagogo, que não é ele, mas Cristo, que inspira e despõe da sua palavra. Todos são discípulos, incluindo ele³³¹ e todos são convidados a ouvir a voz do único mestre.

«Aquele a quem acabámos de dizer: Tu me agarraste pela mão direita, me conduziste segundo a tua vontade e com glória me acolheste (Sl. 72, 24), preparem os vossos corações, para que de maneira mais clara possam entender, e com a sua misericórdia e graça Ele nos ajude, por um lado, a mim que vos falo e, por outro, a vós que avaliais o que digo»³³².

2.4.1 - Subir (contemplação), descer (pregação) e elevar (conversão)

O cerne da arte e da pedagogia do nosso autor pode ser entendido com base na seguinte dinâmica: do subir (pela contemplação), do descer (pela pregação) e do elevar (pela conversão).

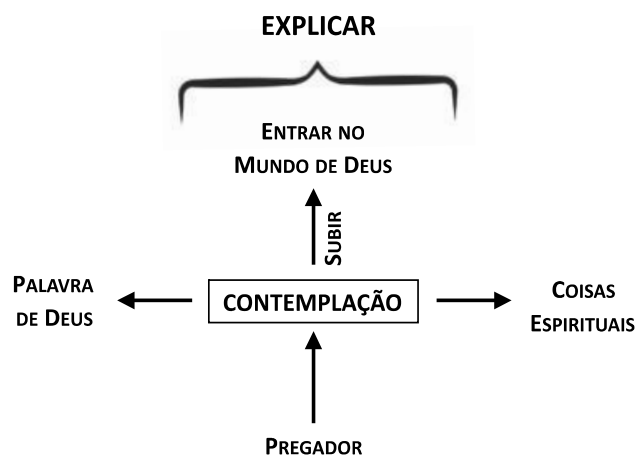


O nosso primeiro esquema convida-nos a fazer um movimento de subida. Em primeiro lugar, o pregador deve ser um homem espiritual, capaz de contemplar o mistério que anuncia. A contemplação leva o homem espiritual para fora de si e deste mundo. Onde pode conhecer a vontade de Deus, através da sua palavra, das ações da Igreja e do

³³¹ Agostinho, *Sermão* 23, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 436-438: «É mais prudente que, tanto nós que vos falamos como vós que nos ouvis, reconhecemos que somos condiscípulos, sob a autoridade de um único mestre».

³³² Agostinho, *Sermão* 23, 1 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 436.

exemplo do seu Filho. Tendo esta experiência é convidado a descer. A expressar a vontade divina numa linguagem humana.



No segundo esquema, o pregador faz um caminho inverso: desce ao nível do seu auditório, adaptando a sua palavra aos ouvintes, sem adulterar a Palavra iguala para todos. A pregação é um constante exercício de descida (*kenosis*). Uma descida que implica três requisitos: primeiro, a necessidade de descer das preocupações celestes para se colocar ao nível e necessidades daqueles que o escutam; segundo, falar de coisas que os seus ouvintes sejam capazes de compreender; e terceiro, exprimir em linguagem acessível a mensagem de Deus ³³³.

Ao mesmo tempo que sobe, desce à realidade humana dos que o escutam, querendo que eles oiçam a Palavra. Porque se estes forem incapazes de digerir um alimento demasiado sólido, tem de os alimentar com alimentos lácteos.

A pregação exige uma descida ao mundo dos homens (linguagem humana), às coisas carnis (exemplo concretos da convivência do homem), fazendo entrar no mundo dos homens o mundo de Deus (um alimento fácil de digerir). O papel do pregador, depois da contemplação, é adequar o anúncio aos que ainda não chegaram ao nível da compreensão da fé. Para iluminar esta pedagogia, toma o exemplo de Paulo que «aos espirituais, fala nas alturas, mas falar aos carnis, desce»³³⁴. Ao comentar o Salmo 90, mostra, novamente, o preceito básico da boa pregação.

³³³ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra*, 39.

³³⁴ Agostinho, *En. Ps.* 119, 2, CCL 40, 1779.

«Se quiséssemos apenas ocupar-nos na contemplação das coisas que vemos na subida, não estaríamos convosco, mas permaneceríamos lá no alto entre as realidades celestes, quase vos desprezando. Como podereis vós, com passo inseguro, seguir-nos a caminho das regiões celestes e interiores se, sob a força do amor de Cristo, nós não nos considerarmos como vossos servidores; se, para não sermos ingratos para com ele quem recebemos os mais elevados dons, não desprezamos as coisas inferiores por causa dos que são fracos, colocando-nos ao nível daqueles que não podem contemplar connosco as coisas mais elevadas»³³⁵.

Como bom comunicador e pedagogo, não se deve manter apenas nas coisas celestes, mas descer à terra, sem perder de vista que a missão do pregador consiste em conduzir as suas ovelhas às coisas celestes. Essa descida leva o pregador a ter em conta: o presente da história, as situações, os limites e as necessidades da condição humana.

A «descida» do ministro da palavra, acontece na escolha dos temas e das matérias a serem expostas. Para que isso aconteça, Agostinho é capaz de não cumprir os requisitos da retórica. Prefere antes, ser criticado pelos mestres da retórica, do que não ser compreendido pelos seus fiéis³³⁶. Nesta «descida», imita o grande mestre, que sabe ser pequeno no meio dos pequenos e grande no meio dos grandes. Jesus na sua onipotência, tornou-se homem no meio de nós, assumiu a nossa condição humana. «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Desceu até nós na condição humana, para nos elevar até Deus. Jesus é a via pela qual «se sobe e se desce, pois é seguindo o seu exemplo que os seus pregadores não apenas se elevam para o contemplarem nas alturas, mas também se abaixam para o anunciar com medida»³³⁷.

Acrescenta que esta «descida», não se limita apenas a usar a inteligência, mas deve socorrer-se também da caridade para falar a mesma língua dos fiéis. Usa o exemplo de Paulo, que assim como os pais são capazes de compreender a linguagem dos seus filhos, assim deve ser o pregador para com os seus fiéis.

«Escuta para perceberes como realmente desceu: fiz-me, diz ele, pequeno no meio de vós, como uma mãe que acaricia o seu filho (1Ts. 2, 7). Vemos realmente as mães e as mães descerem ao nível dos seus pequeninos; ainda que saibam pronunciar corretamente as palavras latinas, abreviam-nas simplificando a língua erudita para a obrigar a exprimir carinhosos tons infantis, porque se não

³³⁵ Agostinho, *En. Ps.* 30, 2, 2, CCL 38, 191.

³³⁶ Agostinho, *En. Ps.* 138, 20, CCL 40, 2004-2005; *Jo.ev.tr.* 136, 4, CCL 36, 325-326.

³³⁷ Agostinho, *C. Faust.* 12, 26 (BA, 18/B, Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2018) 331335.

se esforçassem por adaptar-se, a criança não compreenderia e não colheria proveito algum. Também um pai, ainda que seja um homem culto e um orador capaz de fazer estremecer os tribunais, quando chega a casa, se tem um filho pequenino à sua espera, deixa de lado a eloquência forense com a qual subira bem alto, e com linguagem infantil abeira-se do seu pequeno»³³⁸.

Assim é o trabalho daqueles que comunicam a Palavra de Deus. Um trabalho constante de traduzir a mensagem às circunstâncias humanas e espirituais do seu auditório. Nisto consiste a sensibilidade pastoral do bispo. Ver as necessidades primárias das suas ovelhas e procurar apascentá-las com o verdadeiro alimento: a Palavra de Deus.

Na sua experiência pastoral, sabe que entre os ouvintes, «todos escutam, mas cada um compreende segundo a sua capacidade: uns reagem como crianças, outros como adultos; uns acolhem a pregação como um alimento láteo, outros como um alimento sólido»³³⁹. O pregador deve estar munido de uma verdadeira sensibilidade e pedagogia, para fazer com que a Palavra de vida seja expressa de tal modo, que consiga alimentar os diferentes ouvintes com a mesma mensagem, independentemente da condição em que se encontrem. Isto exige que o pregador se dirija a todos, sem fazer aceção de pessoas, sem elitismos e sem preconceitos.

No concernente aos diferentes níveis de assimilação dos seus destinatários, Agostinho recorre a todos os meios possíveis, para que a mensagem possa ser compreendida. Para tal, esforça-se por apresentá-la de uma forma clara e racional. É missão do pregador anunciar o Evangelho, mas também é importante saber como transmitir. Não apenas pela linguagem polida, mas também pelo tom da voz, o acento, as pausas, o ritmo, os gestos que o acompanham e a expressão facial³⁴⁰. Espera-se um discernimento do pregador ao administrar o «pão da palavra». Que seja adequado aos seus fiéis de acordo com as suas vivências humanas e espirituais:

«Não deve alimentar os fiéis apenas com leite, de modo que eles permaneçam sempre sem compreender Cristo Deus, mas não os deve desmamar de tal modo que eles abandonem o Cristo homem (...) Não os devemos alimentar apenas com leite com receio que eles nunca compreendam Cristo criador; mas não os devemos desmamar de modo que abandonem o Cristo mediador»³⁴¹.

³³⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 7, 23, CCL 36, 80-81.

³³⁹ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 98, 3, CCL 36, 577. Lamelas, *Santo Agostinho, Gaudeo ubi audio*, 41-44.

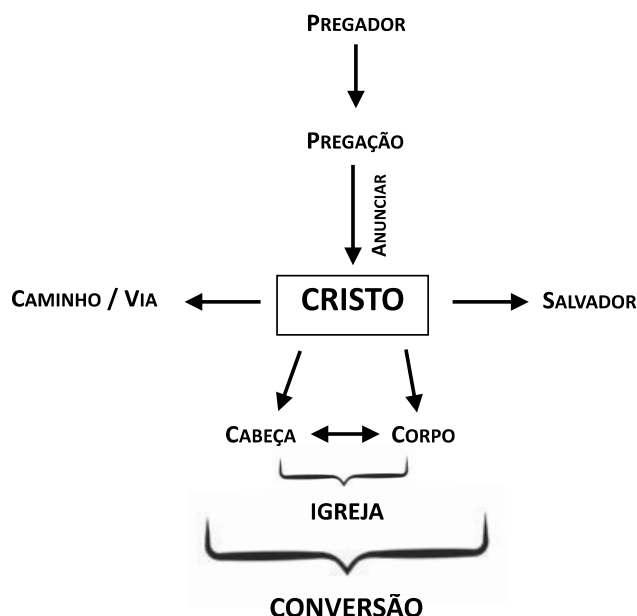
³⁴⁰ Cf. Vizcaíno, Pío de Luis, «San Agustín, Predicador», 573-575.

³⁴¹ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 98, 6, CCL 36, 579-580.

Através deste trecho, podemos ver o jogo de palavras que Agostinho faz para que a mensagem seja comunicada, assimilada e vivida. Liga o alimentar com desmamar, para passar duas verdades sobre a fé. Na primeira frase, temos as duas naturezas de Jesus: Deus e homem. Na segunda frase, Jesus é o mesmo que cria e que continua a ser mediador. Na mesma melodia, vai introduzindo as verdades da fé, apresentando Cristo em diversos momentos da história da salvação.

Efetivamente, os seus Sermões agostinianos apelavam também ao exercício intelectual, sem nunca abandonar a intenção a e formação teológica. Os fiéis são chamados a ir muito mais além da compreensão. Isto é, são chamados à vivência dos mistérios revelados por Jesus.

Todo trabalho e a pedagogia do pregador consistem em conduzir os seus ouvintes, a passarem de alimentos infantis e lácteos, à comida sólida da compreensão dos mistérios da fé. Tudo isto é uma verdadeira pedagogia, procurando levar o conteúdo da fé para vivência. Vemos a ingente relação entre comungar – comunicar – viver. Então como pregava o bispo de Hipona? «Pregava mais preocupado com o conteúdo do que com a forma, mas não descurava o estilo. A sua oratória é cuidada e elegante, mas estes atributos estéticos estão ao serviço da verdade»³⁴². As suas reflexões tinham como base as leituras bíblicas, com o objetivo de iluminar a situação concreta da vida dos fiéis³⁴³.



³⁴² Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 67.

³⁴³ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 67-73.

O nosso último esquema, faz-se um resumo de toda a pedagogia e da arte que o pregador utiliza. É movido por dois polos: da subida pela contemplação das coisas de Deus e da descida pela pregação. Por a mensagem divina ao nível da linguagem e vivência humanas. O conteúdo do anúncio é Cristo e é através d'Ele que o pregador se movimenta nestes dois polos de subida e de descida. Tudo isso, com um objetivo de elevar-nos às coisas divinas, à conversão.

O anúncio dá-se na e através da Igreja, onde Cristo é a cabeça. Ora, o porta-voz da Igreja é o pregador. Logo, é na pessoa do pregador que toda a Igreja, Cabeça e corpo, se expressa. A conversão eleva-nos a Deus e torna-nos participantes das coisas de Deus, porque somos filhos de Deus.

2.4.2 – Conversão de retórica antiga, ao serviço da pregação

No IV livro do *De doctrina christiana*, Agostinho apresenta-nos um tratado sobre o bom uso da oratória antiga ao serviço da pregação cristã. Nesta obra de capital importância para a história da instrução cristã, o Hiponense opera uma verdadeira conversão da retórica antiga, adaptando os seus grandes princípios à oratória e docência cristãs.

Citando Cícero, afirma que quem pretende falar, deve fazê-lo «“de maneira a instruir, a agradar e a convencer”». Depois, acrescenta: «Instruir é uma necessidade; agradar, um prazer; convencer, uma vitória»³⁴⁴.

Nesta continuidade, o nosso autor afirma que Cícero anexou os três objetivos aos três estilos numa só frase. «Ser eloquente é ser capaz de falar para ensinar em estilo simples as pequenas questões; para agradar, tratando questões médias, em estilo temperado; e para converter, expondo grandes questões, em estilo sublime»³⁴⁵.

Existe uma tríplice finalidade da retórica tradicional, cujo conteúdo se encontra apresentado no quadro abaixo mencionado: «*ut veritas pateat, ut veritas placeat, ut veritas moveat*»³⁴⁶. Isto é, «toda a pregação tem como objetivo que a verdade seja exposta e anunciada com clareza e transparência; agradar e deleitar, sendo explanada com arte e beleza; mover a acreditar na doutrina anunciada e levar à conversão»³⁴⁷.

³⁴⁴ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 12, 27, CSEL 80, 137.

³⁴⁵ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 17, 34, CSEL 80, 143.

³⁴⁶ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 28, 61, CSEL 80, 167.

³⁴⁷ Cf. Lamelas, *Santo Agostinho, A alegria da Palavra, Gaudeo ubi audio*, 68.

TRÊS OBJETIVOS DO SERMÃO	INSTRUIR	AGRADAR	CONVENCER
<i>Desejo</i>	uma necessidade	o prazer de escutar	uma vitória
<i>Finalidade</i>	expor ideias	manter na escuta	levar à ação
<i>Como expor um conteúdo</i>	clareza	eloquência	sabedoria
<i>Estilo da pregação</i>	simples	temperado	sublime
<i>Três qualidades</i>	Atenção ou entendimento, prazer e docilidade		

Este quadro apresenta o panorama que deve orientar a pregação. O trabalho dum pregador consiste em contextualizar a palavra e a vontade divina³⁴⁸. O pregador é aquele interpreta e ensina as divinas escrituras³⁴⁹. Para que isso aconteça, deve utilizar os meios pelo qual deve ser entendido. Nesta tarefa, deve ensinar o bem e refutar o mal, conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante sobre o que deve ser feito ou esperado. Prosseguir o seu discurso de acordo com as circunstâncias. Se sentir que surgem dúvidas, deve esclarecer por meio de exemplos concretos e da vida quotidiana.

Apoiados no nosso quadro, vamos a par e passo, particularizar os elementos que caracterizam cada um dos objetivos de um Sermão e os seus componentes.

a) - Instruir: expor as ideias de forma clara e simples

Instruir é o primeiro e principal objetivo do Sermão³⁵⁰. Este relaciona-se com as ideias a serem expostas de modo claras e acessíveis para serem entendidas. Antes de convencer é preciso instruir. Os fiéis, pela instrução, reconhecem os seus deveres. Se por este método forem instruídos, não será necessário recorrer aos meios mais eloquentes. Instruir é uma necessidade porque os homens são tão capazes de fazer, como de não fazer aquilo que sabem. Mas quem poderá afirmar que eles devem fazer aquilo que ignoram? Muitas vezes, o auditório limita-se a ser instruído ou a agradar. Daí que o convencer é uma autêntica vitória. Um auditório pode até estar instruído e deleitado, mas não dar o seu consentimento. De que vale esses dois primeiros se faltar o terceiro? Também agradar não é uma necessidade.

³⁴⁸ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, CSEL 80, 118-169.

³⁴⁹ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 4, 6, CSEL 80, 121.

³⁵⁰ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 12, 28, CSEL 80, 138.

Quem fala deve dar a conhecer a verdade. Isto é algo próprio de quem quer instruir. Não se prega para agradar, mas sim para transmitir uma verdade. A verdade deve ser exposta com clareza. Ao instruir, o pregador pode agradar pela força das ideias que transmite e não tanto pela sua eloquência. Uma ideia falsa, exposta com clareza e bem demonstrada, pode encantar, mas por ser falsa, não agrada. Podem até agradar sendo falsas, ainda que sejam apresentadas como verdadeiras. A preocupação da clareza é apresentar e dar a conhecer a verdade numa linguagem familiar e vulgar, com um sentido claro e determinado. A melhor forma de instruir é aquela pela qual quem escuta não só ouve a verdade, mas compreende a mensagem³⁵¹.

O objetivo de *instruir* é realizado mediante um estilo simples³⁵², onde o discurso assume sobretudo um cariz prático. Pode notar-se que não se encontra ornado pela eloquência, «por caminhar como nua e desarmada, não deixa de abater o adversário em poderosos apertos; e abate e esmaga sob seus golpes invencíveis a mentira mais pertinaz»³⁵³. Os oradores, que recorrem a este estilo são muito aclamados, porque a verdade é demonstrada, defendida, invencível e cheia de encantos. Comunicar nesse estilo é saber fazer-se escutado não somente com clareza, mas também com prazer e docilidade.

b) - Agradar, para manter na escuta

O segundo objetivo é agradar e visa fazer com que toda a assembleia comungue da mensagem que está a ser comunicada. Aquele que escuta com agrado abre o seu interior, o que permite que a Palavra atue com uma diligência tal que o surpreende, abraça, mantendo os ouvidos do coração atentos ao que se diz. É desta forma que se mantém concentrado todo um auditório. Para tal, e para criar esta abertura de coração, o orador deve esforçar-se para que aquilo que diz não passe, mas toque os seus ouvintes. Isto acontece através de uma linguagem eloquente, cuidada e profunda³⁵⁴. Esta finalidade alcança-se com base na inspiração, no esforço e total dedicação por parte do orador.

Através da eloquência, muitos conseguem persuadir ao mal, pervertendo o coração. Tal acontece, porque tais palavras são escutadas com agrado e deleitam o

³⁵¹ Agostinho, *Doc. Chr. IV*, 10, 24-25, CSEL 80, 134-136.

³⁵² Exemplos apresentados pelo Agostinho em estilo simples: dos autores sagrados: *Doc. Chr. IV*, 20, 39, CSEL 80, 147-148; de São Paulo; dos padres da Igreja, *Doc. Chr. IV*, 21, 45, CSEL 80, 153-155; de Cipriano; *Doc. Chr. IV*, 21, 46, CSEL 80, 155-156; de Ambrósio.

³⁵³ Agostinho, *Doc. Chr. IV*, 24, 54, CSEL 80, 162.

³⁵⁴ Agostinho, *Doc. Chr. IV*, 12, 27, CSEL 80, 137.

coração daqueles que as escutam. Todavia, trata-se de uma eloquência usada para o mal. Não obstante, um orador que é servo da palavra, ainda que não consiga por vezes, ser eloquente, nunca deve deixar de transmitir nas suas exposições, a verdade. Ainda que seja menos compreendido, menos agradável e até, menos convincente, o importante é que a verdade seja dita³⁵⁵.

Ser eloquente é saber falar com fineza, elegância e veemência. Pois, para agradar é preciso falar com eloquência, como acontece nos teatros, onde se procura cativar o público.

Se num Sermão a eloquência é uma *conditio sine qua non*, também a sabedoria o é. Certas pessoas, sob o encanto da eloquência, não só sentem prazer em ser elogiadas, como repreendidas. Através da docilidade, sentem-se convidadas a pôr em ação, aquilo que o orador convida a viver.

O estilo temperado³⁵⁶ procura agradar, pelo encanto da eloquência. O orador sagrado, pretende fazer os fiéis aderir, voluntariamente, às verdades expressas sob forma prática e honesta. Isto acontece nos casos dos ouvintes que se encontram bem-dispostos e esclarecidos, onde não é preciso um discurso que os instrua ou convença. Pois, a eloquência deve estar presente em todos os estilos, para persuadir ou ensinar. Assim, a eloquência num estilo simples, persuade à verdade que se pretende expor. Com estilo sublime, persuade para colocar em prática o que conhecem ou o que ignoram. Num estilo temperado, persuade aquele que está a falar com elegância e distinção.

O estilo temperado pretende não apenas agradar ao ouvinte, mas levá-lo de preferência ao bem que se deseja persuadir³⁵⁷. O bom orador não se preocupa apenas em agradar ou colocar em prática as linhas da retórica profana. Deve “trabalhar” para fazê-lo com clareza e persuasão:

Trabalha para se «fazer escutar com docilidade, e inspirar ao ouvinte, apego sincero e irremovível às coisas que louva, e o afastamento e horror daquelas que condena. Mas se lhe falta a clareza, não saberá ser escutada com prazer. Até nesse género de estilo que consiste principalmente em agradar, o orador deve fazê-lo de

³⁵⁵ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 14, 30, CSEL 80, 139-140.

³⁵⁶ Exemplos apresentados pelo Agostinho em estilo temperado: dos autores sagrados: *Doc. Chr.* IV, 20, 40, CSEL 80, 148-150; de São Paulo: dos padres da Igreja, *Doc. Chr.* IV, 21, 47, CSEL 80, 156-157; de Cipriano; *Doc. Chr.* IV, 21, 48, CSEL 80, 157-158; de Ambrósio.

³⁵⁷ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 25, 55, CSEL 80, 162-163.

modo a reunir estas três qualidades: ser claro, agradável e persuasivo para os ouvintes»³⁵⁸.

c) – *Convencer, para levar à ação*

Convencer é uma vitória, ao realizar o objetivo de levar à ação. Depois de ouvir e de compreender, o auditório convence-se a agir:

«se gostar do que lhe propõe; se temer aquilo de que o ameaças; se odiar o que reprovais; se abraçar aquilo que recomendais; se deplorar o que excitas a ser deplorado; se sentir alegria com o que anuncias ser motivo de regozijo; se tiver piedade dos que apresentas como dignos de piedade; se fugir dos que incitas a evitar. Ora, esses efeitos e todos os outros que se exigem grande eloquência não têm a não ser uma única finalidade: tocar o espírito dos ouvintes, não para saberem o que têm de fazer, mas para que se determinem a cumprir o que já sabem ser de seu dever»³⁵⁹.

Fundamentalmente, o pregador é um motivador, ou “influenciador”, na medida em que visa convencer os seus ouvintes a assumir novas atitudes e a tomar uma posição. Por outro lado, sabendo que a palavra de Deus é dirigida a todos, mas cada um recebe a palavra de acordo com sua situação existencial ou de acordo com a relação que tem com Deus, justificam-se estes diferentes modos de “mover” o ouvinte: como incentivo, ameaça, reprovação, recomendação, deplorável, jubiloso, piedoso e algo a evitar.

O orador, além da preocupação em expor uma ideia de forma clara e eloquente, tem como objetivo convencer, levar o ouvinte à ação. Efetivamente todo o sermão, aponta para ajudar a compreender a vontade divina e levar a pô-la em prática. Por isso, o pregador apresenta a mensagem divina com clareza, de modo agradável, afim do ouvinte dar o seu consentimento³⁶⁰.

Para isso, deve ser eloquente na forma como expõe a palavra e eloquente na vida, pelo exemplo. Para convencer, unem-se a eloquência e a sabedoria. A eloquência para ser escutado com prazer. A sabedoria para ser escutado com proveito. Ambos devem andar juntos, pois o orador terá mais proveito se puder empregar estes dois dons. Para o nosso autor, se o orador não consegue falar com eloquência, ao menos que fale com sabedoria,

³⁵⁸ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 26, 57, CSEL 80, 164.

³⁵⁹ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 12, 27, CSEL 80, 137.

³⁶⁰ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 12, 28, CSEL 80, 138.

sendo sempre fiel às palavras das Escrituras. Porque a eloquência, sem a sabedoria, não tem nenhum proveito. Cícero testemunha isto mesmo, quando diz que «a sabedoria sem eloquência foi pouco útil às cidades, mas, em troca, a eloquência sem sabedoria lhes foi frequentemente bastante nociva e nunca útil»³⁶¹. Compara a eloquência a algo doce que faz mal e a sabedoria ao remédio amargo que restabelece a boa saúde. Os doces são agradáveis, os remédios são proveitosos. É preciso então, saber juntar o útil ao agradável. Saber fazer o uso destes dois componentes que acompanham a mensagem divina³⁶².

Porque o orador sagrado, aborda assuntos sempre elevados, para não diminuí-los, deve tratá-los com um estilo sublime³⁶³. O conteúdo do Sermão deve ser: dogmático, moral e espiritual³⁶⁴. Como é possível convencer, se a pessoa não reconhece a verdade ou não se deixa encantar pelo discurso (pregação)? Será que fica convencido se não compreender? Ficar atento se não encontrar o encanto no que está a ouvir? Por conseguinte, ninguém é escutado, se o que comunica não é apresentado docilmente. Pela voz é chamado, pela ação é convencido³⁶⁵.

2.4.3 - Misturar os três géneros

Passando pelos objetivos, estilos e fins do Sermão, cabe-nos dizer que os três devem estar em estreita articulação. O orador, de acordo com as circunstâncias, vai utilizando estes três estilos: simples, temperado e sublime. Apesar de um Sermão transportar em si assuntos de grande importância, nem sempre é aconselhável usar um estilo sublime. Se porventura, o pregador estiver a ensinar, deve usar um estilo simples e claro. Se estiver a censurar ou a louvar, deve usar um estilo temperado. Mas se convida os seus ouvintes a agir ou quando expõe as verdades da fé, então, e nestes casos, deve usar um estilo sublime, de forma a tocar os corações. Desta forma, percebemos que o mesmo assunto pode ser abordado com diferentes estilos: simples para ensinar; temperado para enaltecer; e sublime para levar a ação ou conduzir à verdade, um espírito desviado³⁶⁶.

³⁶¹ Cícero, *De inventione*, Liber I, 1; Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 5, 7, CSEL 80, 122.

³⁶² Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 5, 8, CSEL 80, 122-123.

³⁶³ Exemplos apresentados pelo Agostinho em estilo sublime: dos autores sagrados: *Doc. Chr.* IV, 20, 42-44, CSEL 80, 151-153; de São Paulo: dos Padres da Igreja, *Doc. Chr.* IV, 21, 49, CSEL 80, 158-159; de Cipriano; *Doc. Chr.* IV, 21, 50, CSEL 80, 159; de Ambrósio.

³⁶⁴ Cf. Vizcaíno, Pío de Luis, «San Agustín, Predicador», 568-573.

³⁶⁵ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 26, 58, CSEL 80, 165.

³⁶⁶ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 19, 38, CSEL 80, 146-147.

Estes três estilos não são contrários, nem opostos, mas complementam-se entre si e edificam os homens. De acordo com as circunstâncias, vão variando os estilos. Pregador, usando durante muito tempo o mesmo estilo, pode provocar aborrecimento e distração. Se numa pregação, o pregador for alterando entre os diversos estilos, o Sermão fica mais rico, mais belo e mais atraente³⁶⁷.

Os fiéis escutam com maior docilidade o pregador, porque as palavras que anuncia, confirmam na sua vida. Ser modelo na palavra, na conduta, na caridade, na fé e na pureza. O que a boca proclama, a vida confirma. O que delicia o ouvido e emociona o coração, é confirmado pela vida.

³⁶⁷ Agostinho, *Doc. Chr.* IV, 22, 51; 23, 52 CSEL 80, 159-161.

Capítulo III

A Pastoral de Agostinho

Neste capítulo trataremos da figura de Agostinho de Hipona como modelo de pastor, focando a nossa atenção na sua prática pastoral quotidiana, nomeadamente como dinamizador da liturgia, pregador e cuidador dos mais pobres.

3.1 – O fio condutor da pastoral agostiniana

Podemos adiantar que a pastoral agostiniana tem como fio condutor: a gratuidade-amor³⁶⁸ e, como fundamento o Deus-Amor, que, na sua graça, nos ama e nos busca, antes de o amarmos e o procurarmos. Este fio condutor é confirmado e verificado pela sua vivência e ação.

Na origem da sua conversão, Agostinho descobriu o primado e a absoluta precedência da graça, como dom que se busca, porque Deus colocou no coração do homem, este desejo e inquietação (*inquietum cor*): «*fecisti nos, Domine, ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te*»³⁶⁹. «Predestinado e eleito pela graça, peregrino cá em baixo pela graça, e pela graça cidadão do Alto»³⁷⁰, em toda a sua pregação, o pastor hiponense mostra como a graça de Deus acompanha o indivíduo em todo momento da sua existência, desde da predestinação, até ser cidadão da cidade do Alto.

Algumas expressões do Santo africano, indicam que a graça transformada no amor e o amor na graça, são o fio que conduzia a sua vida e a sua doutrina: «Era para mim doce amar e ser amado (...) ainda não amava e já gostava de amar»³⁷¹; «O meu peso é o meu amor. Para qualquer parte que vá, ele que me leva»³⁷². Para Agostinho o amor e a graça encaixam-se naquilo que considerou «o mais valioso – dom- que Deus nos deu»³⁷³. O

³⁶⁸ Paulino Sahelices, «Gratuidad-amor, Línea conductora de la Pastoral Agustiniana», em *Revista Agustiniana* Vol XXXIII, Madrid (1992) 785-811.

³⁶⁹ Agostinho, *Conf.* 1, 1 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 5.

³⁷⁰ Agostinho, *Civ. Dei.* 15, 1, CCL 48, 454.

³⁷¹ Agostinho, *Conf.* 3, 1 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 57.

³⁷² Agostinho, *Conf.* 13, 9 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 459.

³⁷³ Agostinho, *Trin.* XV, 18, 32, CCL 50/A, 508.

Papa Francisco adverte na sua Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*³⁷⁴, que um dos pecados do mundo hodierno é o neo-pelagianismo, que se sustenta na autossuficiência, na primazia da vontade humana e, na salvação pelos próprios atos ou méritos, sem depender da graça de Deus. Nisto, Agostinho recorda que Deus convida a fazer o que se pode e «a pedir o que não se pode»³⁷⁵, ao dirigir-se ao Senhor humildemente: «Dai-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes»³⁷⁶. A graça não nos torna super-homens, mas antes, homens normais que contam com ajuda de Deus nos seus afazeres quotidianos, deixando-O ser luz e caminho nas suas vidas.

O amor é, segundo Agostinho, o motor da vida humana e, muito mais, da vida cristã. Por isso, também o trabalho pastoral não pode deixar de parte o amor:³⁷⁷ «Quando se ama, - lembra Agostinho - o trabalho desaparece ou não se sente; o trabalho é pesado para aqueles que não amam»³⁷⁸. Neste contexto, o pastor faz uma pergunta interpelante: «se a avareza nos ambiciosos suporta tanto trabalho, não poderá suportar a caridade, os cristãos?»³⁷⁹. Por isso, todo trabalho pastoral é acompanhado pelo amor que nos abre ao próximo e da gratuidade que se dá pela própria iniciativa de Deus e de quem se oferece como ministro da palavra e do sacramento, através dos diversos pastores.

a) – A Linha do amor

Agostinho aponta quatro objetos que podemos amar: Deus, nós mesmos, o nosso próximo e o nosso corpo (o mundo). O amor próprio (centrado na própria pessoa) e ao nosso corpo é natural. O amor de Deus torna-nos um ser relacional, somos convidados a sair de nós mesmos, e a ir ao encontro do nosso próximo. Foi por amor que Jesus pôs a sua vida ao serviço daqueles que, de antemão amou. Agostinho por sua vez, depois da

³⁷⁴ Francisco, Exortação Apostólica, *Gaudete et exultate*, (2018), AAS: «No fundo, só confia nas suas próprias forças e sente-se superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico», Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 94; AAS, 105 (2013), 1059.

³⁷⁵ Agostinho, *Nat et gr.* XLIII, 50 (OSA, 6, Madrid: BAC, 1949) 883.

³⁷⁶ Agostinho, *Conf.* 10, 29 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 335. *Da quod iubet et iube quod vis*. Nas suas obras, Agostinho retoma, por diversas vezes, este pensamento. No tratado *De Bona perseverantiae*, por exemplo, diz: *Quid vero nobis primitus et maxime Deus iubet, nisi ut credamus in Eum? Et hoc ergo ipse dat - «Que nos ordena Deus em primeiro lugar e com mais insistência, senão que acreditemos n'Ele? Ora é precisamente esta graça que Ele nos concede».*

³⁷⁷ Sahelices, Paulino, «Gratuidad-amor, Línea conductora de la Pastoral Agustiniana», 792-793.

³⁷⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 49, 1, CCL 36, 419; Sahelices, Paulino, «Gratuidad-amor, Línea conductora de la Pastoral Agustiniana», 793.

³⁷⁹ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 49, 1; Sahelices, Paulino, «Gratuidad-amor, Línea conductora de la Pastoral Agustiniana», 793.

conversão, ofereceu a sua vida por amor ao reino dos céus. É o amor que nos faz sair de nós mesmos para irmos ao encontro do outro. Assim, Cristo veio ao nosso encontro na forma de uma Criança. O Deus amor e amigo acompanha o homem nos seus caminhos. A encarnação foi um ato de amor: «Deus fala aos homens por intermédio dos homens e a maneira que falam os homens»³⁸⁰.

As virtudes quotidianas são formas e expressões do amor: boa vontade, fidelidade, amabilidade, sinceridade, paciência e ânimo pacífico. Tudo que é bom procede do amor; nada pode ser amável, fiel, benigno ou sincero, que não proceda do amor³⁸¹. As virtudes são orientadas pelo amor. «Aquele que não ama não chegou a conhecer Deus, pois Deus é amor» (1 Jo 4, 8). Pastor é aquele que testemunha e anuncia, que conhece e vivência no dia-dia. Para Agostinho, a Bíblia podia ser resumido em três palavras: «Deus é amor». Esta é a Bíblia do pastor. O pastor de Hipona comenta: «vejo pois que trabalhar contra o amor é trabalhar contra Deus»³⁸². É nesta linha de raciocínio que se deve entender o ousado axioma agostiniano: «ama e faz o que queres»³⁸³. Quem age dentro dos parâmetros do amor, age de acordo com Deus. Se calar, que seja por amor; se gritar, que seja por amor; se corrigir, que seja por amor; se perdoar, que seja por amor. Pois o amor está no mais íntimo do nosso ser. Então esta raiz, não pode brotar senão do bem. E termina: «Cada um é o que é o seu amor»³⁸⁴.

b) – A linha da gratuidade

Agostinho entende que a graça se refere à ação divina nos homens, pela qual, são movidos a conhecer e a amar a Deus. Para o Santo, existem cinco componentes da doutrina da graça: sua identidade, sua necessidade, sua gratuidade, sua eficácia e sua função social. Mas o que nos interessa aqui é sublinhar a componente da gratuidade³⁸⁵.

O nosso autor demonstra a sua firme convicção de que a graça é absolutamente gratuita e não merecida. Toda graça divina é um dom, que é totalmente gratuita. Onde os homens respondem, cooperando com este dom de Deus. Assim, toda pastoral de Agostinho, consiste apenas em acolher este dom e cooperar com ela. O princípio da gratuidade e da ação divina significa que todo o louvor da salvação pertence a de Deus.

³⁸⁰ Agostinho, *Civ. Dei*, 17, 6, CCL 48, 567.

³⁸¹ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 87,1, CCL 36, 543-544.

³⁸² Agostinho, *Ep.Jo.* 7, 5 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 320.

³⁸³ Agostinho, *Ep.Jo.* 7, 8 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 328.

³⁸⁴ Agostinho, *Ep.Jo.* 2, 14 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 180

³⁸⁵ J. Patout Burns, «Gracia» em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, ed. Allan D. Fitzgerald (Burgos: Monte Carmelo, 2006), 600-611.

O Doutor da Graça passou a elaborar a doutrina da gratuidade e da ação de Deus na medida que foi percebendo, gradualmente, a eficácia da sua ação pastoral. A eficácia do ministério depende da ação interior de Cristo (graça-gratuita). Enquanto o homem atua externamente, no ministério da palavra e do sacramento, plantando e regando³⁸⁶. É Deus quem lança as sementes e recolhe os frutos. A história de Salomão conta-nos, que o terceiro rei de Israel construiu o Templo e logo foi profanado. Narra o Salmo: «Se o Senhor não constrói a casa em vão labutam os seus construtores» (Sl 126, 1). É o Senhor quem edifica, os pastores visíveis são os que acolhem e cooperam com a graça de Deus por amor³⁸⁷. A gratuidade-amor é o fio de ouro seguido pelo teólogo hiponense nas suas atuações pastorais. O seu projeto pastoral, reduzia-se ao seguinte: que a «semente» da beleza (a graça é beleza, o amor é beleza), seja semeada por Deus nos corações de todos os homens. Seus esforços pastorais, eram dirigidos a «a multiplicar os amadores desta Beleza para que juntos desçamos, juntos busquemos, juntos possuímos e juntos gozemos»³⁸⁸. Agostinho apresenta um fio de ouro, de união na perda e na vitória, uma vivência das virtudes em comunidade. Possuímos, assim, o mesmo amor.

O fundamento e o modelo de toda pastoral encontram-se no Deus uno e trino. Pensar na graça e duvidar de um Deus-amor, um Deus-criador, um Deus-Trindade, não é um pensamento cristão. A gratuidade-amor, linha seguida por Agostinho, brota do Deus Trindade. Na pastoral é de suma importância formar ou construir comunidades edificadas no amor trinitário, obras da graça com a qual a pastoral deve sempre colaborar gratuitamente.

3.2 - Agostinho teórico e modelo pastoral

O ministério pastoral de Agostinho decorreu praticamente na sua diocese de Hipona. É ordenado Sacerdote em Hipona (391), mas antes da ordenação, pediu ao bispo Valério, que lhe concedesse um tempo para preparar o seu ministério pastoral.

Sabendo da importância do sacerdócio, da sua influência sobre as almas, queria estudar a Sagrada Escritura. Nela, encontrou o ideal e o modelo de pastor. Sabe que o modelo perfeito é Jesus Cristo, que se definiu a si mesmo como o Bom Pastor dá a vida

³⁸⁶ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 97, 1, CCL 36, 573.

³⁸⁷ Agostinho, *Sermão* 229E, 4, (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 434.

³⁸⁸ Agostinho, *Sol.* I, 13, 22 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 509-511.

pelas ovelhas (Jo 10, 11). Assim o fez em toda a sua vida pública, até a morte na cruz. Jesus Cristo, o Bom Pastor, será o seu ideal, imitando a sua entrega generosa até ao fim, por exemplo na pregação. Só Jesus é o pastor ideal, o pastor dos pastores, é a Ele que devem imitar os demais pastores.

A imagem do Pastor é familiar no Antigo Testamento e no Novo Testamento, onde significa a providência divina de Deus com o seu povo eleito; de Jesus Cristo com a sua Igreja. Agostinho utiliza esta imagem e a parábola do *Bom Pastor*, dando-lhe um significado cristológico-pastoral.

No seguimento do que dissemos no fim do primeiro capítulo, apresentaremos aqui a definição do *Bom Pastor* de forma mais sucinta: como o que edifica sobre a pedra³⁸⁹, o agricultor que planta e rega³⁹⁰; o servo dos servos de Cristo, de Deus e da Igreja³⁹¹. Demonstrando o exemplo e a humildade de Cristo (Mt 20, 26), adverte que o bispo é um servidor³⁹², que tem como ofício ajudar, procurar, dispensar e defender, pois a sua missão é sustento necessário às suas ovelhas³⁹³. Mais, o bispo é um pescador das almas; um sentinela³⁹⁴; o guardião da vinha do Senhor³⁹⁵; o estrangeiro da parábola do Bom Samaritano³⁹⁶; mestre e doutor dos fiéis, e, também, condiscípulo na escola de Jesus.³⁹⁷ O bispo é um Pai espiritual a que os filhos chamam também de *irmão*³⁹⁸; é a lâmpada que ilumina todos os homens com a luz do Verbo, que é a verdade³⁹⁹. Todos estes aspetos da missão que Deus confia ao Pastor das almas, servem de base a Agostinho, na formulação da sua doutrina sobre o ministério pastoral⁴⁰⁰. Todos os pastores estão unidos a Cristo. Esta unidade é característica da pastoral de Agostinho. Uma unidade que não provém de muitos, senão pelo contrário, de que muitos (pastores e cristãos) procedem de um (Cristo).

³⁸⁹ Agostinho, *En. Ps.* 126, 2, CCL 40, 1857; *Sermão* 46, 10-11, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 806-808.

³⁹⁰ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 97, 1, CCL 36, 573; *Sermão* 82, 12, 15, (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 630.

³⁹¹ Agostinho, *.Ep.* 217 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 573-606; 134, 1 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 142; *Op. mon.* 29, 37 (OSA, 12, Madrid: BAC, 1954) 761-763; *Sermão* 339, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 972-993.

³⁹² Agostinho, *Sermão* 340A, 2-3, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1002-1004.

³⁹³ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 8, CCL 36, 403; *Sermão* 94, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 153-156; *Cat.rud.* 2, CCL 46, 122; *F.et op.* 17, 32, PL 40, 218.

³⁹⁴ Agostinho, *Sermão* 339, 2, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 974.

³⁹⁵ Agostinho, *En. Ps.* 126, 3, CCL 40, 1858-1859.

³⁹⁶ Agostinho, *Sermão* 179A, 2-8, (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 928-940.

³⁹⁷ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 97, 1, CCL 36, 573.

³⁹⁸ Agostinho, *Sermão* 340A, 7, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1010.

³⁹⁹ Agostinho, *Sermão* 47, 13, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 872; 299B, 4-5, (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 398-400.

⁴⁰⁰ Madrid, Teodoro C. «El ministerio pastoral según San Agustín», 658-659.

Todos são um, unidos em único Pastor⁴⁰¹. Existem bons pastores, porque estão unidos ao Bom Pastor. Como se realiza a unidade entre os pastores e Jesus Cristo? Agostinho desenvolve a resposta a partir da teologia do Corpo Místico de Cristo. «Todos os pastores são membros do único Pastor»⁴⁰². Toda ação do pastor desenrola-se dentro da Igreja, e somente nela. Pois nenhum que estiver fora da Igreja, pode ser pastor, senão lobo devorador revestido de ovelhas⁴⁰³.

Para o Pastor de Hipona, o ideal e o modelo de Pastor, não é ele mas sim, Jesus Cristo. O Bom Pastor que todos devem imitar. Como consequência, leva-nos à unidade.

3.2.1– Notas características do Pastor de almas

Vivendo como Cristo vivia, com humildade, caridade, pureza de coração, pobreza, oração, vida em comum, apostolicidade, porque o ministério pastoral é a participação e a continuidade do apostolado de Cristo, com a pregação, a vigilância e, em todos os problemas, contar com a ajuda de Deus, senão seria uma mera burocracia. O fundamento de toda pastoral está na união dos pastores com Cristo, que é a pedra angular de todo Corpo Místico.

Assim viveu Agostinho o seu ministério pastoral enquanto pastor de Hipona. Sua vida interior de oração e sacrifício estava unida à sua atividade apostólica com os fiéis, pois, o amor a Deus impele o amor ao próximo, pelo qual verdadeiro pastor ordena tudo: a oração, o estudo, a pregação, a atividade, a organização do dia e a vida em comum⁴⁰⁴.

a) – A caridade

A primeira característica do Pastor das almas é a caridade, que é o vínculo da unidade e o motor de todo o seu ministério pastoral. O bispo de Hipona demonstrou-o com a sua doutrina e com a sua vida. Desde a sua conversão até à sua morte, como testemunha o seu discípulo e amigo Nebrídio⁴⁰⁵. Chegou a afirmar: «não me canso de falar da caridade»⁴⁰⁶. Ela é o termómetro da perfeição da vida cristã e da vida espiritual, com

⁴⁰¹ Agostinho, *Sermão* 46, 38, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 854

⁴⁰² Agostinho, *Jo.ev.tr.* 46, 5, CCL 36, 400.

⁴⁰³ Agostinho, *Sermão* 46, 31 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 840.

⁴⁰⁴ Madrid, Teodoro C, «El ministerio pastoral según San Agustín», 713.

⁴⁰⁵ Agostinho, *Ep.Ep.* 5 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 22.

⁴⁰⁶ Agostinho, *Ep.Jo.* 9, 11 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 404.

efeito, cada um é o que ama⁴⁰⁷; também é luz que ilumina e dá a conhecer as coisas de Deus⁴⁰⁸.

A caridade resume a Sagrada Escritura, e sustenta todas as outras virtudes, porque quem sabe amar, também sabe crer e esperar. Ela vence tudo, sem ela nada vale, e com ela tudo chega a perfeição⁴⁰⁹.

Segundo Agostinho, a caridade do ministério tem que ser: *universal, generosa e pura*.

Universal, porque envolve a todos, porque Deus a todos dá a sua graça, o que inclui também os inimigos. A função do pastor é defender, cuidar do rebanho e atrair as desgarradas. Amar aquele que não crê em Cristo, para que chegue a ser teu irmão. A caridade abarca a todos⁴¹⁰. Os membros de Cristo estão espalhados por todo mundo. Pois em contrário, estaríamos separados do corpo e sem a união com a cabeça. O fogo da caridade envolve-nos a todos.

Generosa, porque o verdadeiro pastor deve imitar o exemplo e a conduta de Jesus Cristo, que não veio para ser servido, senão para servir e dar a vida (Mt 20, 27-28), para salvação de toda humanidade. Entregou a sua vida nas mãos dos homens para derramar o seu sangue na cruz (Mt 17, 22-23)⁴¹¹. Os pastores devem servir o rebanho do Senhor tal como os Apóstolos (2 Cor 4, 5), até dar vida como Jesus. *É um dever*⁴¹², assim Jesus indicou a Pedro, que o seu amor ao rebanho deve chegar até a entrega da própria vida, quando anunciou a sua prisão e morte. Assim como Cristo deu a sua vida de forma generosa, assim os pastores são convidados a darem as suas vidas. «Nisto conhecemos o Amor: Ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos» (1Jo 3, 16)⁴¹³.

Esta generosidade total deve estar sempre presente no pastor, porque só assim se ama de verdade⁴¹⁴.

Pura, quer dizer, sem procurar o próprio interesse, como encoraja o profeta Ezequiel. Todos os verdadeiros pastores, juntamente com os apóstolos que deram a sua

⁴⁰⁷ Agostinho, *Ep.Jo.* 2, 14 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 180.

⁴⁰⁸ Agostinho, *Jo.ev.tr.* 26, 4, CCL 36, 261.

⁴⁰⁹ Agostinho, *Sermão* 354, 6, (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 236.

⁴¹⁰ Agostinho, *Ep.Jo.* 10, 3 (SC, 75, Paris: Cerf, 1994) 416.

⁴¹¹ Enrique A. Eguiarte B., «Servi vestri sumus (S. 340 A, 3). El pastor de almas como servidor en San Agustín», *Revista Agustiniiana*, vol. 233, nº 1 (2020), 179-181.

⁴¹² Agostinho, *Jo.ev.tr.* 47, 2, CCL 36, 413:«Assim o verdadeiro pastor dá testemunho do seu amor e edifica a Igreja».

⁴¹³ Agostinho, *Sermão* 253, 2 (NBA, 32/2, Roma: Città Nuova, 1984) 750.

⁴¹⁴ Karlic, Estanislao E., «San Agustín, Obispo y Pastor» 48.

vida pelas ovelhas, fizeram-no sem ambição e vaidade. A caridade pura evita o hedonismo, todo mérito atribui-se a Jesus, de quem recebe o ministério, e é a razão de ser. A caridade é a virtude pela qual diferencia o mercenário de pastor⁴¹⁵. Jesus pediu a Pedro a caridade pura, um amor desinteressado, que não busca os próprios interesses, mas sim o que convém ao reino dos céus⁴¹⁶. Que anuncia Deus por amor e não pelos próprios interesses. O mesmo pediu a São Paulo sobre o amor verdadeiro, sincero, puro; não como os maus pastores que buscam os próprios interesses e não os de Jesus Cristo (Fil 2, 20-21).

b) - Humildade

A humildade é outra qualidade importante na vida espiritual e no ministério pastoral de Agostinho. É ponto de partida, o fundamento⁴¹⁷ e o caminho⁴¹⁸ para se chegar a uma verdadeira caridade. Deve ser verdadeira, porque vem de Cristo-caminho.

Se Cristo é a porta pela qual entram os verdadeiros pastores, todo aquele que entra por esta porta, deve ter a humildade de Cristo. A *quenose* de Jesus, desde o nascimento até a sua morte, deve ser o modelo e caminho de entrega e de serviço com paciência⁴¹⁹ do verdadeiro Pastor das almas:

«Ele é mestre de humildade em palavras e obras. No que diz respeito às palavras, desde o início da criação, ele nunca deixou de ensinar a humildade ao homem, por meio dos anjos e dos profetas. Dignou-se ensinar também pelo seu exemplo. Foi com humildade que o nosso Criador veio até nós»⁴²⁰.

Jesus ensinou os seus apóstolos a serem simples e humildes como as crianças, não infantis, mas sim inocentes (Mt 18, 3). Por isso, o Senhor concede o céu (paraíso), a salvação aos humildes. O Doutor da graça, ao ser eleito para o ministério, pregou ao seu povo com temor e humildade⁴²¹. Por isso, o Senhor Jesus não elegia oradores e senadores, para virem-se a gloriar das suas qualidades, senão ignorantes e pecadores⁴²².

⁴¹⁵ Eguiarte B., Enrique A., Eguiarte B., «Servi vestri sumus (S. 340 A, 3). El pastor de almas como servidor en San Agustín», 163-164.

⁴¹⁶ Agostinho, *Sermão* 137, 10 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 10.

⁴¹⁷ Agostinho, *Sermão* 69, 1, 2 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 382.

⁴¹⁸ Agostinho, *Ep. Ep.* 118, 22 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 1156.

⁴¹⁹ Eguiarte B., Enrique A., Eguiarte B., «Servi vestri sumus (S. 340 A, 3). El pastor de almas como servidor en San Agustín», 164-167.

⁴²⁰ Agostinho, *Sermão* 340/A, 5 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 1008.

⁴²¹ Agostinho, *Sermão* 23, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 438.

⁴²² Agostinho, *Sermão* 43, 5-6 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 754-756.

Agostinho em vida foi muito louvado, até pelos hereges que o odiavam⁴²³. Mas ele a todos defendia com humildade. Humildade que praticava com todos: com os seus irmãos religiosos, sacerdotes e bispos com quem convivia. Sempre submisso ao Papa e em comunhão com a Igreja⁴²⁴.

c) - Pobreza

Juntamente com a humildade, o pastor das almas deve viver a pobreza e a caridade. Por isso, os que exerciam o ministério pastoral com ele, viviam numa pobreza exemplar e uma vida em comum. Efetivamente, Agostinho viveu em comunidade desde da sua ordenação sacerdotal, também como bispo, sem nada que lhe fosse próprio, como gostava de partilhar nas suas pregações ao povo⁴²⁵.

Dando exemplo em tudo, a sua dignidade e ministério episcopal não mudou nada na sua vida apostólica, nem vestuário, comida e habitação. Tudo colocava ao serviço da comunidade como pobre e filho de uma família modesta⁴²⁶. A razão de viver em comum e na santa pobreza prende-se com a imitação de Cristo e a necessidade de total liberdade no ministério pastoral das almas. Ciente de que o pastor deve iluminar com a verdade do Evangelho, através dos exemplos da sua vida, procurava viver de acordo com a palavra que anunciava, desejando apenas a recompensa do Evangelho⁴²⁷. À imitação de Cristo, podemos dizer com palavras de hoje que também ele fez uma opção preferencial pelos pobres, como uma opção de vida cristã autêntica⁴²⁸.

Vivia pobremente, fazia-se irmão dos pobres e companheiros na pobreza⁴²⁹. No início do inverno, recordava aos seus fiéis da nudez de Cristo, para vestir os que se encontravam mal vestidos⁴³⁰. «Eram tantos os necessitados (...) que não tinha para todos»⁴³¹. Por isso, em algumas ocasiões chegou a vender os vasos sagrados da Igreja, para alimentar e vestir os pobres.

⁴²³ S. Jerónimo, Agostinho, *Ep. Ep.* 195 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 308; S. Paulino de Nola Agostinho, *Ep. Ep.* 94, 4 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 882-884.

⁴²⁴ Agostinho, *C. Faust.* 5, 6, CSEL 25/1, 278.

⁴²⁵ Agostinho, *Sermão* 355-356 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 244-276.

⁴²⁶ Agostinho, *Sermão* 356, 9 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 266.

⁴²⁷ Agostinho, *Sermão* 46 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979).

⁴²⁸ Agostinho, *Sermão* 210, 10, 12 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 178; J. García Lopez, «La pobreza y los Santos Agustinos, ayer y hoy», en *Revista Agustiniana*, vol. LVI, nº 170-171, (2015), 391-392. Foi um dos temas principais da Conferencia de Medellin na Colômbia em 1968.

⁴²⁹ Karlic, Estanislao E., «San Agustín, Obispo y Pastor» 48.

⁴³⁰ Agostinho, *Sermão* 25, 8 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 484.

⁴³¹ Agostinho, *Sermão* 355, 5 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 252.

Depois da formação do clero, os pobres e os mais necessitados eram os que mereciam a maior atenção do Santo. Possídio confirma que tudo era para eles⁴³². Despendeu dos seus bens para fundar um mosteiro e nunca perdia o sono com a administração dos haveres, nem por causa destes se desviava do cuidado pastoral prioritário. Não aceitava doações que podiam prejudicar a terceiros, filhos ou herdeiros. Aceitava oferendas, e se estas não fossem suficientes para atender os mais necessitados, então pedia pessoalmente em nome dos pobres:

«Por conseguinte, dai aos pobres. É o que eu peço, aviso, recomendo e mando. Dai aos pobres tudo o que quiserdes. Com efeito, não ocultarei à vossa caridade porque é que tive necessidade de vos pregar este sermão (...) os pobres interpelam-me para vos dizer que eles precisam de receber de vós alguma coisa (...) Eles esperam alguma coisa também de mim. Dou quanto tenho, dou de acordo com as minhas possibilidades. Todavia, acaso serei eu idóneo para satisfazer as suas necessidades? Pois, porque não sou idóneo para satisfazer as suas necessidades, ao menos sou representante deles junto de vós»⁴³³.

Neste parágrafo vemos como o pastor de Hipona se faz “representante” e portavoz dos pobres, para convencer os membros da comunidade, cada um a dar conforme a sua condição e possibilidades.

d) - A oração

A oração é a alavanca do apóstolo e do pastor Agostinho⁴³⁴. O meio mais propício da oração é a meditação da Sagrada Escritura. Vivia unido a Deus pela oração. Depois de ser ordenado sacerdote, o primeiro retiro que fez foi para estudar e meditar a Sagrada Escritura, com oração e penitência até a Páscoa⁴³⁵. Como bispo dedicava todo o tempo que podia a medição da Escritura, que era o seu maior desejo⁴³⁶.

A sua preocupação pela vida de oração levou-o a unir a contemplação à ação. Pois, o pastor das almas há de saber unir ambas as coisas. A vida ativa da pastoral, com as suas preocupações e os seus cuidados é alimentada pela vida contemplativa interior. Cuidando, tanto das aparências e vaidades da vida ativa, como do descuido e da

⁴³² Possídio, *A vida de Santo Agostinho*, 23 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 379 e os Sermões sobre as esmolas aos necessitados.

⁴³³ Agostinho, *Sermão* 61, 12, 13 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 242.

⁴³⁴ Agostinho, *Ep. Ep.* 194, 18 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 276.

⁴³⁵ Agostinho, *Ep. Ep.* 21 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 100-104.

⁴³⁶ Agostinho, *Conf.* 11, 2 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 367; *Tri.* 1, 4-5, CCL 50, 31-32.

esterilidade da vida contemplativa, sem desvios para direita nem para esquerda (Dt 17, 11)⁴³⁷.

A comunicação do pastor de almas nasce da contemplação, que o une a Deus. Porque em vão prega a palavra de Deus, quem não a escuta por dentro⁴³⁸. Só se comunica aquilo que vem do interior, por isso, Agostinho une a oração à pregação⁴³⁹, de tal modo que, no plano pastoral, primeiro vem a contemplação e só posteriormente é que vem a ação. Mas cada uma tem um fim distinto: na ação, a atividade com as obras de caridade, com a penitência, a hospitalidade, o serviço, o governo, a pregação; na contemplação, o retiro, o silêncio, a oração, a contemplação, o estudo⁴⁴⁰. No entanto, para o pastor de Hipona, não podem andar separadas, relacionando a vida interior com a vida exterior e a ação.

O pastor de almas, para levar a cabo a sua atividade quotidiana, necessita de disposição interior, de uma profunda espiritualidade, a fim de poder exercer seu ministério segundo o Bom Pastor. O zelo e a caridade animam até os mais pequenos atos da pastoral do santo africano. Porque em tudo se trata de imitar Cristo, que se deu a todos para as redimir com caridade perfeita. Este é o modelo que inspirou toda pastoral de Agostinho⁴⁴¹. A vida interior permite estarmos unidos a Cristo, mestre interior da caridade.

A oração que une o pastor a Cristo é a caridade, também acontece através do mesmo alimento e dom que vem de Cristo. «Eu alimento-vos do mesmo que me alimento; eu dou-vos do mesmo que vivo»⁴⁴². «Se vos comunico algo de Cristo, por isso, alimento-vos, porque sois de Cristo, porque Ele é o pão comum de quem eu vivo, se é que vivo»⁴⁴³.

A vida interior permite que nos relacionemos com a Esposa de Cristo mediante a caridade. A caridade pastoral consiste em estar disponível a sacrificar a vida, em favor das ovelhas resgatas com o seu sangue precioso. Apascentar as ovelhas, significa dar a vida pelas suas ovelhas.

⁴³⁷ Agostinho, *Civ. Dei*, 19, 19, CCL 48, 684-685.

⁴³⁸ Agostinho, *Sermão* 179, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 912.

⁴³⁹ Agostinho, *Doc. Chr.* 4, 16, 32, CSEL 80, 125; 4, 30, 63, CSEL 80, 134.

⁴⁴⁰ Madrid, Teodoro C, «El ministerio pastoral según San Agustín», 675.

⁴⁴¹ Agostinho, *Sermão* 101, 6 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 246.

⁴⁴² Agostinho, *Sermão* 339, 4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 978.

⁴⁴³ Agostinho, *Sermão* 104, 4, (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 274; 179A, 8, (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 940.

3.2.2 – O papel e o dever do pastor

Como pastor de almas, Agostinho desenvolveu uma intensa ação, mediante a palavra proferida e os seus escritos, porque vivia e alimentava-se do ideal do Bom Pastor em seu interior. Guardar e vigiar é o ofício e o dever do pastor, como sentinela e dispensador da graça de Deus, que se resume em ser *Mestre e Pai* do povo.

Apoiado em São Paulo (1Tes 5, 14s), resume assim todos os deveres do seu ofício de pastor das almas: tranquilizar os inquietos, animar os fracos, cuidar dos enfermos, compreender a todos⁴⁴⁴, vigiar⁴⁴⁵ e guardar⁴⁴⁶ o rebanho. Porque o pastor com o seu exemplo, deve guiar o rebanho pelo bom caminho, imitando a Cristo, dando exemplo com boas obras⁴⁴⁷.

a) – *Sentinela do Povo de Deus*

Esta é uma imagem retirada do profeta Ezequiel (Ez 3, 17-21), aplicada aos pastores de almas, que cuidam do rebanho segundo as suas forças e talentos, para ensinar, prevenir, corrigir, aperfeiçoar, dando testemunho da verdade, para não serem servos negligentes (Mt 25, 26). Por isso, quando o rebanho se encontra em perigo, o pastor deve defender e vigiar, sem abandonar o redil.

Pela ocasião da invasão dos bárbaros, Agostinho aconselhava os pastores de almas a manterem-se com os seus rebanhos, quando estes estavam em perigo. A preocupação com o bem-estar do rebanho deve ser contínua, entregando-se de corpo e alma (entrega generosa) para poder afugentar o perigo e apascentar o rebanho. Afirmava que não queria ser salvo sem o seu rebanho⁴⁴⁸.

Ser “pastor de almas” significa, em Agostinho, primeiramente ser pastor dos católicos, porque o rebanho de que se fala é a Igreja de Cristo, que segundo ele é só uma, a católica.

O pastor tem o grande dever de guardar o depósito da fé (1Tm 6, 20), porque em todo tempo aparecem falsos profetas e pastores que falam por vaidade humana (Ti 1, 9-11). Por isso, é preciso estar sempre em alertar e vigiar a messe do Senhor⁴⁴⁹.

⁴⁴⁴ Agostinho, *Sermão* 196, 14 (NBA, 32/1, Roma: Città Nuova, 1984) 76.

⁴⁴⁵ Agostinho, *Sermão* 146, 1 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 402.

⁴⁴⁶ Agostinho, *En. Ps.* 126, 3, CCL 40, 1858.

⁴⁴⁷ Agostinho, *Sermão* 355, 1 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 244.

⁴⁴⁸ Agostinho, *Sermão* 17 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 300-340.

⁴⁴⁹ Madrid, Teodoro C, «El ministerio pastoral según San Agustín», 689-691.

b) – A formação do Clero

O clero ocupava o primeiro lugar no zelo pastoral de Agostinho, sobretudo as vocações e as suas formações, como indicam os sermões ao povo, sobre a vida dos clérigos que viviam com ele⁴⁵⁰. Esteve empenhado desde o início do seu ministério episcopal, na formação ascética, humana e cultural do seu clero⁴⁵¹. Também contagiou a forma como vivia em comunidade com o seu clero⁴⁵². Ao chegar a sua morte, deixou a sua Igreja bem servida de muitos padres, mosteiros de homens e de mulheres, com uma vida ascética observante⁴⁵³. A paixão pela Verdade que sempre incentivou o estudo e gosto pelo saber fez dele um exemplo seguido por muitos nesta importante ligação entre vida espiritual e amor do estudo. Muitas das suas obras foram concebidas para a formação do seu clero. O cuidado que Agostinho teve em preservar a sua *opera omnia* e, em particular, os sermões que sabia serem usados como modelos de pregação, revela bem essa preocupação com a formação do seu clero.

c) – Os hereges e cismáticos: apelo à unidade

Encontramos, no seu ministério pastoral, muitos escritos e lutas contra todas as heresias e divisões, tentando sempre fazer triunfar a verdade e a unidade da Igreja. Agostinho convidou os maniqueus, donatistas, pelagianos, arianos e judeus à paz comum e a unidade a qual o Senhor mandou e amou. No dia 1 de julho de 411 em Cartago, numa conferência convidava os donatistas à paz, para que pudesse brilhar a verdade e a unidade⁴⁵⁴. A sua pastoral está marcada por este esforço, onde obteve bons frutos, conseguindo que muitos voltassem à unidade da Igreja⁴⁵⁵. Também não deixava de se dirigir aos pagãos, ateus, pecadores, indiferentes, tíbios e cristãos médios.

Os melhores métodos utilizados no combate às heresias eram: o conselho, conferências com paciência e modéstia, e a oração. Preferia a caridade, como melhor

⁴⁵⁰ Agostinho, *Sermão* 355-356 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 244-276.

⁴⁵¹ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 11 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 357.

⁴⁵² Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 25-27, (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 383-389.

⁴⁵³ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 31 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 411: Ao morrer, «deixou à Igreja um clero muito numeroso, bem como mosteiros de homens e de mulheres, cheios de pessoas devotas à continência, sob a obediência dos seus superiores, juntamente com as bibliotecas...».

⁴⁵⁴ Agostinho, *Sermão* 358 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 288-296; Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 13 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 361.

⁴⁵⁵ Agostinho, *Sermão* 62, 11, 16 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 272.

caminho para combater as heresias; às vezes não havia outro remédio, que não o temor para ganhar, ainda que fossem poucos⁴⁵⁶.

d) – *Pai de todos*

S. Jerónimo dirige-se a S. Agostinho, tratando-o como “filho na idade, e pai na dignidade”⁴⁵⁷. “Pai”, é, de facto, o primeiro título dado ao pastor das almas, como sucessor dos Apóstolos, aos Padres da Igreja⁴⁵⁸. Agostinho formava os seus sacerdotes cultos e piedosos. Atribui-se a ele o título de *pai dos sacerdotes*, pois eram a pupila dos seus olhos e braço direito do seu ministério pastoral⁴⁵⁹.

Consequentemente, o pastor de Hipona exorta os seus fiéis a “amar o bispo como se ama um Pai»⁴⁶⁰.

Também lhe foi atribuído o título de *pai dos pobres e necessitados*⁴⁶¹, de acordo com uma das prioridades da sua pastoral. *Pai das crianças, dos órfãos e dos enfermos*, tendo um cuidado especial com os enfermos, não recusando os seus pedidos.

e) – *Médico das almas*

O bispo, como pastor, também deve ser médico das almas feridas. O pastor sabe que onde houver enfermidade, erro, pecado, heresia, cisma, que seja capaz de corrigir e de denunciar como fazia São Paulo, com indulgência e compreensão.

«Por isso, o mesmo Apóstolo, ao lembrar-lhes quem eles eram para si, para não dar a impressão de que se tinha esquecido da honra que lhe tinham dispensado, assegurou-lhes que o tinham recebido como a um anjo de Deus e que, se fosse possível, seriam capazes de arrancar os seus próprios olhos e dar-lhos. E, no entanto, aproximou-se da ovelha fraca e da ovelha contaminada, para lhe amputar a gangrena e não para lhe poupar a parte apodrecida. *Sendo assim* – pergunta ele

⁴⁵⁶ Agostinho, *Sermão* 294, 20 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 308; *Ep. Ep.* 185, 21 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 48.

⁴⁵⁷ Entre a correspondência de Agostinho, *Ep.* 72,3,5 (NBA, 19, Roma: Città Nuova, 1969) 577.

⁴⁵⁸ Agostinho, *En. Ps.* 44, 32, CCL 38, 516.

⁴⁵⁹ Agostinho defendia os sacerdotes contra todos, compreensivo, ajudava no que fosse preciso mas também repreendia se fosse necessário: caso de Abúndio sacerdote escandaloso, pelo seu mau comportamento. Agostinho, *Ep. Ep.* 65 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 538-540; 83 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 718-724; 251 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 868.

⁴⁶⁰ *Sermão* 24,1 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1979) 463

⁴⁶¹ Karlic, Estanislao E., «*San Agustín, Obispo y Pastor*» 48.

– *será que me tornei vosso inimigo ao pregar-vos a verdade?* Eis que ele recebeu o leite das ovelhas, tal como referimos há pouco, e se vestiu com a lã delas, mas não as negligenciou. De facto, ele não procurava os seus interesses, mas os de Jesus Cristo»⁴⁶².

A exemplo de Cristo⁴⁶³, O Pastor-médico procura reconduzir as ovelhas transviadas e encontrar as que estão perdidas. Realmente, atreve-se a dizer que é importuno, oportunamente aos que querem e inoportunamente aos que não querem⁴⁶⁴. Apoiava a sua conduta nos princípios que a seguir exporemos⁴⁶⁵.

3.2.3 - Princípio do ofício do Pastor

Os fundamentos que norteiam o pensamento e a conduta do nosso pastor estão no Santo Evangelho. Ao qual sente-se motivado a seguir o exemplo do único mestre que se apresenta como o bom pastor.

a) - *O santo temor*

O verdadeiro pastor deve defender acima tudo os preceitos de Deus, que por vezes, podem não agradar aos homens. O temor do Senhor tem a função de repreender e ensinar, sem temer a incompreensão dos homens⁴⁶⁶: «Posso calar-me, mas tenho medo de me calar. Vejo-me obrigado a pregar. Estou aterrado, mas tenho-vos comigo, para que logo podeis alegrar-vos também comigo»⁴⁶⁷.

b) – *o cargo e a carga pastoral*

Agostinho preencheu o seu ministério pastoral, em muitas e diversas ocupações, por vezes pesadas. O seu propósito pastoral era essencialmente a administração dos sacramentos e a evangelização, com o ensino pregado e escrito, nos concílios, nas Igrejas, nas conferências, nas disputas, nos sermões e nas catequeses. O seu objetivo maior era

⁴⁶² Agostinho, *Sermão* 46, 7 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 802.

⁴⁶³ Cf. Ramón Sala González, *Significado de Cristo Médico en san Agustín*, in *Estudio Agustiniano*, 57 (2022) 111-135.

⁴⁶⁴ Agostinho, *Sermão* 46, 14 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 814; *Jo.ev.tr.* 46, 8, CCL 36, 403.

⁴⁶⁵ Agostinho, *Sermão* 137, 12, 15 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1990) 300.

⁴⁶⁶ Agostinho, *Sermão* 9, 3 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 152.

⁴⁶⁷ Agostinho, *Sermão* 40, 5 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 724.

buscar o bem das almas, promovendo a paz entre todos. Assim testemunha o seu discípulo Possídio⁴⁶⁸.

Mesmo assim, encontrava tempo para meditar e rezar, sem se deixar absorver com as ocupações externas⁴⁶⁹. Houve, contudo, um tempo em que os encargos pastorais se tornaram uma carga demasiada e, por isso, não conseguia ocupar-se dos livros⁴⁷⁰, nem terminar os que se encontravam incompletos⁴⁷¹.

Ao escrever uma carta ao seu colega do episcopado, Bonifácio, redige poucas linhas, porque se encontrava com pouco tempo livre⁴⁷². Já ancião, pediu aos seus fiéis que o libertassem de algumas tarefas como as audiências e júzos, para o seu futuro sucessor, mais jovem⁴⁷³. Outras vezes partilhou com os seus fiéis de forma familiar, que só levava a pesada carga, pela obrigação do ministério pastoral, pela obediência e pela caridade⁴⁷⁴. Pois estas tarefas causavam-lhe cansaço «Continuamente pregar, discutir, repreender, edificar, estar à disposição de todos é uma grande tarefa, um grande peso, uma enorme fadiga»⁴⁷⁵. Compreendia que através desta fadiga estava próximo de Cristo; também de chegar aos outros com simplicidade e humildade, requer uma verdadeira conversão.

c) - *Realismo*

Agostinho tinha plena ciência de que esta vida se encontra cheia de necessidades, apesar da sua formação, temperamento, idealismo e da vida interior. A sua abordagem pastoral está, por isso, longe de ser só teórica e ainda menos *angelical*. A sua atuação caracteriza-se pelo realismo e atenção à realidade eclesial e social. Correspondendo às necessidades terrenas mais urgentes, relacionadas com a pastoral, deixava que outros se ocupassem da administração dos bens da casa e da igreja⁴⁷⁶, mas não se abstrai totalmente. A sua ocupação fundamental era com as pessoas mais necessitadas, como órfãos, viúvas, enfermos e pecadores⁴⁷⁷.

⁴⁶⁸ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 19-29 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 373-395.

⁴⁶⁹ Agostinho, *Op. mon.* 37, PL 40, 576.

⁴⁷⁰ Agostinho, *Ep.* 101, 3 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 944.

⁴⁷¹ Agostinho, *Ep.* 139, 3 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 200.

⁴⁷² Agostinho, *Ep.* 98, 8 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 924; Carta dirigido ao Memório, também pede desculpa por ter atrasado na resposta por falta de tempo. *Ep.Ep.* 101, 1 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 940.

⁴⁷³ Agostinho, *Ep.* 213, 5-6, (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 540-542.

⁴⁷⁴ Agostinho, *Sermão* 24, 3 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 466; *Ep.Ep.* 139, 3 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 200.

⁴⁷⁵ Agostinho, *Sermão* 339, 4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 978.

⁴⁷⁶ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 24 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 381.

⁴⁷⁷ Possídio, *Vida de Santo Agostinho*, 27 (OSA, 1, Madrid: BAC, 1946) 387.

d) - *Heroísmo*

A missão do pastor como o próprio nome indica, é chamado a ser guardião e a vigiar aqueles que lhes são confiados que estão aos seus cuidados⁴⁷⁸. Não basta ter a consciência tranquila, mas também que goze de boa fama, não só por palavras mas em tempos difíceis por obras⁴⁷⁹.

Numa carta dirigida ao seu irmão no episcopado, Honorato, em abril de 429, falando-lhe das atitudes a ter na eminência da invasão dos Vândalos. O pastor de Hipona aconselha que se permaneça com o rebanho nesses momentos de perigo. Pois é nessas ocasiões que o rebanho mais precisa do pastor para administração dos sacramentos e orientação dos fiéis. É necessário que permaneçam juntamente com a Igreja onde se encontram, a servi-la onde se encontram e nos acontecimentos que se vivem. E se for necessário dar a vida pelo rebanho que assim seja⁴⁸⁰.

A honra e a dignidade do bispo emanam de Jesus Cristo. Por isso, a honra e o respeito devem estar animados do amor sincero, como bons servos do Senhor e como ministros fiéis da graça⁴⁸¹.

3.3 – A Sagrada Escritura fonte pregação

A palavra de Deus é o pão e o tesouro que o pastor deve oferecer às almas (as ovelhas) como servo de Deus⁴⁸². O pastor é, assim, o intérprete seguro, que evitará que os fiéis se equivoquem⁴⁸³. A Sagrada Escritura contem o tesouro da palavra de Deus e o pastor tem a missão de partilhar com seus fiéis.

Santo Agostinho não deixou de ler, estudar e meditar a Bíblia. Conhece-a por completo, cita-a continuamente, repara nas diferenças dos textos, e busca a luz e a clareza para sua pregação. Dá muita importância a formação bíblica, com a preparação

⁴⁷⁸ Agostinho, *En. Ps.* 126, 3 CCL 40, 1858.

⁴⁷⁹ Agostinho, *Ep.* 126, 9 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 32-34; *Sermão* 355, 1 (NBA, 34, Roma: Città Nuova, 1989) 244.

⁴⁸⁰ Agostinho, *Ep.* 228, 8-13 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 698-704.

⁴⁸¹ Agostinho, *Ep.* 208 (NBA, 23, Roma: Città Nuova, 1974) 484-490; *Sermão* 137, 5 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

⁴⁸² Agostinho, *Sermão* 339, 4 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 978.

⁴⁸³ Agostinho, *Sermão* 128, 6-7 (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 140-144; *Sermão* 46, 24 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 832.

necessária para entender as figuras, locuções, sentidos, textos, visões, inclusão literária, história profana e pagã⁴⁸⁴. O doutor da Graça vê a utilidade das várias outras ciências e o conhecimento da cultura geral, pois estes, serão úteis para defender e anunciar a verdadeira fé do Evangelho. É dizer que os pastores não podem estar menos informados e instruídos do que os seus fiéis.

Ensinar é verdadeiramente apascentar o rebanho, mas isto deve ser feito com base na palavra de Deus: «Com efeito, se dissermos coisas da nossa cabeça, seremos pastores que nos apascentamos a nós próprios e não às ovelhas. Mas se as coisas que dizemos forem do Senhor, é Ele que vos apascenta por meio de quem quer que seja»⁴⁸⁵.

O pastor deve ensinar por amor e não por interesse, mas em prol da verdade que salva. O caminho seguro seguido pelo magistério é sempre a verdade. A vitória é sempre da verdade⁴⁸⁶ e o bispo é o mensageiro da verdade. A verdade que é Cristo. Da qual a Sagrada Escritura nos dá a conhecer.

a) - Dispensador da palavra de Deus

Toda vida pastoral de Agostinho esteve ligada ao anúncio da palavra. Sendo bispo, pregou e ensinou dentro e fora de Hipona, sobretudo em Cartago, onde se encontrava com seu amigo Aurélio. Agostinho ensinou como se deve comunicar a Palavra de Deus aos fiéis⁴⁸⁷. Para se fazer compreender, repetia muitas vezes as ideias e as fórmulas, recorrendo a exemplos de imagens familiares⁴⁸⁸.

Fazia isso com grande amor, imitando Cristo e os apóstolos, porque o amor corrige tudo, suporta tudo, acerca de todos⁴⁸⁹.

✓ *Quantas leituras bíblicas são mencionadas e comentadas nos sermões*

Os sermões publicado por «Mourini» inclui um total de 173, sendo que 50 são do Antigo Testamento e 123 do Novo Testamento. Ainda encontramos os comentários contínua que ele faz dos Salmos. Qualquer assunto que o nosso pastor pretendia abordar,

⁴⁸⁴ Agostinho, .*Ep.* 149 (NBA, 22, Roma: Città Nuova, 1971) 456-494; *Ep.* 101, 2 (NBA, 21/2, Roma: Città Nuova, 1969) 942; *Doc. Chr* 2, 16, 23, CSEL 80, 50; *Conf.* 1, 16 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 29; 9, 2 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 257.

⁴⁸⁵ Agostinho, *Sermão* 46, 2 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 796.

⁴⁸⁶ Agostinho, *Sermão* 14 (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 242-252; 49, 926-940.

⁴⁸⁷ Agostinho, *Doc. Chr.* 4, 16, 33, CSEL 80, 141-143; *Sermão* 178 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 897-910; 302, 17 (NBA, 33, Roma: Città Nuova, 1986) 506; 56, 11, 15 (NBA, 30/1, Roma: Città Nuova, 1983) 158; 20, (NBA, 29, Roma: Città Nuova, 1979) 267-378; *Jo.ev.tr.* 47, CCL 36, 403-413.

⁴⁸⁸ Agostinho, *Doc. Chr.* 4, 24, 55, CSEL 80, 162

⁴⁸⁹ Possídio, *A vida de Santo Agostinho*, 7, PL 32, 38-39.

este era fundamentado a partir da Bíblia. Os sermões aconteceram quase sempre no contexto litúrgico, na celebração da eucaristia. Partindo as suas reflexões normalmente a partir de três leituras: Antigo Testamento, Epístolas, e Evangelho⁴⁹⁰.

As leituras a serem proclamadas na celebração litúrgica durante o ano, segundo Agostinho, eram escolhidas sob dois critérios: os tempos litúrgicos fortes e as festas dos Santos.

A pregação de Agostinho era proferida depois da escuta das leituras bíblicas, sendo um elemento essencial da celebração litúrgica. O nosso pregador não se sente obrigado a explicar todas leituras lidas. Em alguns sermões o santo de Hipona diz o número das leituras. Na sua pregação as vezes refere apenas a uma leitura e em outros casos não. Nos dois longuíssimos sermões 45 e 46 faz o comentário contínuo do capítulo 34 de Ezequiel. No sermão 112 diz que depois de ter escutado as três leituras, fez apenas a reflexão do Evangelho.

Para o nosso santo a Bíblia é um dom de Deus. Na escritura, por exemplo na primeira carta de João, é Jesus que ensina. O evangelho e todas as parábolas é um dom, porque penetra no profundo do homem.

Na bíblia encontramos o Senhor que fala com toda clareza, de modo que não é preciso a explicação, mas só aqueles que estão dispostos a colocar em prática os seus ensinamentos. Mas nem sempre é fácil assim, a bíblia muitas vezes não é fácil de compreender, por isso é necessário a ajuda de Deus e o empenho do homem.

Para que o pregador possa compreender e anunciar a palavra de Deus, é necessário que seja um ouvinte interior (intus auditor)⁴⁹¹. Que tenha disposição de índole moral, religiosa, conhecedor da bíblia, homem de fé, homem da caridade, aceitar a unidade entre o Antigo e No Testamento e que compreende o sentido das alegorias.

A Bíblia como um livro inspirado, em si, quer transmitir um conteúdo teológico, a partir dela Deus quer falar em todo tempo e a todos os homens, o que quer dizer que é uma palavra atualizada⁴⁹². Estes critérios serão úteis na medida que compreendemos o significado e a mensagem que Deus quer transmitir-nos através dos seus textos Sagrados. Apresentando aos cristãos o caminho da verdade.

⁴⁹⁰ G. C. Willis, *St. Aug.'s Lectionary*, in *Alc. Collect.* 44 (1946) 1.

⁴⁹¹ Agostinho, *Sermão 179*, 1 (NBA, 31/2, Roma: Città Nuova, 1990) 193.

⁴⁹² Sant' Agostino, *Discorsi* (1-50). Traduzione P. Bellini, F. Cruciani e V. Tarulli, vol. 29. Roma: CNE, 1979. Introdução de Card. Michele Pellegrino, XXVIII-XL.

b) - Mestre e discípulo

O sacerdote é «um homem que administra o sacramento e a Palavra de Deus»⁴⁹³. Conseqüentemente, o seu ministério pastoral desenvolveu-se especialmente no serviço da Palavra, pela pregação, catequese e escritos. Tem a consciência de que o pregador é apenas um mero instrumento de Deus, aquele que empresta a sua voz: «Somos servidores da palavra, não da nossa, senão de Deus nosso Senhor»⁴⁹⁴. O bispo é servidor do seu povo pelo ministério da palavra da Verdade que procede do amor e visa suscitar o amor nos seus ouvintes. As palavras do nosso pastor procedem do Verbo, da Verdade e do amor em sintonia com a humildade e a paz⁴⁹⁵.

A vastidão do seu legado escrito, com destaque para os escritos parenéticos, faz de Agostinho um dos prelados mais prolíficos de toda história da Igreja⁴⁹⁶. Mestre enquanto ajuda, ensina e capacita os seus fiéis a compreenderem a mensagem de Deus e a levar à conversão o discípulo, enquanto ouvinte da palavra. Pois, o pão (Palavra) do qual alimenta os seus fiéis e o pão do qual alimenta-se ao preparar a sua pregação, na vivência da mesma. Mestre porque orienta as ovelhas alimentando-as com a Palavra, discípulo porque alimenta também da Palavra.

3.4 – Posteridade de um modelo

É conhecido o ditado popular: “sermão sem Agostinho nem panela sem toucinho”. Este adágio do povo, talvez um pouco desatualizado, tanto no que diz respeito à panela como ao sermão de hoje, regista uma verdade inquestionável: o legado vivo de Agostinho ao longo dos séculos.

Ao longo dos séculos o nosso pastor foi tido como um modelo, pelos escritos que deixou, pelo exemplo de pastor, e pelos estudos que se fizeram das suas obras, pelos que se inspiraram no seu pensamento e ação. De todos os padres Latinos, Agostinho foi o mais notável como escritor e orador e dos mais influentes como pregador e pastor de almas. As suas obras, devido à sua autoridade doutrinal, tiveram um sucesso imediato e quase ininterrupto desde o tempo antigo⁴⁹⁷.

⁴⁹³ Agostinho, *Ep.* 21, 3 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 102.

⁴⁹⁴ Agostinho, *Sermão* 114, 1 (NBA, 30/2, Roma: Città Nuova, 1983) 458.

⁴⁹⁵ Karlic, Estanislao E., «San Agustín, Obispo y Pastor» 36.

⁴⁹⁶ Karlic, Estanislao E., 37.

⁴⁹⁷ François Dolbeau, «Augustin et la prédication en Afrique», *Collection des Études Augustiniennes Série Antiquité* 179, (2005): 569.

3.4.1 A sobrevivência das obras de Agostinho

A taxa de preservação das obras de Agostinho é um caso raro. Possuímos praticamente toda a sua produção escrita.

Primeiramente, pelo facto de as obras serem transferidas rapidamente para Itália, aquando da invasão dos Vândalos. Ainda assim, desapareceram algumas obras que ele tinha guardado nas suas caixas, cuja redação interrompeu durante a sua vida ou que ficaram inacabadas na altura da sua morte. Após a transferência da coleção de Hipona para Itália, foi necessário um trabalho árduo de gerações de copistas e bibliotecários, que permitiram que as obras do nosso autor se escapassem ao esquecimento da literatura antiga⁴⁹⁸.

Segundo, porque o pastor das almas e o seu biógrafo Possídio, ao publicar as *Retractationes*⁴⁹⁹ e o *Indiculum*⁵⁰⁰, respetivamente, tinham lançado as bases para sobrevivência quase integral da sua obra. Estas duas “bibliografias” favoreceram a circulação e a sobrevivência das obras de Agostinho.

Indiculum é uma bibliografia das obras de Agostinho, que Possídio publicou como apêndice à sua obra *Vita Augustini*. André Wilmart não duvida de que esta obra é da autoria de Possídio, que terá compilado à pressa, segundo o catálogo mencionado por Agostinho em 427, durante o cerco de Hipona pelos Vândalos. A pressa fez com que eliminasse a circunstância em que foi escrita: data, local e destinatário. Mas manteve a tripartição fundamental: *libri, epistulae e tractatus*. Já o Pe. Glorie questiona o papel de Possídio e indica *indiculum* como uma obra elaborado por e para o pastor das almas, afirmando o papel de Possídio foi simplesmente de copiar e anexar à sua obra da vida do seu amigo falecido⁵⁰¹.

Primeiro ponto a salientar, é que o *indiculum*, tal como o conhecemos, não é um texto separado, mas faz parte integrante da obra *Vita Augustini*. Estipula-se que a sua primeira redação começou por volta do ano 420, mais ou menos, e mantido atualizado até

⁴⁹⁸ Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 476-477.

⁴⁹⁹ Agostinho planeou escrever esta obra por volta do ano 412 (ep. 143.2) e a terminou nos anos 427 (ep. 224). Com esta obra o pastor das almas pretendia realçar os conteúdos importantes dos seus escritos até o momento também começou a corrigir aquilo que considerava impróprio. Allan Fitzgerald, «Retractaciones» em *Diccionario de San Agustín, a Través del Tiempo*, ed. Allan D. Fitzgerald (Burgos: Monte Carmelo, 2006), 1142-1143.

⁵⁰⁰ *Indiculum* é um documento cuja data e destinatário permanecem controversos.

⁵⁰¹ Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 478-479.

430, pelo facto do último salmo a ser comentado por Agostinho, situar-se numa data depois dos anos 420 mais ou menos⁵⁰².

Indiculum é, portanto, um documento evolutivo, pois sofreu alterações ao longo dos anos pelos editores e estudiosos com cortes, acrescentos e mudanças de grupos a que pertenciam os livros. Contudo, François Dolbeau lembra-nos que persistem diferentes opiniões na sua concessão. O mesmo, apresenta em algumas alinhas⁵⁰³ os resultados até agora alcançados.

- a) O *indiculum* no seu núcleo primitivo, procede de uma recolha que um secretário de Agostinho realizou entre os manuscritos de Hipona, por volta do ano 420, numa altura ainda que o *De adulterinis coniugiis* ainda não tinha um título definitivo e o segundo livro *De nuptiis et concupiscentia* não existia ainda.
- b) Agostinho tinha solicitado esta obra (inventário) tendo em vista um projeto de longo prazo, onde pudesse realizar a revisão das suas obras, das quais apenas a primeira parte, *Retractationes*, foi concluída por volta do ano 426-427.
- c) *Indiculum* foi atualizado até à escrita dos *Retractationes*, a partir daí menos atualizado, uma vez que as obras de 426-430 são inseridas em locais que não seguiam o plano original. Na mesma altura e de forma semelhante, uma cópia dos *Retractationes*, foi enriquecida com uma lista dos livros compostos por Agostinho entre 427 e a data da sua morte.
- d) O inventário das obras de Agostinho, tal como o conhecemos, depende da cópia do *indiculum* que Possídio anexou à sua obra *Vita Augustini*. Quaisquer intervenções desta última (cortes, edições e retoques) não são identificáveis com precisão.
- e) Para este documento anónimo, seria sensato não atribuir a autoria nem a Agostinho nem a Possídio. Pois a sua intenção principal é ser um inventário de biblioteca.

3.4.2 - Breda leitor dos *Sermões* de Agostinho

Meditar a Palavra de Deus com a ajuda de comentários autorizados é a atividade central de toda a vida monástica. Breda o Venerável, pondo em ação os seus talentos,

⁵⁰² Dolbeau, François, 483.

⁵⁰³ Dolbeau, François, 485-487.

dedicou-se especialmente a resumir e atualizar o ensinamento bíblico dos Padres da Igreja. A sua exegese, portanto, tinha uma função pedagógica e não procurava inovar⁵⁰⁴.

A sua intenção era, como aconteceu no Concílio Vaticano II, regressar às fontes para nelas encontrar as melhores águas da sabedoria e tradição cristãs. Beda, assumindo o papel de atualizador ou então seguindo o raciocínio do pastor Hiponense, “servidor da palavra”, recorre enumera vezes aos sermões *ad populum* de Agostinho. Para este trabalho de atualizador da palavra, Beda tinha, provavelmente, à sua disposição duas coleções antigas, conhecidas por coleção de Mayence-Lorch⁵⁰⁵ e Mayence-Grande-Chartreuse⁵⁰⁶ respetivamente. Além destas duas coleções teve acesso a uma outra, hoje associada ao nome de Wolfenbittel.

Agostinho aos olhos do Venerável Inglês é uma autoridade versátil, que é invocada tanto na gramática como na história do cristianismo, tratando de todos os temas teológicos.

3.4.3 - Dois *Sermonários* preservados em Lorsch

Dando um salto até o século IX, encontraremos o inventário carolíngio da biblioteca de Lorsch, que foi transcrito em três exemplares aproximadamente entre 830-860. Bibliograficamente é um dos principais monumentos do início da Idade Média. Lorsch, na época, foi o único a recolher os tratados de Agostinho⁵⁰⁷. Pertencendo a uma série, provavelmente heterogénea, de sete volumes. Destes, quatro⁵⁰⁸ não levantam qualquer problema particular⁵⁰⁹.

3.4.4 - O trabalho sobre os manuscritos agostinianos de Sant-Remi de Reims

⁵⁰⁴ Dolbeau, François, 495.

⁵⁰⁵ Alguns sermões de Agostinho que encontramos nesta coleção: Sermão 198, 341, 350 e 362. Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 508.

⁵⁰⁶ Sermões de Agostinho na coleção Mayence-Grande-Chartreuse: Sermão: 7, 28A, 101, 130A, 150, 160, 162C, 177, 283, 299, 302 35A, 354^a. Fd 507-508.

⁵⁰⁷ Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 524-525.

⁵⁰⁸ 1- A mais antiga testemunha preservada do *De bono Coniugali*; 2 - *A Homelie quinquaginta*, compilada e editada por Cesaire Aries; 3 - *O De quattuor uirtutibus caritatis*, uma grande parte apócrifo; 4 - Uma coleção menos difundida, o sermão africano conhecido como Pseudo-Fulgence, dos quais os únicos outros representantes são um manuscrito de Saint-Mihiel, descoberto por Dorn Morin e a edição príncipes de Theophile Ray-naud (Lyon 1633).

⁵⁰⁹ Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 524-533.

Uma carta impressa, em 17 de outubro de 1670 e assinada por Bernard Audebert superior geral dos Mauristas, dirigida à todos os superiores dos mosteiros, pedia que elaborassem um catálogo com uma introdução e uma explicação dos manuscritos de Agostinho, que possuíam nas bibliotecas. Depois que as mostrassem às bibliotecas vizinhas, para que todos pudessem ter o conhecimento das obras de Agostinho.

O pedido da carta foi atendido com bons frutos, assim foi lançada de Paris a primeira edição das obras completas de Agostinho, em 1700, o maior empreendimento filológico do século XVII, que estava destinado a continuar.

A carta de Outubro de 1670 fez parte de uma caminhada que se tinha iniciado anos antes, desde de 1635. Destacando os nomes principais de vários Mauricianos⁵¹⁰. A transferência dos manuscritos de Corbie para Saint-Germain por parte de Luc d'Achery. Fez-se uma grande descoberta por parte de Le Michel, uma epístola desconhecida atribuída a São Barnabé. Daí surgiu uma ideia oportuníssima: se um dos mosteiros da Congregação possuísse tal tesouro, poder-se-ia esperar fazer descobertas comparáveis em outras bibliotecas, a partir dos inventários. É nesta esperança, que se começou a trabalhar para encontrar algo sobre Agostinho. Isto implicou custos, preparação e trabalho. Custos financeiros, para formar pessoas que pudessem dedicar a esta causa, correspondências, envio dos trabalhos para Paris, com a finalidade de preparar uma publicação⁵¹¹.

3.4.5 - Agostinho em Portugal

Pinharanda Gomes fez o levantamento bibliográfico mais completo sobre a presença de “Santo Agostinho na cultura portuguesa”⁵¹² Infelizmente, continuamos sem publicação em português da maior parte da obra do Hiponense. Até há poucos anos, pelo que nos é dado saber, apenas os *Sermões para a Páscoa* e estavam editados na nossa língua⁵¹³. Recentemente, Isidro Pereira Lamelas tem liderado um projeto de publicação dos *Sermões ao Povo*. Para já estão traduzidos e editados os sermões 1-116⁵¹⁴. Esperemos que este projeto chegue a bom termo.

⁵¹⁰ Gregoire Tarrisse, o primeiro Superior geral, Hugues Menard, o melhor estudioso da congregação, Anselme Le Michel, que foi o seu inconveniente colaborador e finalmente Luc d'Achery, nomeado em 1639 como bibliotecário de Saint-Germain-des-Prés. Desempenhou um papel capital ao transferir em 1638 os manuscritos de Corbie para Saint-Germain.

⁵¹¹ Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique» 535-555.

⁵¹² Gomes, Pinharanda, *Santo Agostinho na cultura portuguesa. Contributo bibliográfico*, Lisboa: Fundação Lusíada, 2000.

⁵¹³ Agostinho, *Sermões para a Páscoa* (trad. De P. António Fazenda, Lisboa: Verbo 1974).

⁵¹⁴ Nas Edições Alcalá.

3.4.6 - Agostinho nos nossos dias

Nos finais do século XIX, houve a renovação patrística. Com a preocupação de compreender o pensamento dos padres da Igreja e também de transmitir aos outros, daí a tradução dos escritos para as línguas vernáculas. Graças a essa renovação, voltou-se às raízes da nossa fé. Começando com Newman⁵¹⁵, Henri De Lubac, Rahner, Chenu, Congar também podemos acrescentar alguns amigos dos padres da Igreja onde alimentaram e aprofundaram os seus pensamentos como Karl Rahner e de Hans Urs von Balthasar⁵¹⁶.

Hoje, Agostinho continua a falar através dos seus escritos. O papa Bento XVI⁵¹⁷ afirma que ao ler os seus escritos, não se tem a impressão, de que se trata de um homem morto, há mais de mil seiscentos anos, mas sente-se como um homem de hoje, pois é o mesmo Cristo, a mesma fé que anunciou e que nós continuamos a acreditar e a anunciar:

«Um amigo, um contemporâneo que me fala, que nos fala com sua fé vigorosa e atual. Em Santo Agostinho que nos fala, nos seus escritos, vemos a atualidade permanente da sua fé; da fé que vem de Cristo, Verbo Eterno Encarnado, Filho de Deus e filho do homem. E podemos ver que esta fé não é de ontem, mesmo tendo sido pregada ontem; é sempre de hoje, porque Cristo é realmente ontem, hoje e para sempre. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. Assim nos encoraja Santo Agostinho a confiar-nos a este Cristo, sempre vivo e a encontrar assim, o caminho da vida»⁵¹⁸.

⁵¹⁵ Langa, P., «John Henry Newman o el “Augustinus redivivus”»: *Religión y Cultura* n. 25 (1979): 529-566.

⁵¹⁶ Congreso Agustiniiano de Teología, Buenos Aires, 26-28 Agosto 2004 - San Agustín um Hombre para Hoy - Pedro Langa Aguilar, «San Agustín en el Concilio Vaticano II», 233.

⁵¹⁷ O Cardeal Ratzinger (Papa Bento XVI), enquanto Prefeito para a Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, falou da influência do antístite hiponense na sua formação teológica, destacando: «em Santo Agostinho o homem apaixonado, que sofre, que interroga, está sempre presente, e cada pessoa pode identificar-se com ele»: (Joseph Ratzinger, *O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*, (Rio de Janeiro: Sal Terra, 2005), 50). Além do seu vigor intelectual, teológico, filosófico, chama-nos atenção pelo seu testemunho humano, no seu processo de conversão e da caminhada espiritual. Bento XVI, considera-se um «papa agostiniano», no seu brasão há uma alusão a Agostinho na imagem da concha, referente a fábula do séc XIII, ao diálogo entre o menino e Agostinho, sobre o mistério da Santíssima Trindade. Luiz Antônio Pinheiro, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral», em *Horizonte* Vol. 7, n.13 (2008): 118-119.

⁵¹⁸ Bento XVI, *Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, 191.

Agostinho é o Padre da Igreja mais conhecido do ocidente e mais lido, tanto nos nossos dias como ao longo da história, tanto entre os protestantes como entre os católicos; tanto teólogo como padre espiritual, tanto entre os filósofos como entre pregadores. Muitos conhecem-no só de ouvido, quem foi e o que pensou; poucos já leram uma das suas obras, ou autores que escreveram sobre ele⁵¹⁹. Hoje nos é permitido fazer esta ponte, entre a nossa era e Agostinho, por intermédio dos seus escritos. As obras de Agostinho dão uma visão longa da sua prática pastoral. É a partir das suas cartas e sermões, que o conhecemos melhor como pastor⁵²⁰. Como bispo de Hipona, «homem de paixão e de fé, de grande inteligência e incansável solicitude pastoral»⁵²¹, desempenhava as seguintes tarefas pastorais: «pregava várias vezes por semana aos seus fiéis, apoiava os pobres e os órfãos, cuidava da formação do clero e da organização de mosteiros femininos e masculinos»⁵²².

A atualidade de Agostinho é documentada em muitas obras da autoria de insígnis investigadores⁵²³. Recentemente foi declarado «Patrono da África» e como um grande pensador africano de alcance universal.

Agostinho pode funcionar como uma ponte no diálogo entre as culturas, as religiões e as tendências do mundo moderno⁵²⁴.

João Paulo II afirma que ainda hoje, o nosso Santo continua a tocar os corações dos homens. A sua doutrina filosófica, teológica, espiritual muito estudada e difundida, dá continuidade ao seu magistério na Igreja, um magistério humilde e ao mesmo tempo

⁵¹⁹ Allan D. Fitzgerald, «El estudio de Agustín hoy», em *Revista Agustiniiana* Vol. XLII n. 129 (2001): 1181.

⁵²⁰ Luiz Antônio Pinheiro, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral», 121.

⁵²¹ Bento XVI, *Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, 181.

⁵²² Bento XVI, *Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*, 186.

⁵²³ G. Iammarrone, *Attualità e inattualità di s. Agostino*, Firenze 1975; AA. VV., *S. Agostino e le grandi correnti della filosofia contemporanea*, Tolentino 1956; AA. VV., *Agostino nella filosofia del novecento*, 4 voll., Città Nuova editrice, Roma 2000-2003; R. Ciucci, *Sant'Agostino oggi*, Firenze 1939; A. Di Giovanni, *Verità, Parola, immortalità in s. Agostino*, Palermo 1979; J. Guitton, *Attualità di s. Agostino* (trad. di M.L. Guicciardi), Roma 1956; G. Iammarrone, *Attualità e inattualità di S. Agostino*, Firenze 1975; A. Mitterer, *Die Entwicklungslehre Augustins im Vergleich mit dem Weltbild des hl. Thomas von Aquin und der Gegenwart*, Wien-Freiburg 1956; F.J. Rintelen, *La finitud en el pensamiento actual y la infinitud agustiniana*, Madrid 1959; A. Trapè, "Verso la riabilitazione del pelagianesimo?", *Augustinianum* 3 (1963), 482-516.

⁵²⁴ Pinheiro, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral», 116.

luminoso⁵²⁵. Por isso, o papa apresenta-o à sociedade moderna como um modelo dos pastores de alma:

«Ideal estupendo e entusiasmante, porque o conhecimento exato e afetuoso do seu pensamento e da sua vida, suscita a sede de Deus, o fascínio de Jesus Cristo, o amor à sabedoria e à verdade⁵²⁶, a necessidade da graça, da oração, da virtude, da caridade fraterna, o desejo da eternidade feliz»⁵²⁷.

O seu pensamento e espiritualidade sobreviveram na cultura ocidental como uma das contribuições mais vigorosas do cristianismo; na sua experiência de vida, seu legado espiritual, como filósofo e teólogo, procuram dar respostas às grandes questões do homem. Sua teologia foi construída a partir da sua experiência pastoral, ao longo dos quarenta anos do seu episcopado.

3.4.6.1 - Porque Agostinho continua a interessar hoje aos nossos contemporâneos

O Hiponense viveu num mundo que apresentava algumas semelhanças com o nosso do século XXI. O império romano no seu tempo era seguro e bem organizado, com as suas rotas marinhas e terrestres, que facilitava o intercâmbio entre as culturas. As cidades portuárias, de certa forma, facilitavam a comunicação com o resto do mundo.

O pastor das almas, assistiu, por outro lado, ao desmoronamento deste mundo seguro e estável que se julgava “eterno” à volta do mar mediterrâneo instalado. As invasões dos povos ditos “bárbaros” vieram deitar por terra a ordem política e sociocultural que vigorava há séculos.

Para percebermos a atualidade da resposta de Agostinho a esta situação, bastaria lermos os Sermões *De excidio Verbis* e outros sermões sobre a queda de Roma, recentemente publicados por Carlota Miranda⁵²⁸.

⁵²⁵ Cf. João Paulo II, *Discurso aos professores e alunos do Instituto Patrístico «Augustinianum»*, (8 de Maio de 1982): AAS 74 (1982), 800.

⁵²⁶ «parece-me que se deve reconduzir os homens à esperança de encontrar a verdade» (Agostinho, *Ep. Ep.* 1. 1 (NBA, 21/1, Roma: Città Nuova, 1969) 2). A verdade que é o próprio Cristo, Deus Verdadeiro, ao qual dirigiu uma das orações mais bonitas e famosas das confissões («Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde vos amei! Estáveis dentro de mim e eu estava fora, aí Vos procurava (...)). Confissões 10, 27 (NBA, 1, Roma: Città Nuova, 2000) 333).

⁵²⁷ João Paulo II, *Discurso ao Capítulo Geral da Ordem de Santo Agostinho*, durante a Audiência de 25-28 de Agosto de 1983.

⁵²⁸ Carlota Miranda Urbano, *"De excidio Verbis" e outros sermões sobre a queda de Roma*, Universidade de Coimbra, 2013.

Perante as convulsões do mundo do seu tempo, o Pastor de Hipona não se deixa levar pelo pessimismo catastrofista da maioria dos seus contemporâneos, mas aponta linhas de rumo e de comportamento baseados no Evangelho e na esperança cristã. Diante do desmoronamento de um “império” construído pelos humanos, Agostinho aponta para aquilo que permanece: os homens e os seus sonhos, a comunidade e os seus valores, o sentido da justiça, nossa consciência do mal, nosso medo perante a morte e nosso desejo da verdade e da salvação⁵²⁹.

3.4.6.2 - Atualidade dos Sermões e da pregação de Agostinho

A figura do pastor de Hipona é importante e merecedora da atenção nos nossos dias. Na verdade, a sua voz continua a marcar as gerações atuais. Não obstante o tempo, as preocupações do homem permanecem as mesmas. Através dos seus sermões ou pregações, como uma das tarefas quotidianas enquanto pastor, Agostinho procurava dar respostas as preocupações dos seus fiéis.

Como o fez em certa ocasião em Cartago, junto à sepultura de Cipriano, onde proibiu energeticamente toda a ida ao teatro:

«Porque não olhais antes para Cipriano e o imitais? Irritai-vos agora quanto quiserdes, maldizei-me e dizei: Imita-o tu, [...] Mas tenho-vos em consideração e apenas digo que escolhais comigo outro espetáculo. Porque quem ides ver é gente desonesta; serão honestos os espectadores? [...] Atrever-me-ei a proibir-vos o teatro? Sim, atrevo-me realmente»⁵³⁰.

Nas suas pregações insistia constantemente na mudança concreta de vida. «A pregação, nos seus vários tons, da advertência ao estímulo, da catequese à elevação espiritual»⁵³¹. Através da pregação respondia diariamente a variadíssimas necessidades e incumbências, também considerava que a instrução religiosa dos fiéis é uma obrigação básica e insubstituível enquanto pastor. Pregando diariamente, dando continuidade ao apelo de Paulo (2Tm 5, 2), “oportuna e inoportunamente”, ano após ano, década após década. A sua pregação partia sempre da Sagrada Escritura⁵³².

⁵²⁹ Fitzgerald, «El estudio de Agustín hoy», 1185.

⁵³⁰ Agostinho, Sermão 313/A, 3 (NBA, 333, Roma: Città Nuova, 1986) 671.

⁵³¹ Atas do Congresso, Leiria-Fátima, 11-13 de Novembro 2004 – Santo Agostinho, O homem, Deus e a Cidade – Manuel Clemente, «Santo Agostinho, Pastor», 437.

⁵³² «Como pregava Agostinho? A resposta é rápida: bíblicamente. Agostinho pregava no fio das leituras bíblicas que ocorriam na liturgia ou das que ele próprio escolhia. A sua pregação partia da Bíblia, versava sobre a Bíblia e acompanhava-se com a Bíblia. [...] Agostinho não considera necessário demonstrar que este [o sentido místico e alegórico] é o mais importante [para a compreensão da Sagrada Escritura]. Todos estavam então persuadidos da superioridade do sentido espiritual e literal» Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, 519.

Manuel Clemente ao apresentar Agostinho enquanto pastor, no Congresso da Diocese de Leiria-Fátima no ano 2004, disse aquilo que ele fez enquanto pregador. Pois podemos ver que o seu *munus* de pastor esta intimamente ligado ao *munus* de pregador.

O mesmo se diz de Isidro Lamelas ao publicar o seu livro “A Alegria da Palavra”, através desta obra oferece-nos um estudo sobre a sua arte de saborear e comunicar a Palavra que não é sua, e preparou para os leitores uma antologia dos Sermões ao povo, de temáticas sociais pela sua atualidade e não por serem mais conhecidas. Dois motivos da atualidade: o sacerdote de hoje continua a ser cada vez mais um homem da palavra e as questões sociais estão longe de serem resolvidas. Por isso, que ainda hoje lemos e escutamos Agostinho com prazer e proveito⁵³³. Prazer porque capta a nossa atenção pela beleza do texto e pela novidade que trás não obstante tendo muitos séculos de história e proveito porque ainda nos faz o convite à conversão ou um voltar para Cristo no nosso agir.

Paulo VI reconhece Agostinho como um dos pilares da construção da nossa fé, o papa exorta os pastores a seguirem o seu exemplo: «como Pastores, sentirão a necessidade de adaptar a mensagem evangélica à mentalidade do seu tempo e de nutrir com o alimento da verdade da fé, a si mesmo e o povo de Deus»⁵³⁴. O seu zelo pastoral no anúncio da boa nova, é hoje para nós, um modelo a seguir. Pois o pregador é o eterno atualizador da Palavra de Deus e um comunicador das vontades divinas.

3.4.6.3 - Que pode dizer o estudo de Agostinho hoje

Cada ano aparecem entre 300 e 500 publicações sobre Agostinho⁵³⁵. A nível académico é o autor sobre o qual mais se escreve, entre teses de doutoramento, teses de mestrado, monografias, livros e artigos⁵³⁶. *A Cidade de Deus* e *As Confissões* continuam no centro da atenção dos estudiosos⁵³⁷; também a obra *A Doutrina Cristã* tem vindo ganhar atenção no ambiente académico, pelos contributos que oferece no campo da hermenêutica bíblica dos métodos exegéticos.

⁵³³ Lamelas, Isidro, *A Alegria da Palavra*, 2012.

⁵³⁴ Paulo VI, Alocução *I Nostris passis*, na inauguração do I. P. “Agustinianum” (04.05.1970): AAS 62 (1970), 425.

⁵³⁵ H. Drobner, *Studying Augustine: an overview of recent research*, (London: Routledge, 2000), 19.

⁵³⁶ Pinheiro, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspetiva teológico-pastoral», 116.

⁵³⁷ É o livro com maior tiragem editorial depois da bíblia, não se encontra entre os *best-sellers*, mas já é considerado uma obra *hors cours*. Pinheiro, Luiz Antônio, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspetiva telógico-pastoral», 115-116.

Allan Fitzgerald argumenta que o teor parenético dos sermões Agostinianos tem merecido atenção dos especialistas e dos cristãos. Pois, é difícil encontrar traduções nas línguas vernáculas⁵³⁸. Hoje os estudos têm reconhecido a importância dos seus sermões para uma mais equilibrada compreensão da sua teologia. São obras de pendor pastoral, exemplo disto: é o sermão 52 que resume em grande parte o que *De Trinitate* postula acerca da Santíssima Trindade. O tom pastoral do sermão 52 torna mais acessível a compreensão do mistério da trindade⁵³⁹.

Em nossos dias, os estudos agostinianos estão cada vez mais acessíveis. São prova disto os inúmeros dicionários⁵⁴⁰, enciclopédias⁵⁴¹, revistas, livros e artigos a ele dedicados. Graças aos novos recursos tecnológicos e digitais, muitas páginas da web, dedicam sobre os seus escritos e a sua influência.

⁵³⁸ Ressaltamos o enorme esforço feito pela Città Nuova e a BAC na tradução dos autores Cristãos, mormente Santo Agostinho cuja obra se encontra toda ela traduzida no Espanhol e no Italiano.

⁵³⁹ Fitzgerald, «El estudio de Agustín hoy», 1183.

⁵⁴⁰ C. MAYER, *Augustinus –Lexikon....*

⁵⁴¹ *Agustín a través de los tiempos.*

Conclusão

Em jeito de conclusão do nosso trabalho, podemos referir que Agostinho continua atual, também no que se refere à sua ação e pregação pastoral. Mais conhecido e estudado pela sua especulação filosófica e teológica, merece igualmente a nossa atenção como pastor de almas e modelo comunicador da fé.

Nesta linha, urge apresentar aos pastores atuais, um pastor que amou e deu-se inteiramente ao seu povo, como zeloso servidor da Palavra. Trabalhando incansavelmente para bem servir o seu povo, nunca fugiu ao cargo e à “carga” do múnus que nunca ambicionou.

Num tempo em que os pastores se vêem sobrecarregados com múltiplas comunidades a atender, com pessoas que betem à porta, que chamam pelo telefone, que procuram ajuda de múltipla natureza, o pastor de Hipona continua a inspirar-nos e ensinar-nos muito.

Depois de estas provocações, vamos agora, de uma forma resumida, sublinhar alguns aspetos daquilo que foi o nosso percurso:

No primeiro capítulo encontramos o trajeto da vida de Agostinho, onde deparamos perante um homem apaixonado e transformado com o reencontro do verdadeiro bem. Um percurso motivado pela busca sincera e amor à verdade.

Também ele, no seu tempo, atendia a todos e a todos os tipos de problemas procurando dar respostas, nomeadamente através da audiência episcopal. As vezes trabalhava tanto que lhe faltavam tempo para comer e para a oração.

Um pastor que realizou várias atividades pastorais, com o objetivo de que a mensagem evangélica chegasse à todos. Dia e noite, entregava-se a este labor de anunciar Cristo e a verdadeira doutrina da Igreja. Fazia-o através de cartas, debates, pregações e de pequenas obras da sua vida quotidiana. Combatendo hereges e suas doutrinas, indicando aos fiéis o caminho da Salvação. Nestes trabalhos ia estabelecendo amizades e correspondência com vários amigos do mundo conhecido. Pela função que muitos pastores desempenhavam na altura chegaram a receber o título de: *defensor civitates*, *pater populi*, *pater civitatis*, *pater urbi et pater patriae*. Pois a eles confiava-se a resolução de muitos problemas sociais.

Inspirado no perfil bíblico do pastor “bom”, e especialmente na figura de Jesus, o “Bom Pastor”, procurou imitá-lo: no cuidado fiel do rebanho, no serviço da cura corporal e espiritual, sempre atento aos mais frágeis, no anúncio da Palavra, como alimento comum; na defesa da fé e unidade da Igreja, no atendimento às necessidades mais urgentes dos seus fiéis.

Um serviço que requeria toda a disponibilidade com uma entrega total, sem medir as consequências, até ao ponto de dar a própria vida. O seu modo de conceber o múnus pastoral fundamenta-se sempre em querer o bem do outro: servidor da palavra (João Baptista foi precursor de Jesus, os demais pastores são servidores do banquete da palavra) e dos sacramentos, é médico, agricultor e guarda; É aquele que fala em nome de Cristo: corrigindo, ensinando, censurando, curando, confortando, ajudando e usando de paciência com todos. O pastor é aquele que preside ao povo na caridade, é intermediário da boa nova de Jesus. Agostinho deixa-nos três conselhos para que se possa avançar no caminho da santidade: amar o pastor, ser paciente e tolerar o mercenário e, por último, evitar o ladrão⁵⁴².

O nosso segundo capítulo falámos dos *Sermões* enquanto tais. O sermão, para os padres da Igreja, é um discurso comum, que se distingue de um discurso elaborado e preparado. No século IV, o termo *sermo* referia-se, na linguagem cristã, a algo que é sagrado ou a algo sobrenatural. Um dos seus primeiros significados estava relacionado com o comunicar com sensatez. É um modo importante para o ensino religioso. *Sermo* também se aplica a um discurso destinado a anunciar a palavra de Deus, com o objetivo de edificar os fiéis. Um dos papéis fundantes que ele desempenhou enquanto pastor de Hipona.

Agostinho nos sermões que pregava revela-se um conhecedor do seu público, à sua condição social, psicológica e cultural. Esse conhecimento que possuía permitia que a mensagem divina chegasse mais rapidamente aos seus fiéis e que pudesse tocar também os seus corações. Isto recorda-nos uma das expressões mais conhecida do Papa Francisco, em que convida os pastores a terem o cheiro das ovelhas. Cheirar a ovelha é conhecer o rebanho que lhe é confiado.

O doutor da graça apresenta-nos três objetivos ou pilares de um Sermão: explicar, ensinar e converter. A pregação faz sempre o convite à conversão, que por sua vez a Igreja

⁵⁴² Agostinho, *Sermão* 137, 5, 5, (NBA, 31/1, Roma: Città Nuova, 1990) 286.

propõe caminhos: através da esmola, da oração e da penitência. Pela sua palavra convidamos a conversão, pois Cristo espera até que convertamos e acompanha-nos, pois não nos deixa sós.

O contexto litúrgico, lugar central onde se profere o sermão, a partir das leituras lidas. A pregação sempre acontecia depois da escuta da Palavra de Deus. O pregador como servo da vinha do Senhor, atualiza e explica aquilo que a Palavra de Deus quer transmitir aos seus filhos. Agostinho sempre apresentando como servo de Cristo e da sua Igreja pela qual deu a sua vida.

O segundo capítulo termina com um verdadeiro conselho e exposição de Agostinho enquanto pregador. Dá conhecimento aos pastores o caminho que se deve fazer para se ser um bom pregador a partir da sua obra “A doutrina Cristã”. Faz um convite a todos os que pretendem ser pastor, a lerem esta magnífica obra do mestre no que se refere a arte de comunicar a palavra ou a mensagem divina. Primeiro conselho, ler a bíblia no seu todo, segundo ser um conhecedor da cultura geral que implica dominar as várias outras ciências e o próprio auditório à quem dirige. Sempre tendo presente o objetivo principal que é levar a conversão. A ser um outro Cristo.

O terceiro capítulo, vimos um homem que marcou a geração dos futuros cristãos. Um homem movido pela busca da verdade, encontrou o amor que tanto procurava. Vemos Agostinho na sua ação pastoral mais de perto. Percebendo que tudo o que recebeu é um amor gratuito, da mesma forma é convidado a partilhar com as suas ovelhas. Apresentamos aos pastores de hoje, como um modelo a ser seguido, porque o modelo é o próprio Cristo, como o mesmo sempre apresenta. Nota característica do pastor: homem da caridade, da humildade, da pobreza e da oração. Cumprindo o papel de tranquilizar os inquietos, animar os fracos, cuidar dos enfermos, compreender a todos, vigiar e guardar o rebanho. Sabendo dos encargos a ele confiado enquanto pastor.

A Sagrada Escritura como sendo algo central na sua vida, ele faz o uso dela numa boa parte dos seus afazeres pastorais. Pois ela fazia parte tanto do seu alimento espiritual, como também de alimento para os seus fiéis. Pois o mesmo afirma é do mesmo alimento que alimento que vos alimento.

Os escritos, do doutor da graça ao longo dos séculos, foi lido, copiado, transcrito. Mesmo passando o tempo não foi ao esquecimento, porque as suas obras estão tão atualizados. Pois é o mesmo Cristo que anunciou e que o mundo continua a falar. As

mesmas questões das quais trabalhou e procurou dar respostas é os mesmo que estão a tocar-nos. Lançando um olhar para futuro, ainda faltam-nos matérias que nos permitem conhecer o pensamento do nosso santo. Sentimos a necessidade de apostar nas traduções dos seus sermões para a língua portuguesa, assim iremos ao encontro do convite que Fitzgerald nos faz.

Na forma de chamar atenção e perceber que a minha missão passa por aí, para servir, estar com e ao serviço, daquilo que interessa o rebanho. Deixa-me com uma grande alegria ter escolhido esta linha de dissertação. Perceber que sou chamado a procurar a glória de Cristo. Que eu seja capaz de afirmar tal qual fez Agostinho, a minha glória é este que seja salvo com o meu rebanho, não que o rebanho lhe pertence, mas se sente parte do rebanho salvo por Cristo.

Hoje apesar de termos diversos entidades que procuram dar respostas sociais, vemos que estes ainda não são suficientes. As pessoas continuam sedentos de orientações, de compreensões e de serem ouvidas. Então porque é que muitos dos pastores não se preocupam com os que os rodeiam? Que carecem de algo que lhes tira a verdadeira dignidade humana? Vejamos, Jesus quando realizava milagres, não só fazia o que parecia ser impossível, mas restituía a dignidade a essas pessoas. Se muitos dos pastores são capazes de afirmar não foi ordenado para aquecer tal tipo de problema ou então já te ajudei neste assunto por isso, tens que dar uma resposta positiva, o que muitas vezes não acontece, por conseguinte, acabam por ficar desiludidos e muitas vezes desistir. Mas o caso de Fáscio que foi ajudado e depois fugiu, mesmo assim não são motivos para deixar de ajudar os outros, exemplo do nosso santo. Procurando diariamente responder as inquietações dos fiéis, pela pregação fazendo o convite que Deus faz a cada um de nós e pelas diversas ações pastorais: audiência episcopal, visitas, debates, formação, oração e ações caritativa.

Vejamos, para o exemplo de São Maria Vianey um homem que apesar das suas limitações intelectuais procurou responder as inquietações do seu povo, escutando-os e rezando por eles. Mesmo assim, teve um enorme impacto, porque doou-se para aqueles rebanhos de forma generosa. Por isso, a Igreja propõe como um modelo de todos os párocos, para se doarem com tal tamanha generosidade, que se doou ao seu rebanho, assim como Agostinho.

Este trabalho fez-me descobrir a gradeza e a beleza dos que se entregam à Cristo sem olhar para trás, mas de olhos postos na parusia. Por isso, não me arrependo de ter trilhado este caminho. De uma verdadeira descoberta e de encontro com Agostinho que nos fala através dos seus escritos. Este trabalho procura fazer o mesmo convite que o Evangelho continua a fazer a dois mil anos, em que somos chamados a servir. Cristo serviu na cruz e não a partir de um trono de glória. Se assim é feito a vara verde não é pedido o contrário a vara seca.

Bibliografia

a) Fontes

Santo Agostinho, *Sermões* 51-65/A. Tradução de José António Gonçalves e Isidro Pereira Lamelas, PH: 11. Lisboa: Alcalá, 2009 (PH 11).

Santo Agostinho, *Sermões* 66-85. Tradução de José António Gonçalves e Isidro Pereira Lamelas, PH: 12. Lisboa: Alcalá: 2009 (PH 12).

Santo Agostinho, *Sermões* 85-116. Tradução de José António Gonçalves e Isidro Pereira Lamelas, PH: 13. Lisboa: Alcalá, 2010 (PH 13).

Sant` Agostino, *Discorsi* (1-50). Traduzione P. Bellini, F. Cruciani e V. Tarulli, vol. 29. Roma: CNE, 1979.

Sant` Agostino, *Discorsi* (51-85). Traduzione Luigi Carrozzi, vol. 30/1. Roma: CNE, 1982.

Sant` Agostino, *Discorsi* (86-116). Traduzione Luigi Carrozzi, vol. 30/2. Roma: CNE, 1983.

Sant` Agostino, *Discorsi* (117-150). Traduzione Marcella Recchia, vol. 31/1. Roma: CNE, 1990.

Sant` Agostino, *Discorsi* (151-183). Traduzione Franco Monteverde, vol. 31/2. Roma: CNE, 1990.

Sant` Agostino, *Discorsi* (184-229/V). Traduzione P. Bellini, F. Cruciani e V. Tarulli, vol. 32/1. Roma: CNE, 1984.

Sant` Agostino, *Discorsi* (230-272/B). Traduzione P. Bellini, F. Cruciani e V. Tarulli, vol. 32/2. Roma: CNE, 1984.

Sant` Agostino, *Discorsi* (273-340/A). Traduzione Marcella Recchia, vol. 33. Roma: CNE, 1986.

Sant` Agostino, *Discorsi* (341-400). Traduzione V. Paronetto e A. M. Quartiroli vol. 34. Roma: CNE, 1989.

Sant` Agostino, *Le Lettere* (1-70). Traduzione T. Alimont (1-30) e L. Carrozzi (31-70), vol. 21/1. Roma: CNE, 1969.

Sant` Agostino, *Le Lettere* (71-123). Traduzione Luigi Carrozzi, vol. 21/2. Roma: CNE, 1969.

Sant` Agostino, *Le Lettere* (124-184/A). Traduzione Luigi Carrozzi, vol. 22. Roma: CNE, 1971.

Sant` Agostino, *Le Lettere* (185-270). Traduzione Luigi Carrozzi, vol. 23. Roma: CNE, 1974.

Sant Augustin, *Commentaire de la Première Épître de S. Jean*. Traduction Paul Agaësse, SC: 75. Paris: Cerf, 1994.

Constatin à Théodose II, *Code Théodosien Livre XVI*. Traduction Jean Rougé, SC: 497. Paris: Cerf, 2005.

b) Estudos

Andrés, Jesús Tejedor, «San Agustín y la audiencia episcopalis». *Religión y Cultura* 224 (2003): 129-142.

Bento XVI, *Padres da Igreja, De Clemente Romano a Santo Agostinho*. Braga: Editorial Franciscana, 2008.

Berardino, Angelo, *La edad de oro de la literatura patristica latina, Patrologia III*. Madrid: BAC 422, 1986.

Bochet, Isabelle, *Augustin dans la pensée de Paul Ricoeur*, Paris: Editions des Facultés Jesuites, 2004.

Brown, Peter, *Biografía de Agustín de Hipona*, Madrid: Revista de Occidente, S. A. 1969.

Brown, Raymondo, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy, *Nuevo Comentário Bíblico San Jerónimo Antigo Testamento*, traduzido por José Abadía e José Escobar. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2005.

Brown, Raymondo, Joseph Fitzmyer e Roland Murphy, *Nuevo Comentário Bíblico San Jerónimo Nuevo Testamento*. Estella (Navarra): Verbo Divino, 2004.

Cipriani, N., *La controversia tra Giuliano d'Eclano e S. Agostino nell'Opus imperfectum: due teologie a confronto*, Roma: Institutum, Augustinianum 1992.

Cabral, R., «A liturgia da vida segundo Santo Agostinho». *Didaskalia*, vol. XIX (1989): 61-68.

Cordeiro, José de Leão, *Antologia Litúrgica textos litúrgicos, patristicos e canónicos do primeiro milénio*. Porto: Gráfica Coimbra, 2003.

Corbin, Alain, *História do Cristianismo*, traduzido por António Maia da Rocha. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

Decret, Francois, *L'Afrique manichéenne (IVe-Ve siècles). Étude historique et doctrinale*, Paris: Études Augustiniennes 1978.

Decret, Francois, *L'utilisation des épîtres de Paul chez les manichéens d'Afrique, en Le epistole*, Roma: Instituto Patristico Augustinianum, 1989.

Decret, François e M. Fantar, *L'Afrique du Nord dans l'Antiquité. Des origines au Ve siècle*, Paris: Payot, 1981.

Dolbeau, François «Augustin et la prédication en Afrique», *Collection des Études Augustiniennes Série Antiquité* 179, (2005): 475-595.

Drobner, H., *Studying Augustine: an overview of recent research*. London: Routledge, 2000.

Dufour, Xavier Léon, *Diccionario del Nuevo Testamento*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2002.

Eguiarte B., Enrique A., «Servi vestri sumus (S. 340 A, 3). El pastor de almas como servidor en San Agustín». *Revista Agustiniana* vol. 233, nº 1 (2020): 153-182.

Fitzgerald, Allan D., «El estudio de Agustín hoy». *Revista Agustiniana* Vol. XLII n. 129 (Septiembre-Diciembre 2001): 1181-1191.

Frend, W.H. C., *The Donatist Church and St. Paul, en Le epistole paoline*, Oxford: Clarendon Press, 1985.

Frend, W. H. C., «Donatismo». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino, t. I: 633-640. Salamanca: Sigueme, 1991.

Gaudemet, Jean, *L'Église dans l'empire romain (IVe-Ve siècles)*, Paris: Sirey, 1958.

Gomes, Pinharanda, *Santo Agostinho na cultura portuguesa. Contributo bibliográfico*, Lisboa: Fundação Lusíada, 2000.

González, Ramón Sala, «Significado de Cristo Médico en san Agustín», in *Estudio Agustiniano*, 57, (2022) 111-135.

Gorday, Peter, *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia, Colosenses, 1-2 tesalonicenses, 1-2 Timoteo, Tito, Filemón, Nuevo Testamento 9*. Madrid: Ciudad Nueva, 2002.

Grossi, V., «Pelagio-Pelagianos-Pelagianismo». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino, t. II: 1741-1745. Salamanca: Sigueme, 1992.

Jedin, Hubert, *Manual de Historia de la Iglesia*, vol. 77. Barcelona: Editorial Herder, 1980.

Karlic, Estanislao E., «San Agustín, Obispo y Pastor». Em *Concreso Agustiniano de Teología, 26-28 de Agosto de 2004, San Agustín um Hombre para Hoy*. Cor. José Demetrio Jiménez. t. I: 25-49. Buenos Aires: Relegión y Cultura, 2006.

Kogler, Franz, Kogler, Renate Egger-Wenzel e Michael Ernst, «Pastor». Em *Diccionario de la Biblia*, 604-605. Bilbao: Mensajeiro e Maliaño (Cantabria): Sal Terrae 2012.

Lamelas, Isidro Pereira, *Santo Agostinho, A Alegria da Palavra Gaudeo ubi audio*, Coimbra: Tenacitas, 2012.

Lamelas, Isidro Pereira, «A “invenção” do pecado original segundo Agostinho». *Didaskalia XLII* (2012): 55-134.

Lamelas, Isidro P, *Génese da episkopè e Missão do bispo na Igreja*, in IDEM, *Supplicantes Veram Sapientiam. Homenagem a Dom António Montes Moreira*, Braga: Editorial Franciscana, 2021.

Lancel, Serge, *Saint Augustin*, Paris: Fayard, 1999.

Langa, P., *Introducción General a las Obras Antidonatistas, en Obras Completas de San Agustín. Escritos Antidonatistas I*, Madrid: BAC 498, 1988.

Langa, P., «Dispensador de la palavra y del sacramento», em *Pensamiento agustiniano* 11, (1996) 45-59.

Langa, Pedro Langa Aguilar, «San Agustín en el Concilio Vaticano II». Em *Concreso Agustiniano de Teología, 26-28 de Agosto de 2004, San Agustín um Hombre para Hoy*. Cor. José Demetrio Jiménez, t. II: Buenos Aires: Relegión y Cultura, 2006.

Lepelley, C., *Les cités de l’Afrique romaine au Bas-empire, 2 vols*, Paris: Études Augustiniennes, 1979.

Lindberg, Carter, *Historia do Cristianismo*. Traduzido por Paula Reis. Lisboa: Teorema, 2007.

Lopez, J. García, «La pobreza y los Santos Agustinos, ayer y hoy», *Revista Agustiniana*, vol. LVI, nº 170-171, (2015), 391-404.

Lopes, Ignacio, «Hermenéutica en la Antigedad Tardía: Agustín de Hipona». *Cuadernos Medievales* 22, (2017): 67-83.

Mackenzie, John L., «Pastor». Em *Dicionário Bíblico*, 696-698: São Paulo: Paulus, 1984.

Madrid, Teodoro C., «El ministerio pastoral según San Agustín». *Revista Agustiniana* 122, Vol XL (1999): 653-713.

Meer, F. Van Der, *San Agustín, Pastor de Almas*, Barcelona: Editorial Herder, 1965.

Mohrmann, Ch., «Praedicare-tractare-sermo» *Études sur le latin des Chrétiens*, vol. II, (1961): 63-72.

Munier, Ch., «Audientia episcopalis». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino, t. I: 271-272. Salamanca: Sigueme, 1991.

Negro, Mauro. «A Ciência Hermenêutica e Santo Agostinho». *Revista de Cultura Teológica* 18, n. 71 (2010): 11-26.

Olivar, Alexandre, *La predicación cristiana Antigua*. Barcelona: Herder, 1991.

Perler, Othmar, *Les voyages de Saint Augustin*. Paris: Etudes Augustiniennes, 1969.

Perler, Othmar, *Les voyages de Saint Augustin*. Paris: Etudes Augustiniennes, 1969.

Pellegrino, Michele, *Introduzione, in Sant'Agostino. Discorsi. I (1-50) sul Vecchio Testamento*. Roma: Città nuova, 1979.

Pellegrino, Michele, «S. Agostino, pastore d'anime». Em *Recherches Augustiniennes*, 1, (Turin 1958): 317-338.

Pinheiro, Luiz Antônio, «A atualidade de Santo Agostinho: uma perspectiva teológico-pastoral». *Horizonte* Vol. 7, n.13 (2008): 115-126.

Pinto, Manuel, *O Valor Teológico da liturgia*. Bragança: Artes Gráficas, 2019.

Pollastri, A., «Rapporto tra Gv 10 ed Ez 34. L'interpretazione patristica del «pastore». *Aspetti esegetici, storici, teologici*», Bologna: ASEs 2, 1985.

Pollastri, A., «Pastor». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino, t. II: 1705-1706. Salamanca: Sigueme, 1992.

Poque, Suzanne, «Les lectures liturgiques de l'octave pascale à Hippone d'après les traités de S. Agustin sur la première Epître de Jean» *Revue Bénédictine*, n. 74 (1964): 217-241.

Poque, Suzanne, *Santo Agostinho, Sermões para Páscoa*. Traduzido por António Fazenda. Lisboa: Verbo, 1974.

Ratzinger, Joseph, *O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Sal Terra, 2005.

Riggs, C., «Maniqueísmo». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino, t. II: 1343-1344. Salamanca: Sigueme, 1992.

Ríos, Mario Mendonza, «La Unidad de le Biblia». Em *Congreso Agustiniano de Teología, 26-28 de Agosto de 2004, San Agustín um Hombre para Hoy*. Cor. José Demetrio Jiménez. t. I: 171-205. Buenos Aires: Relegión y Cultura, 2006.

Sahelices, Paulino, «Gratuidad-amor, Línea conductora de la Pastoral Agustiniana». *Revista Agustiniana* vol. XXXIII, (1992): 785-811.

Silva, Gilvan Ventura, «Constâncio II o Anticristo: Hilário de Poitiers e a construção da imagem imperial». *Dimensões* vol. 15 (2003): 219-235.

Simonetti, M., «Sulla técnica exegética di alcuni sermones vetero testamentari di Agostino». *Augustinianum* 25 (1985): 185-203.

Sousa, Mario, *Da "Paroimía" do Pastor à "Parresía" do Cordeiro*, Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 2003.

Trapè, A., *S. Agostino l'uomo, il pastore, il mistico*. Fossano: Esperienze, 1976.

Urbano, Carlota Miranda, *"De excidio Vrbis" e outros sermões sobre a queda de Roma*, Universidade de Coimbra, 2013.

Verdete, Carlos e Senra Coelho, *História da Igreja Católica: Das origens até o Cisma do Oriente (1054)*, Vol. I. Lisboa: Paulus, 2009.

Vizcaíno, Pio de Luis, «San Agustín, Predicador». Em *El pensamiento de San Agustín para el hombre de hoy*. Dir. J. Oroz Reta e J. A. Galindo Rodrigo, t. III: 545-547. Valência: Edicep, 1998.

Zincone, S., «Sermo». Em *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana*. Ed. Angelo Di Berardino. t. II: 1977-1980. Salamanca: Sigueme, 1992.

Índice

Resumo	4
Abstract.....	5
Siglas e abreviaturas	6
Introdução.....	8
Capítulo I.....	11
Agostinho, pastor de Hipona	11
1.1 - Síntese biográfica	11
a) - Debate com o Maniqueísmo	17
b) – Debate com o Donatismo	20
c) - Debate com o Pelagianismo	21
1.1.2 Amigos e correspondentes	24
1.1.3 - Ação pastoral	26
a) - A Igreja local	26
b) - A Igreja africana.....	27
c) - A Igreja universal	29
1.2 - O Bispo na sociedade	31
1.2.1 - Papel dos bispos nos séculos IV e V.....	31
1.2.2 – A Audiência Episcopal.....	35
1.3 - Discípulo e servidor da Palavra.....	37
1.3.1 – Antigo Testamento	37
1.3.2 - Novo Testamento	40
1.3.2.1 - João 10, 1-18	41
1.3.2.2 - 1 Timóteo 3, 1-7.....	42
1.3.2.3 - Tito 1, 5-9.....	44
1.4 - O pastor como servidor	46
1.4.1 - A figura de Pedro	47
1.4.2 - As atitudes de um Pastor.....	49

a) – O “ladroão e o salteador”	50
b) – O mercenário	50
c) - O bom pastor	52
1.4.3 – O Pastor, segundo Cristo	53
Capítulo II	57
Os Sermões	57
2.1 – Os Sermões ao Povo	57
2.1.1 - O auditório do pregador	60
2.1.2. - Objetivo do Sermão: explicar, ensinar e converter	64
a) - Explicar	65
b) - Ensinar.....	66
c) – Converter	67
2.2 – Contexto litúrgico	68
2.2.1 - Um Domingo em Hipona.....	70
a) – A liturgia da palavra	70
b) – O Santo Sacrifício.....	71
2.2.2 - Liturgia da vida	72
2.3 – A Palavra e as palavras: o hermeneuta e servidor da Palavra.....	76
2.3.1 - O pregador ao serviço da Palavra	76
2.3.2 - Hermeneuta e exegeta	80
2.4 – Arte e pedagogia do pregador	83
2.4.1 - Subir (contemplação), descer (pregação) e elevar (conversão)	83
2.4.2 – Conversão de retórica antiga, ao serviço da pregação	88
a) - Instruir: expor as ideias de forma clara e simples	89
b) - Agradar, para manter na escuta	90
c) – Convencer, para levar à ação	92
2.4.3 - Misturar os três géneros	93

Capítulo III	95
A Pastoral de Agostinho	95
3.1 – O fio condutor da pastoral agostiniana	95
a) – A Linha do amor	96
b) – A linha da gratuidade.....	97
3.2 - Agostinho teórico e modelo pastoral	98
3.2.1– Notas características do Pastor de almas	100
a) – A caridade	100
b) - Humildade	102
c) - Pobreza	103
d) - A oração	104
3.2.2 – O papel e o dever do pastor	106
a) – Sentinela do Povo de Deus	106
b) – A formação do Clero	107
c) – Os hereges e cismáticos: apelo à unidade.....	107
d) – Pai de todos.....	108
e) – Médico das almas	108
3.2.3 - Princípio do ofício do Pastor.....	109
a) - O santo temor	109
b) – o cargo e a carga pastoral	109
c) - Realismo	110
d) - Heroísmo	111
3.3 – A Sagrada Escritura fonte pregação.....	111
a) - Dispensador da palavra de Deus	112
b) - Mestre e discípulo	114
3.4 – Posteridade de um modelo	114
3.4.1 A sobrevivência das obras de Agostinho	115

3.4.2 - Beda leitor dos <i>Sermões</i> de Agostinho	116
3.4.3 - Dois <i>Sermonários</i> preservados em Lorsch	117
3.4.4 - O trabalho sobre os manuscritos agostinianos de Sant-Remi de Reims	117
3.4.5 - Agostinho em Portugal	118
3.4.6 - Agostinho nos nossos dias	119
3.4.6.1 - Porque Agostinho continua a interessar hoje aos nossos contemporâneos	121
3.4.6.2 - Atualidade dos Sermões e da pregação de Agostinho.....	122
3.4.6.3 - Que pode dizer o estudo de Agostinho hoje.....	123
Conclusão	125
Bibliografia.....	130